



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔCAVO DA BAHIA CENTRO DE
ARTES, HUMANIDADES E LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA
E DOS POVOS INDÍGENAS**

**TRABALHO E RACIALIZAÇÃO EM SÃO FÉLIX:
O CASO DANNEMANN (1889-1940)**

Fábio Américo Reis Santos

CACHOEIRA – BAHIA

2018

**TRABALHO E RACIALIZAÇÃO EM SÃO FÉLIX:
O CASO DANNEMANN (1889-1940)**

Fábio Américo Reis Santos

Licenciado em História

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2014

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em História da África.

Orientadora: Profa. Dra. Rosy de Oliveira

CACHOEIRA - BAHIA

2018

Santos, Fábio Américo Reis
S237t Trabalho e Racialização em São Félix: o caso Dannemann
(1889-1940) / Fábio Américo Reis Santos. – Cachoeira, 2018.
157 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Profa. Dra. Rosy de Oliveira.

Dissertação (mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

1. Negros. 2. História. 3. São Félix (BA). 4. Recôncavo (BA). 5. Fumo. 6. Indústria. 7. Fotografia. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título. III. Título: O caso Dannemann (1889-1940).

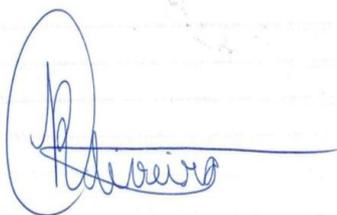
CDD: 305.896081

FÁBIO AMÉRICO REIS SANTOS

**TRABALHO E RACIALIZAÇÃO EM SÃO FÉLIX:
O CASO DANNEMANN (1889-1940)**

Dissertação final apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Cachoeira - BA, _____ de _____ de _____.



Profa. Dra. Rosy de Oliveira (UFRB – Orientadora)



Prof. Dr.ª Luciana Cruz Brito (UFRB – Examinadora Interna)

Leonardo Abreu Reis (FACOM/UFBA – Examinador Externo)

Profa. Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz (UFRB – Examinadora Suplente)

CACHOEIRA – BA

2018

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a conclusão de uma importante etapa da minha vida profissional e pessoal. Refletir sobre este tempo, antes de qualquer coisa, perceber as nuances entre os desafios impostos e os superados frente aos aprendizados, sucessos e frustrações inerentes a esta construção. Não foram poucas as madrugadas em claro na fria rodoviária de Feira de Santana, nem tão pouco os quilômetros percorridos semanalmente entre o Recôncavo e o Sertão. Todavia, as dificuldades estabelecidas aqui não diminuem a satisfação e orgulho de ter trilhado este caminho, que não foi apenas meu.

Inúmeras foram as pessoas importantes neste processo, e sem estabelecer uma hierarquia, humildemente agradeço a todas elas. O companheiro João Paulo Pinto, o dito intelectual orgânico do Recôncavo da Bahia, pela amizade sincera e apoio incondicional a esta empreitada. A toda Residência Universitária Ademir Fernandes e em especial as figuras de Samir, Paulo Ricardo, Gilson Filho entre tantos outros companheiros. A residência da Manga, fase importante deste processo, meu reconhecimento explícito a Patrick, Fred, Jeferson, Wallace, Vitor e não poderia ficar de fora, minha querida Natália.

Tantos outros compartilharam as mesmas dificuldades deste processo, indivíduos que me deram força e apoio tornando-se verdadeiros amigos de uma vida, Cristiano, Vinícius e Jadson meu agradecimento. À UFRB, que apesar das nossas diferenças foi a responsável pelo meu ingresso ao mundo acadêmico. Dentro da instituição os professores, e de uma forma especial Fábio Duarte Joly, Luís Saraiva, Liberac que se tornaram referências para mim. O professor Walter Fraga, pelos ensinamentos e pesquisas, a minha orientadora Rosy de Oliveira, pelas orientações e por acreditar no meu trabalho. Minha gratidão Leonardo Reis, pelas importantes contribuições neste processo e a professora Luciana Brito, por sua humanidade, sensibilidade e apoio ao meu trabalho.

Em especial Ingrid Barbosa, pelo companheirismo, carinho e atenção que foram fundamentais para esta escrita, à minha família pelo apoio a continuidade dos meus estudos. Na longínqua comunidade da Várzea da Pedra, local onde lecionei, meu reconhecimento à toda equipe e à então diretora, Maria Jose, por sua sensibilidade e acolhimento que me permitiu continuar a desenvolver meu trabalho.

Após as vivências advindas dos anos que tive o privilégio de residir no Recôncavo da Bahia, experiência que mudou a forma como vejo e sinto a vida, este trabalho foi pensado como um humilde agradecimento ao seu povo, aos personagens que marcaram minha trajetória, gente que trago e levo para toda vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central compreender como o negro e suas imagens foram concebidas no período caracterizado como pós-abolição em São Félix, no Recôncavo da Bahia. Através das fotografias buscou-se construir uma linha de diálogo com outras fontes investigativas permitindo o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa e quantitativa, o que permitiu avançar sobre a construção de suas vivências em meio ao espaço e tempo. Registros, que além de evidenciarem as transformações, apresentam a modernidade e a prosperidade estabelecida neste centro em função da economia de fumo, permitindo ter uma ideia sobre como o negro inseriu-se neste meio. Neste sentido, ampliou-se o debate dentro do universo fabril, onde destaca-se o protagonismo da mulher negra, configurando-se também como local que será marcado pelos instrumentos de controle e vigilância. Fora das fábricas, o processo de urbanização e crescimento da cidade e seus desdobramentos, e ainda ecoando as efervescência dos conflitos e laços de solidariedades dentro do campo de disputa vivenciados no porto da cidade.

Palavras-Chave: Fotografia. Pós-abolição. Indústria fumageira.

ABSTRACT

The central object of this piece of work is to comprehend how the black people so much as its images were conceived at the period known as post-abolitionist at the town of São Félix, on Recôncavo da Bahia. From the photographs we tried to build a relationship with others investigational fonts, allowing the development of both qualitative and quantitative approach, which permitted to advance above a construction of a living amongst space and time. Registrations which shows the evident changes and furthermore presents the established modernity and prosperity in this center, which stands on smoking industry. This scenario help us to picture how the black people inserted themselves in this place. In this sense, the debate over the fabrics have got wider, where the protagonism of the black woman is quite noticeable, configuring also as a local that should be marked by its control and vigilante instruments. Outside of the industries, the urbanization process and growth of the town such as its unfoldings, and still, the fever of the conflicts and bounds of solidarity inside the dispute field lived in the town dock

Keywords: Photography. Post abolition. Tobacco industry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jornal A Vanguarda.....	21
Figura 2 – Anuncio de Studio fotográfico	31
Figura 3 – Anuncio de Studio fotográfico	32
Figura 4 – Anúncio estúdio fotográfico Gaensly e Lindemann.....	33
Figura 5 – Fotografias das obras realizadas na barragem das Bananeiras.....	36
Figura 6 – Prédios da Companhia Dannemann de Charutos no Recôncavo da Bahia	37
Figura 7 – Membros do Clube dos Alemães em São Félix	39
Figura 8 – Ficha registro de empregados da Dannemann	52
Figura 9 – Ficha registro de empregados da Dannemann	54
Figura 10 – Ficha registro de empregados da Dannemann	56
Figura 11 – Charuteiras no interior de fábrica.....	63
Figura 12 – Negros e a dinâmica de trabalho da fábrica de charutos	67
Figura 13 – Mulher negra em litografia da indústria charuteira	70
Figura 14 – Representação da crioula.....	73
Figura 15 – Fiscalização de estabelecimentos comerciais.....	84
Figura 16 – Fiscalização a estabelecimentos comerciais.....	85
Figura 17 – Atividades comerciais no porto, década de 1920.....	86
Figura 18 – Atividades comerciais no porto, década de 1920.....	87
Figura 19 – Obra de ampliação do cais da cidade de São Félix	94
Figura 20 – Trabalhador urbano negro	96
Figura 21 – Agitação antes da enchente na Rua do Dendê.....	102
Figura 22 – Agitação antes da enchente no centro de São Félix	103
Figura 23 – Doação de mantimentos a desabrigados da enchente.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS

AFSF	Arquivo do Fórum de São Félix
APMSF	Arquivo Público Municipal de São Félix
ARC	Arquivo Regional da Cachoeira
CCS	Casa da Cultura de São Félix
APEBa	Arquivo Público do Estado da Bahia
BND	Biblioteca Nacional Digital
BPEBa	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IMS	Instituto Moreira Salles
MT	Museu Temporal
HDB	Hemeroteca Digital Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – DIÁLOGOS ENTRE FOTOGRAFIA E HISTÓRIA	25
1 A INVENÇÃO DA FOTOGRAFIA	26
1.1 Fotografia e fotógrafos na Bahia e no Recôncavo da Bahia	28
1.2 A Indústria Dannemann em São Félix	37
CAPÍTULO 2 – A COR DO TRABALHO: fotografia e atividade fumageira em São Félix	43
2 CIDADE, MODERNIDADE E A FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA DE FUMO	44
2.1 De casa às fábricas: fotografia e trabalho feminino na indústria fumageira	48
2.2 Preto no branco: relações étnico-raciais na indústria charuteira	50
2.3 A hierarquia de gênero: fotografia e a divisão social do trabalho	56
2.4 A representação do poder: fotografia e os códigos de disciplinamento na indústria fumageira	63
CAPÍTULO 3 – APARECENDO NA FOTO: a cidade e os indesejáveis	76
3 FOTOGRAFIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	77
3.1 Ascensão urbana e os invisíveis: representação da elite sobre o negro	81
3.2 Declínio e retração econômica: o negro como imagem da miséria	95
CONCLUSÃO	107
ANEXOS	110
REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

A fotografia sempre exerceu uma relação de fascínio ao historiador, um desafio a medida que se desdobra sobre ela toda uma rede de significados sintetizados no tempo e espaço. Tomando esta linha de pensamento, e refletindo a respeito do seu caráter como “reprodutora da realidade”, emerge uma questão que percorre a linha dorsal deste trabalho: como o negro foi representado nas fotografias no pós-abolição na cidade de São Félix no Recôncavo da Bahia?¹. Assim, busca-se analisar de quais maneiras essas imagens compõem um cenário que revelam como a primazia da sociedade branca no Recôncavo da Bahia pensou o negro entre as primeiras décadas do século XX. Em quais sentidos estas imagens nos permitem avançar sobre a construção de suas trajetórias, revelando vivências e experiências de liberdade em São Félix no Recôncavo da Bahia.

Representações que buscavam naturalizar as pessoas de cor como inferiores frente ao universo da elite, sendo classificadas sob uma lógica subalterna. Logo, constrói-se uma expressão associada ao passado que em outrora foram escravizados, ou ainda respaldada sobre uma república que insistiu na reprodução de modelos, estereótipo e exotificação dos seus corpos. As eminentes transformações políticas ocorridas no pós-abolição, não vieram a alterar sua atribuição como trabalhador pobre urbano, sem instrução, desprovido de intelectualidade ou moral. Nessas indústrias de fumo, situadas às margens do rio Paraguaçu mulheres, homens e crianças negras passaram a desenvolver uma série de ofícios, atividades degradantes, geralmente de ordem braçal.

Nesta dissertação de mestrado proponho apresentar a fotografia como fonte primária, reveladora da construção do campo das representações do negro nas fábricas e armazéns da indústria fumageira. Evidenciando como as relações de poder se constituíam nestes espaços, bem como suas disputas de poder e relações de subalternidade inerente aos personagens retratados.

A câmera fotográfica, para além da indústria fumageira, também funciona como um forte instrumento de análise do cunho político caracterizado nesta pesquisa que

¹ Apesar de significativa parcela da população negra já terem conquistado sua liberdade antes de 13 de maio de 1888, o que refletiu a experiência de liberdade em diversas localidades do Brasil. Compreende-se como pós-abolição, o período estabelecido ao fim da escravidão como instituição legal, estendendo-se até as primeiras décadas do século XX.

procura registrar as transformações urbanas vivenciadas com a modernidade. Isto é as construções de novas edificações, o alargamento e pavimentação das ruas, construções de praças, surgimento de avenidas, as reformas e ampliação do porto da cidade e da ferrovia. Neste aspecto, se por um lado, as fotografias permitem observar a ampliação dos números de casas de comércio, anualmente, em São Félix até a década de 1920. Indicando que este parece ter sido o momento de prosperidade e de ascensão urbana de São Félix. Por outro lado, elas evidenciam como as intenções de construções de representações dos negros são realçadas nestes documentos daquele contexto.

As Fotografias que abordam o aspecto urbano da cidade de São Félix no decorrer das primeiras quatro décadas do século XX, estando disponíveis em acervos como: Arquivo Público de São Félix, Arquivo Público de Cachoeira, Arquivo do Fórum Municipal de São Félix e Casa da Cultura de São Félix. Os acervos representam importantes possibilidades de diálogo entre a fotografia e a História, sendo fundamentais suas contribuições na construção do conhecimento. Como bem evidencia o historiador (CANABARRO, 2005, p. 23-39), a imagem e sua aproximação ao campo histórico, nos permitem observar dimensões que vão além de descrições, sendo possível o acesso a informações que não poderiam ser obtidas de forma escrita, sendo esta uma das propostas deste trabalho.

A pesquisa foi iniciada ainda na graduação por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sendo digitalizadas 1272 fotografias referentes aos arquivos públicos de Cachoeira e São Félix. No entanto, para este trabalho foram selecionados 135 registros que se enquadram dentro da proposta e recorte estabelecido. Assim as temáticas discutidas ao longo dos capítulos, irão incluir as atividades portuárias da cidade, enchentes e sua relação com a crise instaurada neste centro, as trabalhadoras e trabalhadores, a indústria fumageira Dannemann, o processo de urbanização e remodelamento, a ação fiscalizadora, as obras públicas e de forma mais abrangente, a figura do trabalhador negro.

Ainda no campo das fontes, os jornais são utilizados como fontes que representam uma ligação entre as fotografias e a cidade revelando aspectos importantes da economia e das políticas públicas desenvolvidas naquele centro de estabelecimento do complexo industrial de fumo na cidade de São Félix. Essas fontes destacam as transações da cidade com a capital e os sertões, seja, demonstrando o seu processo de prosperidade, ou até mesmo a sua decadência vinculada aos processos de falências de comerciantes ligados ao complexo industrial de fumo, anunciados nos editais da época. As análises dessas edições possibilita descrever as

dimensões das construções da vida social e do processo de remodelamento urbano da localidade de São Felix /BA.

Nesta pesquisa são abordados quatro jornais: 1) O *Norte*, inaugurado em 1913, situado na Rua Ruy Barbosa, em Cachoeira /BA tendo uma circulação regional e definido como tabloide político e literário; 2) O jornal *A Defesa*, com publicações realizadas semanalmente, com circulação a nível regional, estava locado em São Félix, na Praça Ignácio Tosta e foi inaugurado em 1929, tratava da expansão econômica, política e arte no recôncavo. Já as edições da; 3) *A Vanguarda*, eram publicadas semanalmente na Avenida Salvador Pinto, sendo inaugurado em 1924 em São Félix. O jornal; 4) *A Ordem*, editorial mais velho de circulação entre os mencionados anteriormente, começou a circular ainda no século XIX, com duas publicações semanais, as quarta e aos sábados²

As correspondências demonstram as relações comerciais da cidade com a capital, as localidades interioranas do sertão, as quais São Félix tinha fortes relações. As cartas da Dannemann de 1920 a 1952 fornecem informações mais explícitas sobre as fábricas, os armazéns, os trabalhadores e as trabalhadoras do fumo. Os livros de registros da intendência municipal de 1933 a 1934, 1937 a 1939 e 1940 a 1942 apontam para um melhor entendimento das políticas deliberativas do conselho municipal que refletiam na vida de todos que residiam neste espaço dos arredores das fábricas e dos armazéns situados em São Felix/BA. A análise dessas correspondências contribui para a ampliação da compreensão dos desdobramentos *representativos* das atividades da cultura fumageira na cidade

Nessa perspectiva a análise das fichas de registros das empregadas e dos empregados da Dannemann é fundamental para dimensionar a realidade dos negros vinculados às atividades da cultura de processamento e de comercialização do fumo. Através destes registros é possível obter uma maior compreensão do contexto social destes sujeitos, suas origens e trajetórias de vidas. Bem como as formas de representações de suas condições econômicas, estruturas familiares, etnias, funções desenvolvidas, idades, endereços de residências, entre outros elementos que compõem o cenário onde se estabeleceram os limites de cidadania alcançados entre os sujeitos envolvidos nas atividades das indústrias de fumos no Recôncavo da Bahia.

² Estes Jornais circulavam no Recôncavo da Bahia, capital e regiões interioranas. Para tanto, a dimensão dos tabloides alcançava uma circulação nacional. Entre os principais interesses discutidos estavam a vida social, política e econômica, que juntamente com o rádio, foi um dos principais canais de comunicação na primeira metade do século XX.

Paralelamente as fontes, acima citadas, encontram-se os registros fotográficos dos trabalhadores e das trabalhadoras cujas fotografias permitem a realização de análises simultâneas destes registros. Os quais estão em confluência com temas transversais vinculados a temática ao longo dos capítulos, a exemplo das relações étnico raciais, códigos de disciplinamento e relações de trabalho e gênero.

Processos cívicos e os relatórios são importantes neste trabalho a medida que estes documentos revelam as estratégias da elite comerciante exercer influência no poder municipal, e sua atuação dentro das políticas públicas e sobre atividades econômicas da cidade. Deste modo, as ações executivas municipais ganham valor ao revelarem a disparidade entre os grandes negociantes e os pequenos comerciantes e trabalhadores autônomos do porto de São Félix. O campo de influência da elite branca dentro da esfera pública frente a maioria da população negra local, resulta em uma série de conflitos.

Estes documentos permitem compreender uma lógica implícita nesta sociedade e os seus desdobramentos dentro do campo da fotografia. Desta maneira, as fotografias surgem como instrumento da modernidade, que em grande medida, ajudam a materializar no papel as políticas estabelecidas por estes grupos. O processo de remodelação do espaço urbano, as atividades portuárias no cais da cidade, a dinâmica industrial nas fábricas e armazéns de fumo, a construção de praças entre diversas obras públicas.

Em sua constituição, toda fotografia tem um objeto, uma intencionalidade, o que por si própria remonta distintas visões de mundo. Desde as pequenas fotografias amadoras familiares, até composições mais complexas produzidas em estúdios fotográficos profissionais, todas criam sua própria realidade.³ Refletindo sobre a complexidade da fotografia e a relacionando com um ditado popular, “uma fotografia vale mais do que mil palavras”, é possível compreender que assim como vemos a ambiguidade em um reflexo invertido projetado por um espelho, tal lógica de fato só revela-se verdadeira nos desdobramentos destes registros quando encontramos mil palavras para dar conta do significado de um único registro.

Ao relacionar as imagens ao contexto no qual foram forjadas, especialmente no pós-abolição na cidade de São Felix BA, encontramos duas dimensões: uma singular pautada sobre o olhar do fotógrafo que as produziu e uma plural à medida que seu observador a relaciona ao seu contexto histórico. Todavia, estes indicadores nem sempre

³ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001. p. 43-44.

estabelecem uma relação direta e objetiva, onde por vezes os desdobramentos aparecem de forma mais complexa aos olhos. Deste modo, torna-se necessário que estes que estes documentos sejam analisados de maneira interpretativa, como fontes que possibilitam identificar, em diálogo com as demais fontes, a intencionalidade das representações sociais, políticas e econômicas construídas e difundidas nos registros fotográficos no contexto daquele período acima indicado.

Para (KOSSOY, 2001, p. 43-44), historiador dedicado ao estudo das fotografias e autor de significativa produção sobre as imagens, “a análise fotográfica deve partir do cruzamento com outras fontes, a exemplo de jornais, correspondências, livros de registro.

Assim como os demais documentos elas são plenas ambiguidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro.⁴

Buscando estabelecer uma construção mais aprofundada e ao mesmo tempo objetivando ampliar o debate das ideias que norteiam este trabalho, a análise iconográfica torna-se imprescindível para compreender tanto o seu desenvolvimento quanto também como os elementos são expressos nestes registros. Assim, permitindo contextualizar as imagens no tempo e espaço frente a riqueza de detalhes inerentes à composição fotográfica. Todavia, a partir das “realidades”, ambiguidades e, por vezes, contradições forjadas nestes documentos, realizamos uma análise no plano iconológico, aqui evidenciaremos a compreensão dos sentidos atribuídos a estes documentos. A partir destes do cruzamento de fontes primárias e análises iconográficas e iconológicas buscamos organizar as ideias debatidas neste trabalho.

Desta maneira o primeiro capítulo desta dissertação estabelece a relação entre história e fotografia, ressaltando seus processos criativos e seus respectivos campos de atuação através do tempo e espaço. Isto é, a chegada da fotografia na Bahia e Recôncavo pontuando suas especificidades, ressaltando sua estreita ligação com a modernidade, onde passou a representar um elemento vital dentro da cultura da imagem. O universo de atuação dos profissionais, as lentes e a popularização da fotografia com sua expansão da fotografia amadora.

⁴ KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama da fotografia**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 22.

Ainda no campo das imagens, este capítulo busca desenvolver uma reflexão a cerca da formação da indústria fumageira Dannemann no Recôncavo da Bahia, onde São Félix representa o principal expoente desta atividade, de tal modo que a ascensão desta economia se associa aos processos emancipatório deste centro. Neste contexto, a atividade fumageira torna-se fundamental para compreensão dos movimentos migratórios e da composição da organização do proletariado negro urbano no período, pós-abolição.

No entreposto do fim da escravidão e as eminentes transformações políticas decorridas da transição do império para a república, o importante reconhecimento do direito à liberdade e igualdade de todo e qualquer indivíduo sobre outro. Todavia, esta foi uma sociedade que reinventou as diferenças para manter as hierarquizações entre brancos e negros, afirmando deste modo a superioridade de poucos e a inferioridade de muitos. De forma que, no período do pós-abolição, uma série de estigmas desdobram-se sobre as pessoas de cor, como consequência direta a impossibilidade de uma real condição de igualdade. Valores que o classificam como violentos, desorganizados, criminosos, feiticeiros, desprovidos de qualidades físicas.⁵

O segundo capítulo deste trabalho procura analisar, como a classe trabalhadora negra foi absorvida no interior das fábricas de fumo na cidade de São Félix, no pós-abolição. Evidenciando aspectos de uma abordagem econômica e política que se desdobra na construção de um cenário industrial impulsionado pela economia do fumo, atividade que potencializou o desenvolvimento econômico local. Jornais que circulavam por todo estado estampavam a prosperidade vivenciada neste município, revelando as proporções das safras que cresciam a cada ano, gerando grandes lucros aos cofres do estado.

Destacam-se ainda o protagonismo da mulher negra e papel por elas desenvolvidos nas atividades econômicas que passaram a ditar os rumos empreendidos no Recôncavo na primeira metade do século XX. Tal perspectiva torna-se mais nítida quando analisamos as fichas de registro destas trabalhadoras, ao passo que permitem traçar perfis trazendo à tona as condições nas quais desenvolviam os trabalhos em fábricas e armazéns. A partir do cruzamento estabelecido dessas fontes com as fotografias amplia-se a compreensão da dimensão dos mecanismos de exploração inerente às imagens dessas operárias, bem como as ambiguidades da dupla opressão reveladas nas relações estabelecidas entre brancos e negros e, homens e

⁵ BARCELAR, Jeferson. **A Hierarquia das Raças: cor, trabalho e riqueza após a abolição em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 48-51.

mulheres.

Se no capítulo anterior buscou-se compreender as relações de trabalho inerentes aos negros dentro das fábricas e armazéns de fumo, ressaltando os conflitos e mecanismos de exploração, no capítulo três amplia-se a medida que ultrapassa a dimensão fabril e desdobra-se sobre a cidade. Sob este viés, revelam-se as contradições de uma sociedade que inspira modernidade sobre seu processo de remodelamento urbano, mas que conserva uma mentalidade escravista que se faz presente em seus conflitos sociais. Neste ponto, relacionamos a difusão das chamadas teorias raciais e seus desdobramentos sobre o campo ao qual se constitui os pilares desta sociedade.

As fotografias tornam-se importantes instrumentos que irão denunciar as transformações ocorridas neste espaço, a ideia de progresso e modernidade que caracterizam as primeiras décadas após a emancipação da cidade, bem como, a eclosão da elite negociante que influenciaria os rumos da política e economia no município.

O cenário e os problemas vivenciados pelas pessoas de cor, cuja cidadania fora negada por uma administração pública voltada para os interesses de uma elite comercial e industrial, denuncia a dificuldade e a permanência daquela dentro dos limites do espaço urbano. A eminência de tumultos propagados no cais, conflitos que denunciavam as fortes divergências sociais presentes em São Félix em muitos aspectos revelava-se como opressora com aqueles que a sustentavam nas suas estruturas mais básicas. Sobre estes passos, as imagens irão difundir ideais racistas e segregadoras, à medida que passaram a representar a figura do negro mediante uma condição de inferior ao branco e por vezes, sob uma perspectiva ainda escravista.

A eminência da crise que se abateu sobre a cidade, em virtude da retração econômica do mercado de fumo no Recôncavo, no início da década 1930, tornou-se fato consolidado no início dos anos 1940. Instauravam-se fortes políticas de arrocho tributário a fim de estabelecer uma balança favorável no município, ao passo que as enchentes tornaram-se fatores que agregaram um forte peso para a decadência instituída na cidade. Neste cenário, o negro é representado como porta voz das dificuldades vivenciadas, tornando-se sinônimo de miséria.

Esse período, 1889-1940, será aqui analisado na perspectiva da continuidade de uma mentalidade escravocrata que ainda faz presente nesta sociedade, sobretudo nas primeiras décadas do século xx. É bem verdade que entre aqueles que sobreviveram aos últimos anos da escravidão no Brasil, a abolição se tornou o maior expoente na luta pela liberdade. Sobre suas cabeças ainda ecoavam as vozes de tantos outros que lutaram e perderam suas vidas ao longo dos séculos. Gerações personificadas naqueles que acreditavam que de fato tais mudanças

representariam o alvorecer de novos tempos. O indivíduo que fora visto como mercadoria, propriedade de outro, agora vislumbrava ascender como ser livre.

No Brasil, a abolição se tornou o ápice, a maior conquista na luta pela liberdade, especialmente para aqueles que sobreviveram os últimos anos da escravidão, com a memória dos que lutaram ou perderam vidas ao longo dos séculos que a antecederam.⁶ No que tange a sociedade, essa refletia-se através dos números da exploração e da dependência desta força de trabalho que abarcava cerca de 80 mil pessoas. Conforme afirma (FRAGA, 2010, p. 49-60) no Recôncavo da Bahia, uma significativa parcela destes indivíduos localizavam-se nos engenhos de açúcar, a notícia do treze de maio espalhou-se rapidamente entre as cidades e freguesias, não demorando a chegar às propriedades rurais, causando grande comoção e tensão.⁷

A instituição escravidão já havia se extinguido por toda a América, tendo no Brasil a sua última experiência. A luta pela abolição, bem como as campanhas abolicionistas espalhadas por todo país, havia ganhado peso significativo na sociedade entre as últimas décadas do cárcere. Neste cenário, diversos personagens emergiram em meio à luta, figuras como: Luís Gama, José do Patrocínio, André Rebouças e no Recôncavo da Bahia o maestro Manuel Tranquilino Bastos.⁸

A definição de liberdade para aqueles que foram escravizados, libertos, ou mesmo para “pessoas de cor”, tiveram significados diferentes no pós-abolição em face de uma sociedade escravista. Como evidencia (GOMES, 2007, p.13) o debate a respeito do fim do regime escravocrata está diretamente ligado a questões locais e regionais, criando desdobramentos específicos no espaço e tempo. Se por um lado, alguns anos antes de 1888, o Brasil possuía algumas províncias como Amazonas e Ceará que já haviam decretado o fim da escravidão. Por outro lado, também haviam outros espaços que a sustentava até as últimas instâncias

Dentro dessa perspectiva, a análise sobre o fluxo de inserção, das formas de ocupação territorial de homens e de mulheres negras, nos velhos e nos novos espaços trabalho torna-se necessária à compreensão, especialmente o das migrações do campo para as cidades nas primeiras décadas do século XX. Se por um lado, encontramos a política de embaquecimento

⁶ BARICKMAN, B. J. **O Contra Ponto Baiano**: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no recôncavo. 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 209-227.

⁷ FRAGA FILHO, Walter. Depois da Liberdade: tensão e conflito no pós-abolição, Bahia 1888-1890. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Org.). **História Regional e Local**: discussões e práticas. Salvador: Quarteto, 2010. p. 49-60.

⁸ Sobre os conflitos abolicionistas no Brasil Cf. ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz & Terra, 2002. p. 38-40.

da população no sudeste, através da migração de uma força de trabalho europeia, que passou a ocupar as frentes de trabalho no campo e nas fábricas. No Recôncavo da Bahia, o proletariado no pós-abolição foi negro, onde ocuparam e perpetuaram-se, principalmente, em espaços urbanos a exemplo de São Félix, onde serviram como força matriz na indústria fumageira.

Segundo (CONRAD, 2002, p. 38-40) historiador norte americano dedicado ao estudo da escravidão em suas últimas décadas no Atlântico, entre 1864 e 1877 esta população havia sido reduzida na Bahia da cifra de 300.000 pessoas para 76.838. Outros fatores viriam agregar-se a esta lógica, a exemplo da alta mortalidade entre os negros, fossem eles escravizados, livres ou libertos, devido a falta de acesso a médicos ou hospitais. O comércio interprovincial e sua demanda por mão de obra escravizada utilizada nas extensas plantações de café do Sudeste foram fatores que contribuíram diretamente sobre os custos em manter tal força de trabalho, especialmente nos grandes centros urbanos no Nordeste, como Salvador. Neste contexto, a capital baiana havia reduzido a população cativa de 12% para 2,5%, entre os períodos 1872 a 1888.⁹

No Recôncavo da Bahia, a maior parte dos escravizados já havia obtido liberdade bem antes de maio de 1888. No entanto, processos de alforrias continuavam ocorrendo dentro da esfera da legalidade, sendo instituída pelo estado e mediada sob os pilares das chamadas leis abolicionistas. Outros se tornaram protagonistas de si ao se entenderem enquanto livres e fugirem do cativo, o que também contribuiu para redução da população escravizada antes da abolição.

A busca por liberdade e igualdade em uma sociedade tradicionalmente desigual, motivou uma série de conflitos. Nesta lógica, antigos senhores buscavam a todo custo manter seus privilégios e controle sobre aqueles que haviam sido escravizados. Estes, por sua vez, já não mais se sujeitaram aos maus tratos, castigos e tão pouco às precárias condições que eram impostas. Tais fatores mudariam drasticamente as relações e a dinâmica do mundo do trabalho no pós-abolição, alterando-se a concepção de tempo e espaço.¹⁰

Sob este novo prisma, o fim da escravidão resultou num processo de redistribuição geográfica de parte significativa da população negra no Recôncavo da Bahia. No entreposto daqueles que optaram em permanecer nas mesmas localidades, existiram outros que deram rumos diferentes às suas vidas. Passaram a trabalhar em outras propriedades sobre o regime

⁹ REIS, João José. De Olho no Canto: trabalho de rua na Bahia nas vésperas da abolição. *Revista Afro Ásia*, n. 24, p. 201, 2000.

¹⁰ Maiores reflexões em: FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade**: história de escravos e libertos na Bahia (1870- 1910). Campinas: Editora Unicamp, 2006.

remunerado, ou simplesmente ocupando parte das terras dos seus senhores de engenho de outrora. Como revela o historiador (FRAGA, 2009, p. 3-4) em artigo relacionado às migrações no pós-abolição, a escolha em migrar ou permanecer no mesmo lugar neste contexto dependia de uma série de fatores. Idade, gênero, ocupação, posses e bens eram variantes que influenciaram em suas trajetórias.

Outros migraram para regiões distintas, como fora o caso das frentes de trabalho no Sul da Bahia, onde se estabeleceram nas lavouras cacaeiras. Houve ainda aqueles que sobre a premissa da liberdade, aventuraram-se no desconhecido adentrando os Sertões, entre tantos outros destinos.¹¹ Porém, parcela significativa destes trabalhadores permaneceu no Recôncavo, migrando para pequenos centros urbanos, ao passo que buscavam melhores condições de sustento, almejando uma vida melhor.

Para os que viveram os últimos anos do cárcere escravista, as migrações também estiveram relacionadas ao distanciamento de um passado que ainda os perseguia, mas, sobretudo, o direito de escolher seus destinos. Sobre este aspecto, fato que levou muitos a optarem pelo distanciamento de ofícios mais árduos, a exemplo das penosas lavouras de cana de açúcar. Esses trabalhadores passaram, assim, a incorporar um aglomerado urbano, desenvolvendo uma série de profissões, sendo a maioria num contexto subalterno, em um estado que lhes deviam direitos, que logo descobririam não ter.

O advento do século XX já havia revelado que as heranças colônias ainda iriam persistir sobre o negro na injusta república, em uma sociedade marcada por um ranço escravocrata definida em tons de branco e preto. Tal qual um tabuleiro de xadrez, este fora um jogo cheio de estratégias, onde muitas delas ganhariam tons mais sutis quando comparadas ao chicote que marcavam os corpos no tronco. Porém, tantas outras marcas seriam criadas e perpetuadas ao longo do tempo.

A complexidade atribuída ao fim do regime escravocrata, também possibilitou uma série de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Tais fenômenos contribuíram sob o imaginário do negro, ao passo que buscaram o exercício da cidadania. Como consequência ocorreu uma redistribuição geográfica da população negra que havia ocupado as cidades e vilas do Recôncavo da Bahia, causando grande temor entre a elite branca.¹² contrastava a

¹¹ Entende-se como Sertão as regiões interioranas que estabeleciam relações comerciais e se distinguiam da capital e do Recôncavo. Ver mais em: MILTON, Santos. A Rede Urbana no Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 71-72.

¹² Ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

política hegemônica dominada pela elite branca que pretendia manter a mentalidade escravocrata. Se em outrora, lugar de negro era sinônimo das senzalas e canaviais, tal prerrogativa se mostraria distinta após a abolição.

O processo de emancipação política destes espaços resultou em novos centros urbanos independentes, onde a modernidade forneceria uma diversidade de possibilidades. Entre estas, a criação e ampliação dos estabelecimentos comerciais, intensificação, obras públicas, construção de praças, ruas, edifícios.¹³ Estas transformações representaram frentes de trabalho para aqueles que, em grande medida, conheciam apenas ofícios nas propriedades rurais em São Félix. A perspectiva de escolher onde, em que e quando trabalhar foi algo que passou a ser extremamente relevante.

Esta ideia esteve viva no imaginário destes indivíduos, ao passo que buscavam uma real autonomia, à medida que já tornara-se conhecimento de muitos que foram dos engenhos, onde suas vivências se revelariam de forma menos árduas. Diante dos seus olhos, tornava-se nítida a palpável ideia de reconstruir novas vidas, sob o princípio da liberdade. A possibilidade de deixar o status de propriedade ascendendo ao conceito de cidadão significou, sobretudo, conceber que tal conjuntura não mais os obrigaria a ter apenas deveres, mas pela primeira vez direitos sobre a sociedade que até então não os reconhecia.

Imersos numa mentalidade que obrigava os que viviam sobre os grilhões a necessidade de autorização para circularem em determinados espaços ou horários, a realidade da abolição causou um choque a aqueles que tinham escravizados como propriedade. Como esperado, ocorreram fortes repressões ao que se denominou como “vadiagem” e perturbação da ordem pública¹⁴. O clima de tensão que havia tomado as ruas das cidades resultou no aumento do contingente policial e da repressão nestes espaços.

A representatividade que implicou em ser livre tornou-se questionável quando estes indivíduos passaram a ser privados do livre-arbítrio, não sendo a primeira vez que a elite branca não reconheceria tais direitos.¹⁵ Sobre este prisma, houve a real necessidade de instituir novas instâncias com o intuito de distanciar negros e brancos, a exemplo dos recrutamentos forçados para pessoas de cor. Tal medida viria a coibir a elevada circulação destes indivíduos

¹³ O processo de expansão e emancipação política de São Félix resultou na incorporação de novos espaços. Como foi o caso das freguesias de Muritiba e Cruz das Almas, que não distante também, incorporou localidades rurais como o Outeiro Redondo.

¹⁴ Nota: No contexto do pós-abolição a aglomeração de negros em espaços públicos, sobretudo urbanos foi fortemente reprimida entre os primeiros anos da República no Brasil. Em São Félix, espaços como o mercado municipal e principalmente o porto da cidade.

¹⁵ LIMA, Lenira da Costa. **A Lei do Ventre Livre e os caminhos da Liberdade em Pernambuco: 1871- 1888.** (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco) Recife: [s.n.], 2007. p. 104- 120.

indesejáveis no espaço urbano. Sobre a prática dos recrutamentos na Bahia no pós-abolição, (MAIA, 2007, p. 104-120) pondera que os escolhidos para recrutas eram geralmente homens sem emprego e de “má” conduta; essa última expressão, dúbia e abrangente, permitia enquadrar os diversos tipos de comportamento social: bebida, jogo, brigas, desordem. Os alvos preferenciais eram os indivíduos robustos, que viviam sem ocupação, facilmente enquadrados como ociosos e vadios.¹⁶

Estas medidas foram adotadas sob a justificativa de que homens de cor eram deturpadores da ordem pública, promotores de conflitos frente às “pessoas de boa índole”. Tudo isso tornou perceptível a compreensão do significado da liberdade restrita, mediante uma total ausência de cidadania. O recrutamento aqui é visto como instrumento salvador para aqueles que são entendidos à margem sociedade, praticando crimes ou entregues a vadiagem e embriaguez.¹⁷

A liberdade homens e de mulheres negras escravizadas significou transgressão para a elite branca, no sentido de que o advento da abolição da escravatura atingia diretamente ao direito de propriedade. Mas para boa parte dos negros que vivenciaram tais dias, a liberdade forneceu a perspectiva de construir família, sem o temor de ter seus entes vendidos para outras regiões. Como também a esperança em adquirir um pedaço de terra para plantar, ter uma criação de animais e melhorar suas vidas. Porém, a ideia de ser livre para o negro, não representou um fenômeno estático no tempo, tendo consigo implicações específicas em determinados contextos¹⁸. Estas características forneceram condições para o desenvolvimento de um fértil terreno para os conflitos no fim do regime escravocrata.¹⁹

No Recôncavo da Bahia nos anos logo após a abolição da escravatura, não era mais possível ver o entusiasmo auferido nos dias posteriores ao 13 de maio de 1888. Referência dos estudos relativos a esse período. Sobre a premissa de uma igualdade, os negros buscaram ocupar seu espaço na sociedade e encontraram uma série de obstáculos ao lutarem por sua condição de igual. Se não poderiam ser entendidos como propriedade, tão pouco foram

¹⁶ MAIA, Iacy. **Os treze de maio: polícia e libertos na Bahia pós-abolição. (1888-1889).** 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. p. 53.

¹⁷ Ibidem, p. 33.

¹⁸ Diversos estudos apontam para o fato que a liberdade obtida com o fim da escravidão esteve condicionada a uma série de fatores que impediram o negro de exercer uma real cidadania. Desta forma, esta sociedade refletiu as linhas de um pensamento escravocrata, racista, sobretudo nos espaços urbanos, onde passaram a compor uma população marginalizada em periferias sem acesso a saúde, educação entre outros direitos que implicam a ideia de cidadania. Ver mais em: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Cia da Letras, 1996.; FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

¹⁹ FONER, Eric. O Significado da Liberdade. **Revista Brasileira de História**, n. 9, p. 10, 1998.

enquadrados como cidadãos de direitos. As notícias que circulavam nos periódicos, em suma, buscavam relativizar as memórias do cativo, propondo um discurso de igualdade de raças que não condizia com a realidade.

Para (ALBUQUERQUE, 2004, p. 127) os conflitos e lutas protagonizados pelos negros, em busca da cidadania no pós a abolição, evidenciavam os objetivos da elite brasileira em constituir graus de distinções entre brancos e negros. A autora afirma que a escravidão havia acabado, mas a mentalidade escravista ainda era perpetuada, de modo a criar diferenças pautadas em ordem racial entre os “cidadãos.”²⁰ Esta relação evidencia-se em jornal que circulou em Nazaré das Farinhas, uma semana após a abolição:

Desaparecerão por uma vez, desapareceram para sempre essas relações absurdas de senhor para escravo e de escravo para senhor, tão criminosamente mantida por anos! Risque-se dos dicionários e nunca mais se profira a palavra escravo [...] conserve-se a palavra senhor, pois exprime um tratamento decente que se dá ao cidadão e por que não havendo a palavra escravo, não podem os vindouros ter ideias desta relação absurda.

A ênfase atribuída ao discurso buscava compreender a dicotomia entre senhor e escravo como algo fora da realidade construída ao longo dos séculos. Ao passo que atribui a escravidão como algo absurdo e criminoso, entende a necessidade de manter-se a posição do senhor. Premissa respaldada sobre o princípio da erradicação da palavra escravo, o que por sua vez não veio a alterar os significados implicantes. Trata-se não apenas daqueles que até então tinham seu valor atribuído ao status de propriedade, mas a população negra como um todo.

²⁰ Ibidem, p. 127.

Figura 1 – Jornal A Vanguarda



Fonte: Arquivo Público de São Félix.

21
 Nesse aspecto cabe observar a edição do Jornal *A Vanguarda*, no qual a capa. 13 de maio, 1926, destaca o fim do regime escravista: “Há 38 anos a princesa Isabel redimiu toda uma raça”. A reportagem é ilustrada com uma imagem atribuída ao Fotografo alemão Lindemann, ressaltado a alvorada deste dia como luz que extinguiria todas as mazelas impostas aos negros²¹. O texto avança ao destacar o papel da princesa Isabel neste contexto.

Princesa Isabel magnânima, sentido no coração as nobres palpitações cristãs, ouvindo os gemidos torturados que se erradicavam das senzalas nefandas onde o látigo do despotismo martirizaria. Impiedosamente toda uma raça, cedeu aos grandes impulsos da nobreza de seus sentimentos afetivos redimindo o Brasil de uma mancha torpe que lhe enegrecia a bandeira- a escravidão.

²¹ O trabalho desenvolvido por Lindemann será retomado nos capítulos à frente.

Dentro desta prerrogativa o termo “senhor” não representou no pós-abolição apenas uma ideia sobre diferenciação entre brancos e negros, e conseqüentemente os espaços de privilégios atribuídos à elite. Mas desdobra-se aí, o estabelecimento de três categorias: cor, classe e gênero. Havia se revelado as dificuldades da sociedade em estabelecer a igualdade e reconhecimento dos direitos civis entre brancos e negros. Para os abolicionistas, escravidão e cidadania apresentavam-se como fases distintas de uma moeda nos primeiros anos da república. Tal visão foi compartilhada por (GRINBERG, 2002, p. 316), ao defender que o cativo fora o principal motivo para a não formulação do código civil brasileiro, que só veio a ser constituído em 1917.²² Mesmo de forma tardia, este ainda traria consigo elementos que viriam a conservar os direitos de uma elite branca, ao passo que havia uma discrepância entre o acesso a educação, saúde, entre outros direitos para brancos e negros.

É sobre este cenário que volto o olhar para o Recôncavo, buscando através das fotografias, aliado a um corpo documental de fontes, estabelecer uma reflexão que visa compreender como o negro insere-se nestes espaços após o cárcere. Partindo deste princípio, as palavras do célebre abolicionista Joaquim Nabuco fornecem tons mais vívidos sobre a relação do negro com a fotografia. “Para quem chega ao Brasil, e abre um dos nossos jornais encontra logo uma das fotografias da escravidão atual, mais verdadeira do que qualquer pintura”²³. Tal inclusão evidencia a estreita relação entre a imagem e a sua capacidade na propagação de ideologias de modo a estabelecer uma contínua associação do negro com a escravidão e, por conseqüência, a todos os males vinculados a ela.

Foram recorrentes as tentativas de invisibilização de sua presença no âmbito social, econômico e político, sobretudo frente às teorias sociais de embranquecimento da população.²⁴ Ideias que buscavam distanciar a massa negra do exercício da cidadania plena, ao passo que remontavam construções que aproximam o negro dos antigos grilhões, em uma relação dialética e ideológica entre presente e um passado não tão distante.

²² GRINBERG, Keila. **O Feador dos Brasileiros**: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio. P. Rebolças. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. p. 316.

²³ NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 29.

²⁴ Cf. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004. p. 84-89.

CAPÍTULO 1

DIÁLOGOS ENTRE FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

1 A INVENÇÃO DA FOTOGRAFIA

A ideia de registrar importantes momentos ao longo dos tempos sempre exerceu um fascínio sobre a humanidade. Sobre este princípio, foram desenvolvidas inúmeras formas de imortalizar suas experiências, inspirando e servindo como conhecimento para posteridade. Desde pinturas rupestres encontradas em cavernas nos primórdios dos tempos, até as esculturas da renascença, ao encontro das inúmeras línguas pronunciadas nos mais diversos idiomas, através da escrita. Todos estes fenômenos constituem uma importante face de nossa história

Neste rol, a câmera fotográfica apresenta uma cronologia mais recente, no entanto sua importância é passível de comparação a estes eventos. Para chegar a ela foi necessário percorrer um longo caminho, combinando o conhecimento de várias mentes em diversos campos do conhecimento ao longo de séculos. Físicos, químicos, astrônomos, matemáticos artistas e inventores de várias partes do mundo, contribuíram para sua criação. Deste modo, foi necessário mais do que o desejo e vontade de um artista, para concebê-la: precisava da curiosidade de um cientista.

Todavia o princípio da câmera escura é mencionado desde a Grécia antiga, momento em que foi utilizada para observação de fenômenos naturais desconhecidos, a exemplo da observação de Aristóteles sobre o eclipse parcial e seus efeitos nas folhas de uma árvore. No século XI, astrônomos aproveitavam a câmera escura como orientação ao traçar caminhos que tomavam como referência as estrelas. Mais tarde, artistas tiraram proveito do mesmo método na composição de obras de arte.²⁵ Este processo contribuiu para a difusão dos estudos entre intelectuais, levando a compreensão que o tamanho da fenda e a distância do que se observava determinava a qualidade do foco da imagem.²⁶

Neste ponto, já era possível controlar certa qualidade das imagens, todavia não havia ainda meios para materializar o que se visualizava sem a presença de um artista. Sobre esta perspectiva, que os estudos químicos realizados sugeriam que alguns produtos favoreciam a formação de imagens, o processo ainda revelava-se ineficaz, à medida que as imagens capturadas tornavam-se escurecidas. Descobria-se que era a luz e não o calor, o responsável que materializa as imagens através dos cristais de prata, que convertiam-se em prata metálica

²⁵ AMAR, Pierre-Jean. **História da fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 11.

²⁶ MIGUEL, Luís Bernardo. **História da Luz e das Cores**: Lendas, supertições, magias, história ciência e Técnica. [S.l.]: Universidade do Porto, 2009. p. 176-178.

negra. Assim, foi possível pela primeira vez criar um registro material, realizado através de folhas de uma árvore sobre um couro branco.²⁷

Em meio a uma sociedade industrializada, que demandava a necessidade de fonte de informações visuais, ao tempo que abarcasse uma rápida circulação, com fácil acesso e grande distribuição, outra técnica de reprodução de imagens já havia se popularizado na Europa, as litografias²⁸. Foi neste contexto em que o inventor francês Joseph Nicéphore Niépce, visando solucionar os problemas referentes a construção dos moldes para litografias, tentou, através da câmera escura, obter uma imagem permanente. Para isso utilizou cloreto de prata, expondo a luz por algumas horas e obtendo uma negativa da imagem; o problema foi solucionado na medida que esta placa foi exposta por oito horas na câmera escura, obtendo uma imagem em preto e branco que não serviria como litografia, mas que a história considera como a primeira fotografia.²⁹

A busca pelo aperfeiçoamento do processo foi realizada por Louis Jacques Mandé Daguerre, pintor, físico e inventor, que havia se tornado sócio de Niépce três anos antes de sua morte. Desdobrava-se o desafio de melhorar a qualidade e diminuir tempo de exposição das imagens. Em 1834, Daguerre havia conseguido constituir imagens em baixo relevo e com riqueza em detalhes, diminuindo o tempo de exposição para trinta minutos. Surgia o daguerreotipo, que entre os anos seguintes iriam se espalhar pelo mundo, contribuindo com a abertura dos primeiros estúdios de fotografia.

O nascimento do daguerreótipo causou um forte impacto, principalmente frente ao campo da arte. O universo da pintura havia estremecido, já que agora era possível ter acesso a expressões de arte que dispensava a ideia de pousar por horas, a exemplo da constituição dos quadros. Os detalhes empreendidos nas imagens ganhavam o tom da verdade, enchendo os olhos de quem as observava. A novidade havia atraído as atenções, em muitos aspectos, para além da representação artística nos quadros. Como evidenciou a historiadora Sandra Koutsoukos, houve quem acreditasse que aqueles seriam os últimos dias da pintura, ao mencionar a experiência do pintor francês, Paul Delaroche com a fotografia.³⁰

²⁷ HACKING, Juliet. **Tudo sobre Fotografia**. [S.l.]: Sextante, 2012. p. 18-19.

²⁸ A litografia foi amplamente utilizada no século XIX, servindo como importante instrumento da recente imprensa. Deste modo, permitia a rápida circulação de textos e desenhos, em diversas camadas sociais e com baixo custo. A possibilidade de ser impressa em diversos formatos e materiais como madeira, tecido, plástico e papel, também fomentou sua vinculação ao universo artístico.

²⁹ HACKING, op. cit., p. 19.

³⁰ Neste contexto diversos artistas migraram do campo da pintura para a fotografia, ao passo que se chegou a acreditar na morte da pintura. No entanto, neste mesmo período surgia o movimento Impressionista, que teve forte influência no campo da pintura, revelando assim, que os quadros também teriam seu lugar ao sol. Foi característica deste movimento um enquadramento mais causal, a ideia de movimento e espontaneidade dos

Ainda na segunda metade do século XIX, a fotografia já havia sido difundida e popularizada na Europa e logo depois ganharia o mundo. O desenvolvimento em escala industrial - fato que aumentou consideravelmente o volume e o acesso aos equipamentos fotográficos -, o barateamento dos equipamentos, o surgimento dos cartões fotográficos foram fatores que contribuíram para sua expansão e popularização³¹.

1.1 Fotografia e fotógrafos na Bahia e no Recôncavo da Bahia

A ideia de que a história da fotografia no Brasil tenha começado na Bahia em 1839, é sustentada pela fotografa e pesquisadora (SAMPAIO, 2006, p. 13-82) e pela historiadora (VASCONCELLOS, 2006, p. 27-87) em sua tese³². Nesta época o abade Louis Compte esteve na capital baiana por três dias antes de embarcar para o Rio de Janeiro.³³ Foi através do daguerreótipo que os brasileiros passaram a conhecer a fotografia. É bem verdade que o processo fotográfico ainda apresentava certos inconvenientes a quem buscava guardar sua imagem no papel. Em seus primórdios, o indivíduo deveria permanecer imóvel por cerca de vinte minutos, onde só lhe era permitido fechar os olhos, que posteriormente poderiam ser representados abertos. Como afirmou Koutsoukos, era necessário parecer um morto, para ser representado como um vivo, à medida que qualquer movimento poderia causar uma distorção na imagem.³⁴

Em meados do século XIX já havia fotógrafos profissionais que atuavam na capital baiana, Salvador, que integrava o primeiro circuito da fotografia no Brasil, incluindo também Recife e Rio de Janeiro e posteriormente São Paulo. Estas cidades tornaram-se os principais

personagens. Cf. CASTLE, Peter. Collecting and valuing old photographs. Londres, Bell & Hyman, 1979. In: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX.** (Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas) Campinas: Instituto de Artes, 2006.

³¹ Sobre a popularização da fotografia, o advento da impressão no papel foi um fator que veio a contribuir com diminuição dos custos do processo fotográfico, aliado a invenção do negativo, o que possibilitou a obtenção de diversas cópias de uma mesma fotografia. Ver mais em: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX.** (Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas) Campinas: Instituto de Artes, 2006. p. 21-22.

³² Cf. SAMPAIO, Maria Guimarães. Da Photographia à Fotografia (1839-1949). In: ALVES, Aristides (Coord.). **A Fotografia na Bahia (1839-2006).** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Funcultura; Asa Foto, 2006. p. 13-82; VASCONCELLOS, Christiane Silva de. **O circuito social da fotografia da gente negra, Salvador 1860-1916.** (Dissertação - Universidade Federal da Bahia) Salvador: [s.n.], 2006.

³³ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos. **“Ofereço meu original como lembrança”**: circuito social da fotografia nos sertões da Bahia (1900-1950). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. p. 28.

³⁴ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX.** 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 17.

pontos de referência para os fotógrafos europeus que desembarcavam nos trópicos. Em regra, estes fotógrafos eram homens, brancos e europeus, e buscaram acessar um novo campo de exploração da fotografia, ao passo que procuravam acumular fortunas como o novo mercado.³⁵

Nomes como Charles Forest Frederick, que se estabeleceu na capital baiana durante sua viagem na América do Sul, atuando como professor daguerrotipista e retratista; o fotógrafo francês Jean Victor Frond, que posteriormente veio a fixar-se no Rio de Janeiro³⁶; o inglês Ben Mulock, reconhecido por contribuir com a identidade visual da capital baiana no século XIX³⁷; o fotógrafo e professor de desenho e de língua italiana, Camillo Vedani, que esteve na Bahia entre 1860-1865.³⁸

Segundo (VASCONCELLOS, 2006, p.32) neste período não foi incomum encontrar fotógrafos que desenvolviam suas imagens de forma itinerante, desta forma, desenvolvendo trabalho não apenas em âmbito regional, mas, sobretudo, em estados diferentes.³⁹ Entre os anos que se seguiram, foram abertos os primeiros estúdios fotográficos na cidade da Bahia, sempre situados em áreas nobres entre comércios refinados. Em poucos anos, estes ateliês fotográficos multiplicaram-se a exemplo do que ocorria no nordeste e sudeste. Um bom exemplo desta tendência é possível se identificar no Rio de Janeiro, onde o primeiro estúdio fotográfico foi aberto em 1847, sendo que uma década depois, esse número subiu para dez, chegando a trinta em 1864.⁴⁰

Em Salvador na segunda metade do século XIX, os principais estúdios fotográficos estiveram localizados em: Photographia Artística (Rua Chile, 26, Bahia), Alberto Henschel & Cia (Rua Direita da Piedade, 16, Bahia), Pedro Gonsalves da Silva (Rua Direita do Palácio, 8, Bahia), Bahia), D. Gramacho (Bahia) e Photographia Moderna, de Generoso Portella (Ladeira de São Bento, 8, Bahia) Gaensly Lindemann (Largo Castro Alves, 92).⁴¹

³⁵ KOSSOY, Boris. **Hercule Florence**: A descoberta isolada da fotografia no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

³⁶ Brasileira Fotográfica. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3885>> Acesso em: 08/11/2017.

³⁷ Guia Geográfico Salvador Antiga. Disponível em: <<http://www.salvador-antiga.com/fotografos/ben-mulock.htm>> Acesso em: 08/11/2017.

³⁸ Brasileira Fotográfica. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=camillo-vedani>> Acesso em: 08/11/2017.

³⁹ VASCONCELLOS, Christiane Silva de. **O circuito social da fotografia da gente negra, Salvador 1860-1916**. (Dissertação - Universidade Federal da Bahia) Salvador: [s.n.], 2006. p. 32.

⁴⁰ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo**: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 17-18.

⁴¹ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos. **“Ofereço meu original como lembrança”**: circuito social da fotografia nos sertões da Bahia (1900-1950). (Tese - Universidade Federal da Bahia) Salvador: [s.n.], 2014. p. 26.

Os ateliês fotográficos eram de fato ambientes requintados, além de sempre bem situados, sempre em áreas ilustres o que já lhes concebiam certa distinção, estes espaços eram projetados para causar um bem-estar a quem estivesse disposto a ser retratado. Esta estratégia esteve sustentada sobre dois pilares: a visão que se tinha destes recintos - revelando a eminência de prestígio social - e as formas de relaxar o cliente, permitindo assim expressões mais leves nas fotografias. Como afirma (KOUTSOUKOS, 2006, p .18-21) “sobre os studios fotográficos, montaram verdadeiros palácios de mármore, pinturas especiais, viveiros de pássaros, plantas raras. Tudo ali reunido serviria para distrair as precauções a alma do visitante”.⁴²

Em pouco tempo havia ampliado-se o campo de concorrência entre os profissionais da fotografia, fato que desencadeou a busca por materiais atrativos a fim de aproximar cada vez mais clientes para estes estabelecimentos. É nestes sentindo que as estruturas externas, com vitrines convidativas a quem passava pela rua, e tinham no seu interior a complexidade de um ambiente sofisticado e de qualidade.⁴³ Segundo historiador (OLIVEIRA ,2016, p .3) autor voltado ao estudo da fotografia e sua relação com sertão baiano, Salvador já contava com diversos de estúdios fotográficos na transição para o século XX.⁴⁴ Ao passo que remonta as trajetórias dos indivíduos que se deslocavam do sertão a capital baiana.

A Bahia contou com a presença de diversos profissionais estrangeiros e brasileiros atuando no ramo da fotografia desde meados do século XIX. No início dos novecentos, já havia mais de uma dezena de ateliês instalados nas ruas do centro comercial e cultural de Salvador. Entre os clientes que buscavam seus retratos, além de membros das famílias ricas e dos setores médios soteropolitanos, estavam aqueles provindos dos sertões que em passeio ou negócios visitavam a capital. A ida para a Bahia gerava uma oportunidade, entre outras ansiosamente esperadas, de tirar seu retrato em um salão de pose de um ateliê fotográfico. Muitos ficavam meses ou anos aguardando aquele momento fascinante! A fotografia chegou aos sertões inicialmente pelas mãos daquelas pessoas. Com o tempo, representantes dos ateliês profissionais da capital partiram em busca de novos clientes por cidades dos sertões,⁴⁵ contribuindo para a ampliação de público consumidor no Estado.

As atividades destes profissionais estiveram em boa medida concentradas nos grandes centros urbanos no século XIX. Com a popularização da fotografia, as imagens chegavam a

⁴² KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX.** 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 18-21.

⁴³ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos. “**Ofereço meu original como lembrança**”: circuito social da fotografia nos sertões da Bahia (1900-1950). 1975. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975. p 87-89.

⁴⁴ Id.,. Executa, com esmero, retratos em todos os typos e pelos melhores preços: arte e ofício de photographos nos sertões baianos. **Revista Perspectiva Histórica**, n. 7, jan./jun. 2016.

⁴⁵ Ibidem, p. 135-136 .

um número cada vez maior de pessoas, fossem através de uma nova geração de fotógrafos ou mesmo por meio da crescente fotografia amadora. Tais fatores ampliaram ainda mais o campo de disputa da profissão, que não mais estaria reduzido a estrangeiros, nem aos grandes centros. Esta conjuntura permitiu a ampliação do campo de atuação destes fotógrafos, que agora, também passariam a registrar eventos em outras localidades a exemplo dos sertões e do Recôncavo da Bahia.

Os jornais, que neste momento representavam uma das maiores fontes de informação devido à grande circulação serviram com fonte de propagação da ampliação do campo de trabalho destes fotógrafos. Nestes anúncios evidenciavam-se as qualidades específicas destes estabelecimentos, e inseriam-se aí uma série de elementos distintivos, a exemplo das premiações acumuladas por estes profissionais ao longo do tempo.

Tomemos o anúncio do fotógrafo suíço Guilherme Gaensly, que tinha seu atelier situado na Ladeira de São Bento, que foi publicado no Jornal da Bahia, periódico que tinha circulação nacional em 1875.⁴⁶ Aqui é valorizada a composição de cenários, fundos, mobílias que incorporavam um bojo de informações responsáveis pela composição do ambiente onde o cliente era retratado. O fácil acesso, e a garantia de boas fotografias em dias de chuva ou sol tornavam-se garantias aos clientes. Informação de preços reduzidos, o que pode indicar uma diversidade da clientela, tendo em vista que classes populares também passaram a frequentar estes espaços, sobretudo no século XX.

⁴⁶ Biblioteca Nacional Digital Brasil. Jornal da Bahia, 1875. Edição 197. p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=815063&PagFis=312&Pesq=>> Acesso em: 11 nov. 2017.

Figura 2 – Anúncio de Studio fotográfico



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Jornal da Bahia, 1875.

Seguindo esta mesma linha, encontramos o anúncio da Photographia Lindemann, no jornal O Paraguassú, periódico de grande circulação no Recôncavo da Bahia e em Salvador em 1881. O jovem alemão Frederick Rodolfo Lindemann foi mais um dentre os fotógrafos estrangeiros que viram no Brasil a possibilidade de enriquecer, através do crescente mercado das fotografias. Aos 29 anos de idade chegava às terras baianas, em dezembro de 1879, segundo os estudos da historiadora (SANTANA, 2013, p.89), em trabalho sobre a produção de cartões postais.⁴⁷ Lindemann abriu dois Studios, o primeiro em Recife e outro em Salvador⁴⁸.

47 SANTANA, Maria da Ajuda Santos. Imagens Valiosas: Cartões postais valorizam a Chapada Diamantina para atrair investidores, numa época de franca decadência das minas. In: **Revista de História**, n. 89, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/219242644/Maria-Santana-Imagens-Valiosas>> Acesso em: 07 jan. 2018.

48 A ideia de abrir ateliês fotográficos em capitais distintas não era algo incomum na segunda metade do século XIX. Outros fotógrafos também desenvolveram atividades em mais de uma capital e inclusive simultaneamente, fora o caso de Antonio Lopes Cardoso que abriu seus estúdios, em Recife e em Salvador (1870). No entanto, houve quem fosse além das duas capitais do nordeste, como o alemão Albert Henschel, que ainda desenvolveu trabalhos no Rio de Janeiro (1870).

Figura 3- Anúncio de Studio fotográfico

PHOTOGRAPHIA LINDEMANN

A mais bem montada e que maiores vantagens oferece aos seus freguezes

Trabalhos garantidos e pelos processos mais modernos actualmente usados na

EUROPA
E
America do Norte

Photo-gravuras,
Photo-zincographias,

Cinematographias,
assim como todo
trabalho de
TYPOGRAPHIA

A UNICA NO BRAZIL QUE OBTIVE
Grande premio e medalha de ouro
NA
EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Praça Castro Alves, 92--BAHIA

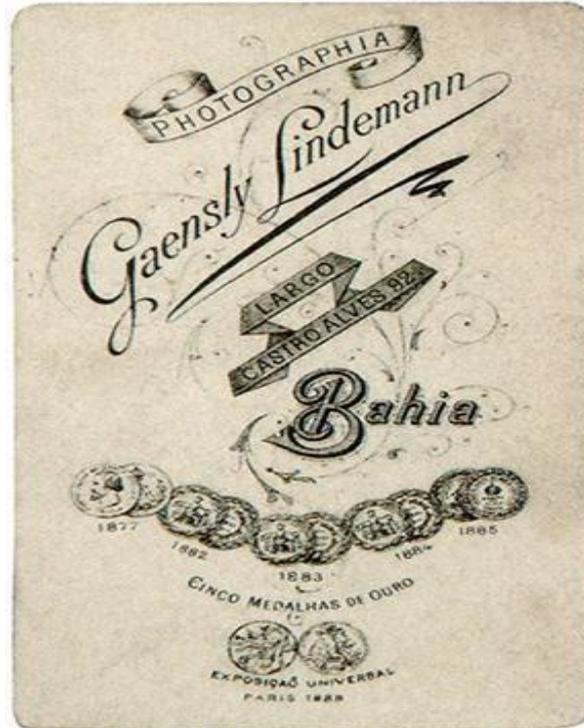
Fonte: Arquivo Público Municipal de São Félix

O anúncio traz na parte central, uma imagem do sobrado onde está situado seu atelier fotográfico. Também é possível identificar a confluência destes estabelecimentos ao conceito de modernidade. Neste campo, valorizam-se as experiências vinculadas aos studios norte-americanos e, sobretudo, os europeus, que eram sinônimos de qualidade, bom gosto e refinamento. Este documento revela que para além das fotografias, Lindemann trabalhava com typographies e até cinematographies. Na margem inferior direita, ainda encontramos a evidência de uma premiação, que aqui vincula-se como elemento distintivo de qualidade.

Em um contexto de expansão e popularização da fotografia, a concorrência entre os studios fotográficos também vinha crescendo, e neste sentido, a formação de sociedade entre estes profissionais não foi algo incomum neste meio. O próprio Guilherme Gaensly havia aprendido a profissão no ateliê, estabelecendo parceria com Alberto Henschel, antes de abrir o seu próprio. No entanto, a maior união entre fotógrafos foi realizada entre Gaensly e Lindemann, que veio a exceder a dimensão profissional quando Lindemann casou-se com a

irmã de seu sócio.⁴⁹ A parceria, que havia começado em 1882, ampliou-se com a abertura de um novo studio em São Paulo, onde o suíço passou atuar em 1884.⁵⁰

Figura 4 – Anúncio estúdio fotográfico Gaensly e Lindemann



Fonte: Instituto Moreira Salles

A aliança entre os dois fotógrafos revelou-se lucrativa para ambos, consolidado seus nomes no mercado fotográfico nacional. O cartão de visitas ilustra as premiações consecutivas entre os anos subsequentes à formação da parceria, ao passo que buscam expor os trabalhos realizados em exposições internacionais de fotografias. Através do endereço atribuído, que está situado no Largo Castro Alves, n. 92, percebe-se que esta junção conservou o endereço do ateliê de Lindemann. É possível que esta escolha reflita sobre sua localização mais privilegiada em comparação Ladeira de São Bento, onde estava situado o antigo studio de Gaensly.

Na transição para o século XX, a fotografia havia deixado de ser um atributo da modernidade reduzido à elite. O incremento da industrialização e, por consequência, das

⁴⁹ SANTOS, Isis Freitas dos. “Gosta dessa baiana?” Crioulas e outras baianas nos cartões. Postais de Lindemann (1880-1920). 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p. 17-34.

⁵⁰ INSTITUTO Moreira Salles. **Guilherme Gaensly**. Disponível em: <<https://ims.com.br/titular-colecao/guilherme-gaensly/>> Acesso em: 12 nov. 2017.

práticas capitalistas contribuíram para a difusão da fotografia entre as classes populares. Esta tendência forneceu as bases necessárias para o desenvolvimento do foto-amadorismo não apenas na capital, mas também nas localidades interioranas. À medida que foi possível ter acessibilidade a equipamentos e materiais específicos, não mais se desdobrava a necessidade sobre conhecimentos químicos para compor as imagens.

Estes novos tempos exigiram uma adaptação para os donos dos ateliês fotográficos, levando a profissionais que atuavam nestes espaços a desempenharem outras funções dentro de outras esferas comerciais. Deste modo, passaram a fornecer equipamentos para a fotografia amadora, tendo em vista que a cada ano, cada vez mais pessoas tinham acesso a uma câmera fotográfica. Tais modificações transformaram e ampliaram o campo de atuação destes profissionais, que passaram a prestar serviços a órgãos do governo, registrando autoridades e eventos sociais.

Em tese dedicada ao circuito das fotografias no Sertão baiano, na primeira metade do século XX, (OLIVEIRA, 2014, p. 18) defende a ideia que o fotojornalismo e a imprensa ilustrada ganham novas dimensões neste contexto.⁵¹ Logo as fotografias ganhariam cada vez mais espaço nestes periódicos, e deram visibilidade comercial aos mais diversos campos. Entre eventos e colunas sociais promovidos pela elite, eventos políticos, obras e as transformações urbanas.

No Recôncavo da Bahia encontramos um cenário semelhante à medida que localizamos diversos registros associados à propagação de produtos, lojas ou serviços em um processo que intensificou-se nos anos seguintes. É bem verdade que neste período o campo de atuação dos profissionais da fotografia foi significadamente alterado, possibilitando novos campos de atuação. Este foi um momento onde a sociedade apresentaria novas demandas para além das fotografias de studios.

Neste trabalho, defende-se a ideia que é neste contexto que alguns fotógrafos no Recôncavo da Bahia ganham maior expressão e notoriedade em São Félix, ao passo que a popularização e a nova dinâmica comercial, inerente a fotografia, veio possibilitar o afloramento de novas perspectivas. Assim, o processo emancipatório da cidade, aliado ao potencial econômico vinculado às indústrias do fumo permitiram constituir um cenário

⁵¹ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos. “**Ofereço meu original como lembrança**”: circuito social da fotografia nos sertões da Bahia (1900-1950). 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p.

propício ao desenvolvimento. Foi através das lentes de fotógrafos como Pilar, J. Nogueira e Batista que as imagens deste tempo chegaram a nossos dias.⁵²

Acredita-se que fatores internos e externos contribuam para sustentar este fato, ao passo que a maior parte da cidade foi edificada as margens do rio Paraguaçu. Deste modo, as constantes cheias do rio Paraguaçu representaram um fator que certamente veio a dificultar a viabilidade da presença de estúdios na cidade, bem como na maioria das cidades circunvizinhas, a exemplo de Cachoeira, Maragogipe, que também se encontram em nível semelhante às margens do rio.⁵³

Outro fator a ser considerado é que de forma divergente ao sertão, o Recôncavo da Bahia apresenta uma proximidade com Salvador, onde através do Paraguaçu, em poucas horas era possível se chegar na capital baiana por meio dos vapores que saíam de Cachoeira duas vezes ao dia e em horários que variam de acordo com a força das mares.⁵⁴ Neste contexto, eram avistadas as velas dos saveiros que abasteciam a cidade de Salvador com uma infinidade de gêneros alimentícios apontando no horizonte da Feira dos Meninos, na cidade baixa. Desta forma, defende-se aqui a ideia que ainda no desdobrar do século XX, cidades constituídas as margens do Paraguaçu ainda elaboravam suas fotografias em ateliês na capital.

Todavia, este fato não impossibilitou a excursão de fotógrafos da capital ao Recôncavo da Bahia, onde a diversificação do mercado fotográfico e proximidade tornaram esta relação bem estreita. Assim, não foi raro encontrar trabalhos destes profissionais fora da baía de todos os santos. É neste contexto que os grandes estúdios passaram a fornecer serviços e materiais fotográficos ao público crescente deste seguimento, que certamente incluiu fotógrafos amadores e profissionais, fato que contribuiu com a propagação da fotografia.

Como exemplo, estão as atividades desenvolvidas por Lindemann no Recôncavo durante as primeiras décadas do século XX. Os primeiros registros encontrados do fotógrafo alemão foram publicadas no jornal o Propulsor, em 16 de maio 1911, onde as fotografias se remetem as obras que a Companhia Brasileira de Energia Elétrica estava efetuando na São dez fotografias que retratam o desenvolvimento e os estágios das obras:

⁵² No decorrer da pesquisa não foram localizados sinais de ateliês ou laboratórios fotográficos em São Félix ou no Recôncavo da Bahia, ao passo que foi possível identificar linhas documentais que permitissem o aprofundamento a respeito dos fotógrafos atuantes na cidade de São Félix ou cidades vizinhas neste período.

⁵³ Desde 1814, momento ao qual se passou a registrar as enchentes na cidade de São Félix, foram computadas 34 cheias do Paraguaçu. Através dos tempos, a invasão das águas as ruas da cidade, foi um evento natural, que ocorreria durante os primeiros meses do ano, ocasionado pelas fortes chuvas ocorridas na parte superior do rio. Estes eventos poderiam durar semanas até o reestabelecimento do nível normal do fluxo das águas. A última enchente registra data de 1989, momento ao qual obteve-se um controle mais efetivo sobre o nível das águas.

⁵⁴ Arquivo Público de São Félix. Série jornais: O Correio de São Félix. Estante 03. Caixa 1.

⁵⁵ Arquivo público de São Félix. Série Jornais. O Propulsor. Estante 03. Caixa 02.

construção de ponte, tubulações, maquinários, trabalhadores. Após ser concluída, a barragem passou gerar energia elétrica para São Félix e para cidades circunvizinhas, onde então a iluminação pública era limitada.

Figura 5 – Fotografias das obras realizadas na barragem das Bananeiras



Fonte: Arquivo Público de São Félix.

1.2 A Indústria Dannemann em São Félix

Já em 2 de abril de 1925, o jornal A Vanguarda fazia menção ao notável estabelecimento fumageiro da industria Dannemann em São Félix. As fotografias de Lindemann estampavam toda uma página com imagens das fachadas das fábricas e armazéns. Os negócios da Dannemann a esta altura já se estendiam por diversas cidades no Recôncavo da Bahia, revelando assim a formação de um parque industrial da marca. Fizeram parte deste empreendimento: São Félix, Maragogipe, Muritiba, Nagé, Cruz das Almas, São Gonçalo dos Campos, São José e Conceição de Feira.

Na edição do periódico são dispostas cinco fotografias. Ganha destaque na margem superior em maior dimensão, a composição de três grandes sobrados, onde funcionavam o escritório da companhia e diversas seções da fábrica em São Félix. Em seguida o prédio onde funcionava o almoxarifado da indústria, ambos localizados na Rua Coronel João Severino Neto. As três imagens em dimensões reduzidas, retratam as filiais respectivamente em Muritiba, Maragogipe e Nagé.

Figura 6 – Prédios da Companhia Dannemann de Charutos no Recôncavo da Bahia



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A companhia Dannemann foi fundada pelo alemão Gerhard Dannemann, em 1873 em São Félix contando inicialmente com apenas seis funcionários. Ainda jovem aos 22 anos desembarcava em Salvador depois da guerra franco-alemã⁵⁶. Passou uma curta temporada na capital baiana, e pouco tempo depois deslocou-se para São Félix. Da Alemanha, trouxe o conhecimento adquirido ao trabalhar na importadora de fumo L.G. MEYER, em Freiburg, experiência posteriormente aplicada no Recôncavo da Bahia onde encontrou um fértil

⁵⁶ O conflito bélico que resultou na formação do Império Alemão ficou conhecido como Guerra Franco-Prussiana, ocorreu entre 1870-1871, e incluiu a França, Confederação Alemã do Norte e regiões ao sul a exemplo Baden, Baviera Wurttemberg e o reino da Prússia.

desenvolvimento. Em poucos anos, já havia consolidado ligações comerciais na Europa, onde passou a exportar sua crescente produção.⁵⁷

A história da Companhia Dannemann em São Félix se confunde com a fase de ascensão deste centro urbano iniciada ainda nas últimas décadas do século XIX. Em poucos anos suas atividades comerciais foram acumulando fortuna e prestígio entre a elite comercial e política. Neste cenário, Geraldo Dannemann, como aqui ficou conhecido, foi se consolidando como um dos principais articuladores políticos no contexto de ascensão do até então povoado⁵⁸.

A proclamação da república em novembro de 1889, contribuiu para formação de um ambiente favorável a todos aqueles que desejavam o avanço do projeto emancipatório. Esta informação ganhou contornos reais após o reordenamento dos quadros políticos proporcionados pela república, elevando o povoado de São Félix à categoria de Vila em 20 de Dezembro de 1889. Em visita ao recôncavo, o primeiro governador da Bahia, Manoel Vittorino Pereira, já tinha consciência da importância estratégica do Recôncavo para a economia do estado e do papel de São Félix dentro da economia do fumo.

Buscando estabelecer relações com as lideranças industriais locais, três meses depois Geraldo Dannemann foi empossado como primeiro intendente de São Félix. O prestígio político alcançado revela-se à medida que a naturalidade alemã não foi um fato que o impossibilitou de governar, todavia, veio a naturalizar-se em seguida, em 20 de março do mesmo ano. O ano de 1889 não havia acabado quando em 18 de dezembro, São Félix foi elevada a categoria de cidade baiana.

Entre as estratégias desenvolvidas por Geraldo Dannemann para aumentar seu campo de influência entre a elite local, esteve a criação Clube dos Alemães. Bem mais que um clube social reservado a homens ricos da cidade, este foi um dos espaços em que mais se discutia os rumos da política e economia de São Félix. Situado na Avenida Salvador Pinto em meio a armazéns e fábricas de charuto, o Clube dos Alemães começou a desenvolver suas atividades em 1887, estendendo-se ao final da década de 30 do século XX.⁵⁹ Apesar da referência alemã,

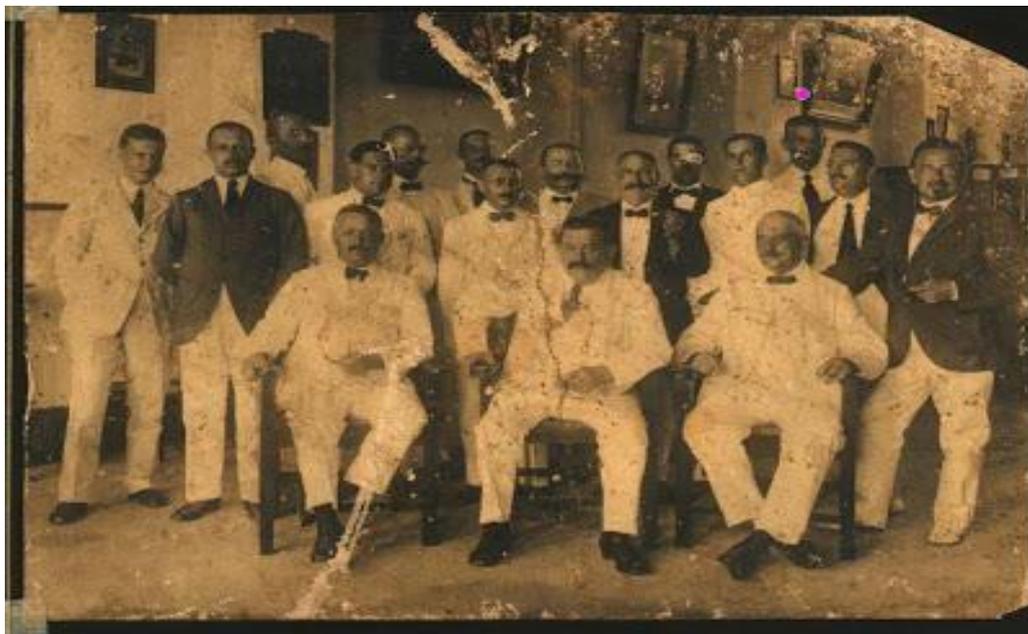
⁵⁷ COSTA, Silva Fraga Borba. **Industrialização e exportação de fumo na Bahia**: (1870-1930). 1975. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975. p. 45-48.

⁵⁸ Sobre a dinâmica comercial de São Felix ver: MOREIRA, Virlene Cardoso. **Dinâmica comercial do Recôncavo da Bahia na segunda metade do século XIX**: freguesia de São Félix (1857-1889). 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Sobre a presença alemã na Bahia, Cf. BARRETO, M. R. N.; ARAS, L. M. B. de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 10, 151-72, jan.-abr. 2003.

⁵⁹ Arquivo Público de São Félix. Série: Biografias. Geraldo Dannemann. 1893. Caixa 1, Estante 18.

a maioria de seus membros era composta por negociantes e industriais brasileiros que desenvolviam atividades comerciais na cidade.

Figura 7 – Membros do Clube dos Alemães em São Félix



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Através da fotografia dos membros do Clube ⁶⁰, ressalta-se a ideia que dentre a elite de São Félix encontramos a presença de homens negros. O contexto de ascensão vivenciado nesta conjuntura veio a fornecer um ambiente próspero ao município, e aqueles que aqui desenvolviam suas atividades comerciais. Se a cidade tornou-se realmente uma terra de oportunidades para emigrantes europeus, a mesma lógica prevaleceu sobre alguns homens de cor que alcançaram influência notória.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, o campo de influência da Indústria de charutos Dannemann cresceu de forma exponencial, a elevando a maior marca de charutos do país. A produção que crescia ano após ano, refletia a boa política de mercado aquecida por uma demanda do mercado europeu e norte americano. A esta altura, o número de funcionários da marca já chegava à casa dos milhares, criando um circuito industrial do fumo no

⁶⁰ A fotografia não apresenta informações que permitam a identificação da data do registro, bem como nomes dos membros representados.

Recôncavo da Bahia. É justamente neste contexto que em 11 de abril de 1921, que o fundador da Indústria Dannemann veio a falecer aos 70 anos.

Todavia, seu legado continuaria de pé, tendo em vista que seus filhos assumiram a marca. Em 1922, a Dannemann associa-se a Stender Cia, criando a Companhia de Charutos Dannemann. Neste momento foi realizado um inventário de seus imóveis.⁶¹ Segundo (COSTA, 1975, p. 54-74) a industrialização e exportação de fumo na Bahia entre 1870 e 1930, a concorrência estabelecida a partir da segunda década do século XX incentivou a incorporação de marcas menores. Tal perspectiva ganha contornos mais nítidos através das novas fontes e investimentos, capital necessário para a ampliação da produção fumageira, em um momento no qual o mercado internacional consumidor estava aquecido.⁶² Neste momento é possível perceber a extensão das atividades na cidade de São Félix e nas cidades do seu entorno.⁶³

Tabela 1 - Patrimônio Dannemann em São Félix em 1922

Imóvel	Endereço	Valor
Armazém Bley	Avenida Salvador Pinto	30:000\$000
Armazém Sobrado	Rua Senador Themistocles	36:000\$000
Escritório	Rua Senador Themistocles	4:500\$000
Casa Ângelo Conde	Rua Senador Themistocles	7:000\$000
Fábrica de São Félix	Lago dos artistas	96:000\$000
Roça de São Félix	Ladeira da Misericórdia	13:500\$000
Casa dos Operários	Rua Alta	7:000\$000

⁶¹ Sobre a associação de marcas na indústria do fumo no Recôncavo da Bahia: o controle sobre a produção de charutos no Recôncavo da Bahia, durante as primeiras décadas do século XX, esteve concentrado nas mãos das grandes marcas a exemplo da Dannemann e Suerdieck, no entanto, isso não impossibilitou que novas marcas menores surgissem e desenvolvessem atividades neste mercado. Deste modo, as associações de marcas maiores visavam adquirir novos capitais, para investimentos em um mercado aquecido e com demandas. E, por fim, aumentar seu campo de influência no mercado. De uma forma ou de outra, o ingresso dos “novos sócios” não viria a alterar as decisões, já que seus antigos donos ainda exerciam o controle sobre os rumos da indústria. Para os associados a fusão representava o ingresso de seus produtos ao rol de industriais que carregavam em seus nomes prestígio que simbolizavam a qualidade de seus produtos, que agora também se estenderiam a suas respectivas produções. Diante de tal associação, visavam ampliar seus negócios e consequentemente ampliar suas margens de lucro.

⁶² COSTA, Silva Fraga Borba. **Industrialização e exportação de fumo na Bahia: (1870-1930)**. (Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Bahia) Salvador: [s.n.], 1975. p. 54-74.

⁶³ Arquivo do Estado da Bahia. 1922. In: COSTA, Silva Fraga Borba. **Industrialização e exportação de fumo na Bahia: (1870-1930)**. (Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Bahia) Salvador: [s.n.], 1975. p. 69-

Casa Costa Ferreira	Rua das Flores	23:500\$000
Armazéns do Porto	Avenida Salvador Pinto	55:000\$000
Armazéns	Rua Castro Alves	23:000\$000

Fonte: Arquivo do Estado da Bahia

Tabela 2 - Patrimônio Dannemann em Muritiba em 1922

Imóvel	Endereço	Valor
Fábrica de Muritiba	Encruzilhamento	64:000\$000

Fonte: Arquivo do Estado da Bahia

Tabela 3 - Patrimônio Dannemann em Maragogipe em 1922

Imóvel	Endereço	Valor
Fábrica de Maragogipe	Praça da Intendência	60:000\$000
Fábrica Caetanos	Rua Enseada	5:000\$000
Armazéns Caetanos	Caes	1:500\$000
Casa da Morada	Rua São Bartolomeu	11:000\$000
Casa Barbosa	Ladeira da Cadeia	6:000\$000

Fonte: Arquivo do Estado da Bahia

Tabela 4 - Patrimônio Dannemann em Najé em 1922

Imóvel	Endereço	Valor
Fábrica de Najé	-----	18:000\$000

Fonte: Arquivo do Estado da Bahia

Valor Total	467:000\$000
--------------------	---------------------

O período de estabilidade e prosperidade foi um traço constante na produção fumageira durante a década de vinte no Recôncavo da Bahia, sendo estes os anos em que se alcançaram as maiores produções. Marcas como a Suerdieck, Costa Ferreira e Penna ampliaram exponencialmente suas respectivas produtividades. A recente incorporação da

Stender a Dannemann foi um fato favorável à ampliação do seu capital, gerando novos investimentos que resultavam em um número cada vez maior de funcionários e consequentemente de produção.⁶⁴

Este cenário começa a mudar a partir dos anos 30, quando os feitos da crise 1929 chegaram ao Recôncavo da Bahia. Apesar de ter exercido um peso contrário na balança do fumo, uma vez que a maior parte da produção tinha como destino a Europa, o mercado fumageiro não entraria em colapso naquele momento. É bem verdade que entre os anos que se seguiram a produtividade deste gênero cairia não apenas em São Félix, mas em toda região. Neste momento, acreditava-se na recuperação da produtividade e consequentemente dos anos prósperos, todavia a eclosão da grande guerra em 1939 acabou com qualquer possibilidade de mudanças.

Neste momento de retração, a indústria fumageira diminui drasticamente suas atividades, o que levou algumas fábricas a fecharem suas portas. No contexto de guerra, a marca alemã passou a ser administrada pelo governo brasileiro, passando a ser chamada neste momento de Companhia Brasileira de Charutos Dannemann. Com o fim do conflito bélico, retornou a pose de seus proprietários originais em 1945, funcionando por quase mais uma década antes de abrir processo de falência. Os direitos da marca foram comprados em 1976, quando a marca voltou a produzir charutos de qualidade, mantendo o nome original. Atualmente o grupo desenvolve a atividade fumageira em diversas partes do mundo, mas conservando sua principal fábrica em São Félix.

⁶⁴ NARDI, Jean Baptista . **A história do fumo brasileiro**. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1985. p. 35-38.

CAPÍTULO 2

A COR DO TRABALHO: fotografia e atividade fumageira em São Félix

2 CIDADE, MODERNIDADE E A FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA DE FUMO

Entre a última década do século XIX e as primeiras décadas do século XX, São Félix, cidade localizada no Recôncavo da Bahia, viveu o seu melhor momento de prosperidade econômica. De fato, os bons ventos haviam chegado à cidade que tinha alcançado o status e reconhecimento como município emancipado. Sua recente desvinculação de Cachoeira, em fins do século XIX, resultou na incorporação de novos espaços, fato este que possibilitou tanto a ampliação de seu território quanto de suas relações.⁶⁵ As conexões que este centro urbano estabeleceu proporcionou amplo alcance, que para além da capital, enveredou-se sertão adentro constituindo um elo fundamental entre Salvador e os diversos sertões.⁶⁶

Logo, passou a representar um dos principais eixos econômicos da região devido às instalações de indústrias vinculadas a produção do fumo.⁶⁷ Outros fatores forneceram bases para tal crescimento, a exemplo da geografia que a situava na última fronteira navegável do baixo Paraguaçu. A construção da ponte D. Pedro II no arremate do século XIX e o advento da ferrovia,⁶⁸ fatores que não apenas ligariam a comarca Cachoeira no lado oposto ao rio, mas que passou a incorporar as principais vias de transportes de mercadorias e pessoas no Recôncavo.⁶⁹

Na visão daqueles que aqui estiveram ou residiram, tais mudanças tornavam-se cada vez mais perceptíveis. A cidade cresceu e remodelou-se em avenidas pavimentadas, ao mesmo tempo em que aumentaram consideravelmente o número de casas comerciais. As ruas edificadas, agora contavam com grandes sobrados aliados a constante criação de espaços

⁶⁵ O processo de expansão e emancipação política de São Félix resultou na incorporação de novos espaços, a exemplo das freguesias de Muritiba e Cruz das Almas. Não distante também, incorporou localidades rurais como o Outeiro Redondo.

⁶⁶ A inexistência das rodovias até as primeiras décadas do século XX foi fator contribuinte para o desenvolvimento das atividades fluviais nos centros urbanos situados próximos a margem do Paraguaçu. Uma vez que não havia estradas que ligavam a maioria dos centros urbanos do Recôncavo da Bahia à capital. Associa-se a esta lógica o fator geográfico, uma vez que estrategicamente estes espaços estabeleciam uma relação fundamental nas relações comerciais com outras regiões do Estado.

⁶⁷ Sobre a produção do fumo no Recôncavo, ver com mais detalhes: BARICKMAN, B. J. **O contra ponto baiano**: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-

^{70.68} Sobre a Implantação da ferrovia no Recôncavo, Cf. SANTANA, Geferson. **Clandestinidade, Trabalho Fabril e Cotidiano no Mundo Fumageiro do Recôncavo da Bahia**. Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/lehrb/category/materiais-lehrb/divulgacao-historica-lehrb/>> Acesso em: 18 jun. 2017.

⁶⁹ No que se refere aos transportes até as primeiras décadas do século XX, Cf. PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia**: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 121.

públicos, a exemplo das praças. A estação ferroviária e a ampliação realizada em seu porto fariam desta a cidade mais importante à margem direita do Paraguaçu, entre as primeiras décadas do século XX. Tais características revelavam o arrojado e modernista projeto de urbanização desta intendência.⁷⁰

O afloramento de uma vida urbana desenvolveu o comércio rapidamente e com ele uma série de serviços que até então eram desconhecidos localmente. Hotéis, restaurantes, farmácias, jornais, cinema surgiram em um curto intervalo de tempo.⁷¹ Consequentemente, houve aumento na circulação de pessoas de outros lugares com outras vivências, que obrigatoriamente adentravam a cidade em suas rotas comerciais ou que buscaram ali se estabelecer. A modernidade de fato havia chegado às ruas quando primeiros automóveis já circulavam entre as áreas mais nobres, o que realmente inspirava a eminência de novos tempos ao tradicional recôncavo.

Se para São Félix aqueles seriam anos promissores, por outro lado, tal perspectiva não era compartilhada por sua vizinha Cachoeira. A crise do açúcar no século XIX e mais tarde o processo de emancipação dos seus territórios na margem oposta do Paraguaçu, foram alguns dos fatores que ofuscaram seu brilho tão vívido em comparação aos séculos anteriores. Nas palavras do cronista Moreira Pinto, que esteve na região em 1902, Cachoeira havia se tornado “grande, decadente e velha”⁷². Visão atribuída ao ruim estado de conservação de seus sobrados, sujeiras nas ruas, ausência de canalização de água, falta de calçamento. No entanto, a comarca ainda representava o principal centro urbano, administrativo e comercial no Recôncavo, com três fábricas de fumo ao longo da cidade e impressionantes 171 pontos mercantis.

Em contraste com a sua vizinha, São Félix evidenciava um afloramento comercial: em suas ruas estreitas já haviam instaladas cinco fábricas de charutos. Nas mediações do porto, havia naquele momento cerca de dezesseis armazéns vinculados às atividades fumageiras, que tornavam de longe este o local mais efervescente da cidade.⁷³ Segundo o cronista, homens,

⁷⁰ Sobre o aspecto urbano de São Félix, nas primeiras décadas do século XX, Cf. SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder do candomblé: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 37.

⁷¹ Sobre a ampliação de estabelecimentos comerciais urbanos em São Félix, notamos uma maior incidência a partir de 1910. Tendência verificada após a ampliação de concessões de Licenças Municipais neste período, Cf. Arquivo Público de São Félix, Livros de Registros de Impostos, estante 31, livro 01, ano 1910.

⁷² Arquivo Público de São Félix. Jornal A Ordem, 11 jun. 1902, p. 1, Estante 27, caixa 01.

⁷³ Segundo Silza Fraga Costa Borba, a Bahia foi responsável por mais de 90% da produção nacional do fumo entre as três primeiras décadas do século XX, sendo o Recôncavo da Bahia o palco principal deste cenário. Cf. COSTA, Silza Fraga Borba. **Industrialização e Exportação de Fumo na Bahia: 1870- 1930**. 2014. Dissertação (mestrado do Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p. 35.

mulheres e crianças revezavam-se carregando, separando e escolhendo as folhas do fumo, confeccionando caixas, as quais eram comercializadas, entre outras atividades vinculadas à produção entre fábricas e armazéns.

No bojo destas transformações e sustentado sobre uma suposta condição de igualdade frente ao branco, o negro buscava afastar-se de uma vez do passado como escravizado. Para os primeiros que vivenciaram estas mudanças, ser livre significava movimentar-se sem a necessidade de autorização, diante da possibilidade de ir e vir durante dia ou noite para qualquer lugar, como também escolher qual tipo de trabalho fosse desenvolver. Nas décadas seguintes, a ideia de liberdade se apresentava vinculada ao conceito de cidadania, sobre um contexto de ascensão urbana, que traria consigo uma série de possibilidades para aqueles que a pouco emergiram do sistema escravista.

No entorno destes espaços, outra gama de trabalhadores desenvolviam uma série de serviços. Homens carregavam e descarregavam todas e quaisquer mercadorias que chegavam ou saíam do porto da cidade. Diversos sob o viés da informalidade, a exemplo de muitas mulheres e crianças que circulavam nestas mediações, que sobre seus tabuleiros vendiam doce, frutas, quitutes, como tantos outros também tiravam deste espaço seu sustento: canoeiros, pescadores, estivadores, saveiristas, marisqueiras e, sobretudo, as funções vinculadas à produção do fumo. Estas foram atividades que desde o período colonial estiveram vinculadas e foram desenvolvidas por negros.

Tais características fizeram deste, um ambiente de intensos conflitos e disputas, sendo frequentes as discussões e a propagação de tumultos no cais, que por vezes estendiam-se aos seus arredores. Nestes episódios, as elites brancas através dos jornais passavam a classificá-los como bando desordeiro, ocioso, bêbado ou envolto a desocupação. Noticiavam-se a prática da vadiagem nas ruas, e sobre suposto ócio, cometiam delitos a luz do dia. Imerso na mentalidade escravista, não foram poucas as edições que sugeriram o campo e a lavoura para os indesejáveis urbanos.

A cidade permanecia um ambiente extremamente excludente ao negro e os seus recentes “direitos” adquiridos. Diversos espaços, fossem eles públicos ou privados, constituíam-se sob uma atmosfera de segregação. O cais era de longe o local que reunia a maior concentração de negros na urbe, assim, além dos conflitos mencionados, revelou-se um ambiente em que se constituíram importantes redes de solidariedade e espaços da expressão da cultura negra.

Apresentava uma dinâmica própria quando comparado ao resto da cidade, fossem no embarque e desembarque de mercadorias, ou traslados de pessoas entre a capital, o recôncavo ou sertão, tal qual o fluxo das marés determinava o volume das águas e o curso dos ventos sobre as velas dos saveiros às margens do rio. O tempo impresso por parcela significativa destas trabalhadoras e trabalhadores também tinha um ritmo próprio.⁷⁴

A produção do fumo foi a atividade que mais empregou neste período. Famílias inteiras trabalhavam sob o forte odor do tabaco, nos quentes armazéns e fábricas de atividades vinculadas a economia fumageira.⁷⁵ Tal representatividade foi notícia que circulou por todo estado nas páginas do jornal *A Ordem*, em 21 de junho de 1902. O periódico estampava a prosperidade econômica face às instalações das fábricas na cidade. Entre elas, a Dannemann & Cia, que havia iniciado com apenas seis funcionários ainda no final do século XIX, e já empregava cerca de 400 pessoas, um número considerável se comparado com a população da cidade naquele momento.

Outras indústrias como Costa & Penna e B. Rodenburg elevariam o dígito de trabalhadores dedicados a esta atividade à cifra de 850 pessoas nos anos seguintes, apenas no município.⁷⁶ Nas décadas seguintes, a expansão da indústria de fumo no recôncavo se estenderia a novos territórios na margem direita do Paraguaçu, a exemplo das filiais nas freguesias de Muritiba, Maragogipe, Nagé, Cruz das Almas.

Sobre a repercussão de tais eventos, o jornal *A Vanguarda* publicou uma edição especial, divulgando séries de fotografias registrando as fachadas dos prédios que integravam este complexo industrial. Tais imagens trariam consigo um ar de modernidade e imponência. Em 1922, a Dannemann & Cia uniu-se a Stender & Cia, tornando-se a Companhia de Charutos Dannemann. A fusão destas empresas foi noticiada como auge da economia do fumo no município. Sobre as palavras estampadas na manchete do tabloide, “este é um notável estabelecimento da indústria de fumo”⁷⁷.

O trabalho nas indústrias de fumo não se tornou apenas uma alternativa para aqueles que sofreram os males nos últimos da escravidão e pós-abolição no Recôncavo da Bahia. Mas

⁷⁴ Parcela significativa dos ofícios desempenhados por estes trabalhadores eram realizadas de forma coletiva. Fosse nas fábricas, armazéns ou na beira do rio. Neste sentido, entre as mulheres fumageiras o canto, além de representar um forte laço de socialização e coesão do grupo, também era um fator que determinava o ritmo, marcando as longas jornadas de trabalho, a exemplo das charuteiras, entre tantos outros nestes espaços.

⁷⁵ SILVA, Elizabete R. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres**: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo da Bahia. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p. 112-

⁷⁶ *Jornal A Ordem*, 21 de junho 1902, p. 2. Arquivo Público de São Félix, Jornais, estante 27, Caixa 01.

⁷⁷ *Jornal A Vanguarda*, 22 de novembro. 1925, p. 3. Arquivo Público de São Félix, Jornais, estante 27, Caixa 02.

durante certo período, foi o principal meio de sustento encontrado por muitos, ao passo que incorporou uma larga massa de trabalhadores urbanos e rurais que foram atraídos para espaços urbanos em busca de um futuro melhor. Neste sentido, não foram poucos aqueles que se deslocaram de grandes distâncias, sobre a esperança de um emprego a fim de refazerem suas vidas nestes espaços.

2.1 De casa às fábricas: fotografia e trabalho feminino na indústria fumageira

As mulheres tinham um papel fundamental na economia fumageira, onde além das atividades desempenhadas nas fábricas, passaram a representar a maior parcela da força de trabalho. Todavia, também se dedicavam na produção deste gênero fora dos conjuntos fabris, revelando outra face da cultura do fumo, que se fez presente tanto de forma autônoma ou comunitária ao exercer a atividade em pequenos núcleos familiares, ou ainda com vizinhanças. Produziam charutos e cigarrilhas de alta qualidade, sendo um ofício que revelou-se uma verdadeira arte em função da complexidade e perfeição atribuídas ao produto final, fato que exigia destas mulheres uma contínua habilidade em sua confecção.

Quando nos seus lares, enrolavam o fumo entre suas coxas, alternando-se em múltiplas jornadas de trabalho, ao passo que cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos. O universo do trabalho feminino fora das fábricas foi retratado em detalhes por (SILVA, 2010, p. 8-18), em seu artigo Trabalho Invisível e Relações de Gênero.⁷⁸ Neste artigo, a autora demonstra o complexo arranjo vinculado à produção do fumo e a construção de uma rede estabelecida como atividade de mulheres. O estudo avança ao apontar a dinâmica empreendida sobre a compra e a venda desta produção para as fábricas ou atravessadores, por fim, estabelecendo os limites sobre o campo de atuação destas mulheres.⁷⁹

Logo, esta foi uma expressão assimilada por muitos que cresceram vivenciando as relações das atividades do fumo entre seus entes. Fossem nas fábricas, armazéns ou em seus lares, prontamente tornou-se cena cotidiana ao longo destes anos, em uma sociedade que não

⁷⁸ SILVA, Elizabete R. **Trabalho Invisível e Relações de Gênero**. Historien: Revista de História. Publicada em Jan/ 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/5545697/TRABALHO_INVISÍVEL_E_RELACÕES_DE_GÊNERO_-MUNDOS_DO_TRABALHO. Acesso em 18 jun. 2017.

⁷⁹ Na transição entre os séculos XIX para XX, a produção industrial do fumo ainda não havia alcançado uma escala que permitisse absorver parcela significativa da mão de obra disponível no Recôncavo da Bahia. Como consequência, não permitiu um acesso significativo destas mulheres às fábricas, o que resultou no desenvolvimento das atividades fumageiras em outros espaços. Nas décadas seguintes, tal tendência viria a se inverter, ao passo que o número de trabalhadoras e trabalhadores registrados nas fábricas crescia exponencialmente, o que não impediu a continuidade desta produção fora do ambiente fabril.

lhe ofereciam oportunidade, nem tão pouco reconheciam direitos. Parcela significativa da primeira geração após a abolição viria a desempenhar as mesmas funções que seus pais nas fábricas, e com o passar do tempo passaram a substituí-los.

Ao traçar um perfil das trabalhadoras vinculadas às atividades do fumo, (SILVA, 2011, p. 106-107) pontua:

Alzira Ferreira da Silva, nascida em 10 de abril de 1908, na Vila de Cabeças – Muritiba, seu pai foi trabalhador de armazém de fumo e sua mãe hábil charuteira. Alzira começou a trabalhar no preparo do fumo "desde que saiu da escola" - expressão usada para se referir à conclusão do curso primário à época. A sua Carteira Profissional foi expedida em 1935, quando foi anotada a sua admissão na Fábrica de Charutos Dannemann de Muritiba retroativa a 1924, seguida da sua saída em junho de 1938. Neste mesmo ano foi readmitida na fábrica, permanecendo como charuteira até a sua aposentadoria, por volta da década de 1960.⁸⁰

Seguindo esta linha de raciocínio, analisamos uma série de registros dos trabalhadores vinculados a Companhia de Charutos Dannemann. Estes documentos fazem menção às atividades desenvolvidas na indústria fumageira pelos homens e mulheres em São Félix, entre 1928 a 1945.⁸¹ Foi analisado um total de 89 fichas, em que à luz de uma série de informações, permitiu, partir do cruzamento de dados, ter uma visão mais nítida a respeito destas trabalhadoras e trabalhadores. Bem como possibilita avançar sobre a compreensão de suas vidas cotidianas a partir das suas vivências e escolhas, frente a sociedade aos quais estavam inseridos.

Estes registros trazem na sua margem superior esquerda uma fotografia 3x4, o que por si revela a cor da esmagadora maioria desta classe trabalhadora.⁸² Além das imagens, estes documentos também possibilitaram avançar sobre o contexto social destes sujeitos, despontando as origens dos trajetos que percorreram para aqui se estabelecessem. Assim, agregando sentido a lógica da urbanização e crescimento da cidade, uma vez que esta massa passou a ocupar regiões periféricas, revelando a construção de ruas e até a formação de bairros operários.

Ainda fornecem informações sobre constituição das relações familiares, dados sobre escolaridade, evidenciando o acesso ou não à educação, ideias que implicam o alcance ou não

⁸⁰ SILVA, Elizabete R. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres**: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo da Bahia. 2011. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. p. 106-107.

⁸¹ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série: Fábricas de Charutos, Grupo: Registros de Empregados Companhia Dannemann. Estante 45, Caixa 03.

⁸² Não foi possível encontrar fotografias em todas as fichas, uma vez que parte destas não mais conta com as imagens originais.

da cidadania entre parcela significativa da população negra. Por fim, acena as condições econômicas e prática trabalhistas, demonstrando quais funções desempenhavam o tempo empregado, a forma e valores de como eram remunerados. Todos estes conhecimentos compõem um bojo de informações, que também dialogam com a respectiva imagem anexada ao documento.

A relevância feminina na produção do fumo se fez presente em diversos sentidos, mas, sobretudo, em números. Entre as 89 fichas encontradas, 68 são pertencentes a mulheres. Todavia, essa relevância não se fazia presente em seus pagamentos, que nestes documentos foram organizados sob regime das diárias.⁸³ Apenas uma função entre os homens equiparava-se aos valores e a forma estabelecida de remuneração entre as mulheres, os serventes. Função ocupada por homens de pouca idade e sem experiência.

As idades destas trabalhadoras oscilaram entre 15 a 55 anos, demonstrando uma grande amplitude e possibilitando que gerações de uma mesma família desenvolvessem as atividades de forma simultânea. Estiveram entre as funções encontradas e desenvolvidas por estas mulheres: charuteira, cigarreira, encaixadora e destiladora de fumo. Eram atividades que podiam ser desempenhadas em armazéns, onde estavam em minoria, ou ainda nas fábricas, espaço que representava a maioria significativa.⁸⁴

É interessante pensar, que mesmo sobre um percentual de 64% de alfabetizadas, o que revelou uma parcela bem maior do que entre os homens pesquisados, foram as únicas a não apresentarem registros de aumento de salário registrado. O fato torna-se mais evidente quando entre elas concentravam-se os maiores tempos de serviços encontrados, e sempre ocupando apenas funções braçais.

2.2 Preto no branco: relações étnico-raciais na indústria charuteira

⁸³ Com relação os meios de remuneração estabelecidos entre as trabalhadoras do fumo, outros estudos apontam para diferentes formas de pagamento. Segundo Elisabete Rodrigues da Silva, ao analisar as fichas de registros de empregados das Fábricas Suerdieck e C. Pimentel o termo “tarefeira” associa-se a modalidades que poderiam variar entre uma ou duas semanas. Até a implementação das leis trabalhistas, este foi um campo bastante heterogêneo. Cf. SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. Salvador: [s.n.], 2001. p. 114-115.

⁸⁴ Em tese de doutorado dedicada ao estudo do universo das mulheres na indústria fumageira, Elisabete Rodrigues Silva, explana a importância destas trabalhadoras no Recôncavo da Bahia. Registrando 29 atribuições de empregos distintos na indústria fumageira entre 1906 a 1955, tomando como parâmetro as fichas de registros de empregados das Fábricas Suerdieck e C. Pimentel. Cf. SILVA, Elizabete Rodrigues. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo da Bahia**. Salvador: [s.n.], 2011. p. 133.

Os homens apesar de estarem em menor número, agregando 21 trabalhadores, apresentaram uma complexidade maior em relação as funções desenvolvidas, porém tal emaranhado tornou-se simples sobre o binômio branco e negro. Estas seriam as fronteiras que definiriam o campo de atuação destes profissionais na indústria do fumo. Foram encontradas 12 áreas distintas de serviços, sendo os cargos mais importantes ocupados por homens brancos, em sua maioria oriunda de localidades distantes.

Com uma variação de idade entre 14 a 51 anos, dois fatores foram preponderantes ao analisar estes documentos, que por sua vez, direcionavam a um campo proporcional entre as funções e remunerações desenvolvidas entre este gênero. A primeira delas foi cor, que por si revelou o grau de instrução destas pessoas, a medida que todos os brancos eram alfabetizados e os 62% dos negros eram analfabetos. Os maiores salários eram atribuídos àqueles dentro desta classificação, recebendo remunerações que incluíam acréscimos sobre seus rendimentos mensais. Desenvolviam funções como faturista, guarda livros, motorista, que eram dissonantes aos trabalhos braçais exercidos pelos negros. Com 51 anos de idade, Carlos Martius Saldanha ocupava a função de gerente, cargo de maior prestígio encontrado dentre a documentação e com maior remuneração entre os homens na década de 1940.

No outro extremo, encontrava-se Antônio Felipe Souza, negro, com apenas 14 anos de idade, nascido sobre a luz do dia do trabalho, em primeiro de maio de 1923.⁸⁵ Em registro, sua imagem é marcada por uma expressão tensa sobre seu rosto, à medida que a trama da fotografia o revela sobre um fundo cinza sem vida, compondo uma figura que trazia uma proximidade maior com a infância do que com o ambiente vinculado ao trabalho que desenvolvia. Morador de Muritiba, residia em uma rua com o mesmo nome atribuído a fábrica de charutos que trabalhava, no número 77.

Em um contexto em que muitos jovens de origem pobre não frequentavam a escola a fim de ajudar com a renda familiar, Antônio Felipe Souza aparentemente seguia este caminho, a medida que também era analfabeto. Subia e descia a serra que ligava as cidades de Muritiba a São Félix de segunda a sábado, onde desempenhou a função de servente durante os anos em que trabalhou na indústria fumageira. Admitido pela primeira vez em 12 de fevereiro 1938, com o menor salário encontrado entre os homens, sua jornada de trabalho não era divergente dos demais, iniciando às 8 da manhã e com termino às 5 da tarde e com uma hora para almoço.

⁸⁵ O dia 1º de maio é comemorado no Brasil desde finais do século XIX. No entanto, só veio a ser constituído como feriado nacional a partir do decreto nº 4.859, instituído pelo até então presidente Arthur da Silva Bernardes, em 26 de setembro de 1924.

Entre os oitos anos em esteve vinculado ao quadro de funcionários da indústria Dannemann, foi demitido pelo menos duas vezes.⁸⁶ No entanto, Antônio Felipe Souza seria admitido mais duas vezes entre os anos seguintes. A primeira em 17 de junho 1939 e a segunda após seu aniversário de 19 anos, em 27 de maio de 1942, ainda na qualidade de servente, mas desta vez com um salário maior se comparado a seu ingresso na indústria quatro anos antes. Veio a receber uma suspensão de três dias de trabalho em agosto de 1945, tendo como última informação seu desligamento da fábrica no mesmo mês do ano seguinte, em três de agosto de 1946.

Figura 8 - Ficha registro de empregados da Dannemann

REGISTRO DOS EMPREGADOS 175
DA FIRMA Companhia de Charutos Dannemann N.º 2021

O Sr. Antônio Felipe Souza nacionalidade Brasileiro
Estado civil Solteiro com 14 anos de idade, nascido na
cidade Muritiba em 1º de Maio de 19-26
filiação { Paterna João Proclecio de Souza
Materna Frederica America de Lima
residente a rua Dannemann n. 77 na cidade Muritiba
portador da Carteira Profissional n. - serie - foi admitido em 12 de Fevereiro de 1938
na qualidade de Servente com os vencimentos de Rs 1.800,00
(diária 350,00 por hora, em 27/6/42) sem 17/12/43 sem 1.250,00 por hora
para trabalhar normalmente das 8 às 17 horas, com os intervalos de 1 horas para refeição e descanso
beneficiários
(Readmitido em 27/6/1939)
Observações: Readmitido em 27 de Maio de 1942
(sem 16/6/42 40,00 por hora)

São Félix, 10 de Fevereiro de 1938 Antônio Felipe Souza
Dannemann Muritiba
ASSIGNATURA DO EMPREGADO

Procure a fixa de anotações

Fonte: Arquivo Público de São Félix

Houve entre homens negros, aqueles que foram enquadrados sobre a qualidade profissional de “mestres”. Porém, a nobre conotação não evidenciava a atribuição de privilégios frente aos demais no que faz menção a seus salários, o que não os diferenciava significativamente. Tampouco as jornadas de trabalho, que por sua vez, fora um das poucas,

⁸⁶ Tendo este fato também ocorrido de forma semelhante com outros trabalhadores neste mesmo período. Sobre este prisma, a ausência da informação que justifique tais desligamentos, alude-se a possibilidade destas demissões estarem vinculadas a eminência da segunda guerra mundial que veio afetar drasticamente a economia do fumo no recôncavo a partir da década de 1940.

senão a única atribuição encontrada de forma igualitária que se estendia a todos os funcionários, incluído a categoria de gênero. Entre as atribuições encontradas dentre demais homens negros, estavam as funções de servente, mestre do anelato, passador, prenceiro, escolhedor, pienceiro e prensa.

Quando se volta a atenção para as imagens contidas nestes registros, mesmo tratando-se de fotografias sobre um formato 3x4, torna-se possível, sob um olhar mais atento, perceber o campo ideológico expresso nestes documentos. Para muitas destas pessoas, estes seriam um dos poucos registros feitos ao longo de suas vidas, quiçá o único. Imersos num contexto em que o negro não apreendia os elementos necessários para representar-se, passou a ser concebido sob o olhar do branco, e submetido a sua construção dos valores.

Sobre este enredo, a década de 1940 tornou-se palco de uma série de reformulações no regime das leis trabalhistas no Brasil.⁸⁷ Em meio às comemorações do primeiro maio de 1943, tais mudanças instituíram a obrigatoriedade da fotografia para todo registro empregatício na federação. Fossem empregados temporários, urbanos, rurais ou ainda autônomos, passariam por lei agora, a ter uma imagem que identificaria estes profissionais nestes documentos. Para a elite, a fotografia não mais era uma novidade. Entre a nata da sociedade baiana, as circulações destas imagens já ocorriam desde o século XIX.⁸⁸

Sob o advento da república, o retrato tornou-se um forte instrumento propagador da chamada modernidade. Entre o pós-abolição e o decorrer das primeiras décadas do século XX, a fotografia ainda continuaria a representar em muitos aspectos expressões da marginalização do negro. Servindo como baluarte a propagação dos valores da classe dominante, remontando como inferiores e exóticos em diversos espaços e contextos sociais. Em um dos poucos trabalhos dedicados a discussão da imagem do negro na Bahia, as palavras de (OLSZEWSKI, 1989, p. 12) remontam os tons desta relação:

Tendo a imagem, especialmente a fotografia, servindo como um dos suportes ideais utilizados pela classe dominante para a propagação de sua ideologia. Tornando-se sem dúvida, um instrumento particularmente importante para que se valha, em sentido inverso captar como foram elaboradas estas ideologias.⁸⁹

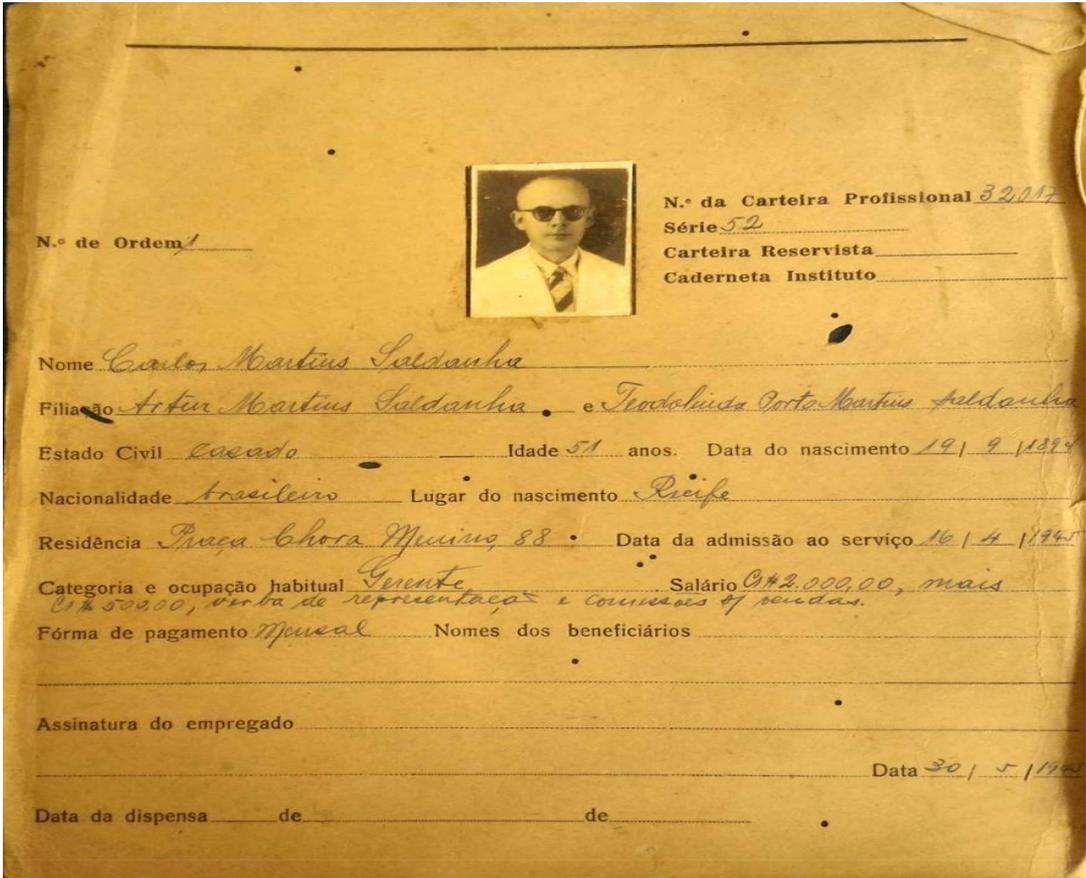
⁸⁷ Sobre as transformações ocorridas na esfera das leis trabalhistas no Brasil na década de 40, Cf. BIAVASCHI, Magda Barros. **O direito do trabalho no Brasil 1930 - 1942**: a construção do sujeito de direitos trabalhistas. São Paulo: LTr: Jutra; Associação Luso-Brasileira de Juristas do Trabalho, 2007.

⁸⁸ Ver mais em: LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 71-80.

⁸⁹ OLSZEWSKI FILHA, Sofia. **O Negro na Cidade de Salvador: 1840-1914**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989. p. 12.

A presença de uma forte carga ideológica implícita nestes documentos desponta para a crítica de toda uma linguagem visual, utilizada na composição destes registros. Sobre estes passos, busca-se analisar mais cuidadosamente alguns destes trabalhadores e trabalhadoras da indústria fumageira, a fim de evidenciar estas relações. Para tal, em primeira instância, remete-se ao já conhecido Carlos Martius Saldanha, homem branco de 51 anos, casado, natural de Recife e nascido em 19 de setembro de 1894.

Figura 9 - Ficha registro de empregados da Dannemann



N.º de Ordem _____

N.º da Carteira Profissional 32017
 Série 52
 Carteira Reservista _____
 Caderneta Instituto _____

Nome Carlos Martius Saldanha
 Filiação Artur Martius Saldanha e Teodolinda Costa Martius Saldanha
 Estado Civil casado Idade 51 anos. Data do nascimento 19/9/1894
 Nacionalidade brasileiro Lugar do nascimento Recife
 Residência Praça Choro Mourão 88 Data da admissão ao serviço 16/4/1945
 Categoria e ocupação habitual Agente Salário R\$ 2.000,00, mais
R\$ 500,00, sobre de representação e convívios of. sociais.
 Forma de pagamento mensal Nomes dos beneficiários _____

Assinatura do empregado _____
 Data 30/5/1945

Data da dispensa _____ de _____ de _____

Fonte: Arquivo Público de São Félix

Dissonante às primeiras décadas da república, o segundo quartel do que ficou conhecido como “século da imagem” revolucionou o uso e o acesso das fotografias no Brasil. Deixando de ser instrumento de uma elite e passando a adquirir cada vez mais um caráter popular. O advento das câmeras portáteis veio a propagar seu campo de alcance, e instaurava-se assim, a era dos filmes em poses das já difundidas câmeras analógicas. As lentes tornaram-se um dos principais objetos da captação da modernidade, sendo instrumento do processo de remodelação urbana.

Tal realidade mostra-se completamente diferente para aqueles que optaram pela profissão das lentes no século XIX. Uma diversidade de fatores necessitava ser avaliada antes de se compor uma única imagem, elementos que seguramente interferiam na qualidade final do registro. Através dos tempos, uma máxima difundiu-se entre os fotógrafos, o conceito que “Fotografia antes de qualquer coisa é luz”. Aspectos técnicos como o correto controle sobre a incidência da claridade, velocidade, abertura do obturador eram fatores que influenciavam sobre o tempo de exposição e se tornavam verdadeiros obstáculos a serem sobrepujados para a composição de uma boa imagem. Desta forma, a composição de um único registro poderia levar um tempo considerável, dissonante de hoje, onde a imagem se faz em um simples *click*.

Por tais razões, quando possível, muitos destes trabalhos eram realizados em espaços onde as condições se apresentavam menos adversas. Desta forma, com os conhecimentos previamente adquiridos nestes locais, tornava-se possível aprimorar as imagens através de aparato de equipamentos profissional. Tais registros tinham como traços característicos cenários e vestimentas mais elaboradas, aliado ao emprego de um tempo menor na elaboração destas imagens, a exemplo dos famosos estúdios de fotografia. Este parece ser o caso da fotografia utilizada pelo senhor Martius, como registro de empregado. Para tal, essa afirmação será sustentada sobre dois pilares distintos, mas que levam ao mesmo lugar: a diferenciação entre negros e brancos.

O primeiro deles remete-se ao enquadramento estabelecido, situando em uma proporção exata ao centro da imagem. Sua cabeça não se precipita sobre os ombros, apesar de se observar uma leve inclinação a sua esquerda. O fundo preto sem alterações de tonalidade contrastam com a escolha do seu terno branco valorizando o busto. Nota-se o bom uso do contraste evidenciado no preto e branco, uma vez que ainda não haviam sido inventadas fotografias em cores. Sobre um campo iconográfico, tal qual o plano de fundo e sua vestimenta, a gravata também se apresenta sobre um viés de dois tons evidenciado construção de um padrão.

Aspectos que são explorados e valorizados nesta representação trazem consigo uma ideia de prestígio social vinculados à imagem. A utilização dos óculos aponta a existência de uma deficiência visual do sujeito, também representa um item de distinção social e pressupõe uma intelectualidade ao homem retratado, vinculando a um determinado segmento social, os letrados. Estas são informações pensadas e analisadas previamente, e construídas antes da composição do registro, que por sua vez expõe uma intencionalidade expressa através de uma linguagem visual.

Em segundo lugar, apesar de calvo, a imagem não retrata um homem de 51 anos, idade a qual ingressou na Dannemann ocupando a função de gerente. Fato que nos leva a concluir que tal fotografia foi concebida anos antes do ingresso ao senhor Martinus vincular-se à indústria de fumo. Tal evidencia ganha tons mais concretos à medida que compara-se a fotografia em questão com os registros dos demais trabalhadores da indústria do fumo, sobretudo os negros. A imagem dos funcionários encontrada evidencia na margem inferior ao centro, uma placa que faz referência a data do registro. Esta foi uma das novas exigências atribuídas pelo governo, afim de identificação dos trabalhadores no Brasil a partir da reforma trabalhista.

Deste modo, não apenas o senhor Martius não apresenta tal informação, mas todas as fichas de trabalhadores brancos encontrados com fotografia na pesquisa. Fica instituído não apenas a qualidade superior das fotografias de estúdios apresentadas por brancos em comparação aos trabalhadores negros. Este passa a ser apenas o plano de fundo, um meio para um fim, a evidente busca por diferenciação da elite branca sobre a massa negra.

2.3 A hierarquia de gênero: fotografia e a divisão social do trabalho

Em um campo antagônico, a senhora Ana Patrícia Souza, mulher negra, analfabeta, natural da localidade de Sapé. Sobre seus olhos ainda vigoravam os últimos anos da escravidão vivenciados em sua infância. Certamente este foi mais um entre tantos rostos que buscaram se estabelecer na cidade, passando a ser residente em São Félix, na Rua do Hospital, local conhecido por aglutinar uma força de trabalho negra urbana. Ajudou a compor uma massa responsável pela criação de espaços periféricos, que se fizeram presentes através do crescimento urbano.

Figura 10 - Ficha registro de empregados da Dannemann

REGISTRO DOS EMPREGADOS
DA FIRMA **Companhia de Charutos Dannemann** N. 216 C.

O S^{ra}. *Anna Patrícia Sousa*, nacionalidade *Brasileira*
Estado civil *Solteira* com *58* annos de idade, nascido na
cidade *Lapé* em *30* de *Abrio* de *1880*
filiação { Paterna *Alexandre da Silva*
Materna *Agauricia Sousa*
residente a rua *Do Hospital* n. *25* na cidade *São Félix*
portador da Carteira Profissional n. *22465* serie *9^a* foi admitido em *20* de *Novembro* de *1944*
na qualidade de *Charuteira* com os vencimentos de Rs \$
(*Tarfeira*, *Viúva*, *Desemp.*)
para trabalhar normalmente das *8* às *17* horas, com os intervallos de *1* horas para refeição e descanso
beneficiarios.

Observações:

São Félix, *18* de *Fevereiro* de *1938*
Anogo de Anna Patrícia Sousa *Vicente Araújo*
Dannemann & Cia. de Alameda
Procure a fixa de anotações ASSINATURA DO EMPREGADO

Fonte: Arquivo Público de São Félix

Integrando-se a um grupo de 90% entre as trabalhadoras definidas como mulheres solteiras, a documentação provê a ideia que a formação de famílias formalmente não teria sido algo comum a esta população. A classificação e o sentido atribuído a concepção de família negra e pobre que integram a maioria destas trabalhadoras não necessariamente apresentavam-se mediante o matrimonio. Assim, sob o contexto ao qual viviam muitas das relações conjugais que desenvolviam, foram constituídas sob um viés distinto ao casamento instituído pela igreja. Porém, de forma legítima, desenvolviam fortes laços e constituindo famílias, que por vezes estendiam-se além das relações de parentesco.⁹⁰

No Recôncavo da Bahia, os dados atribuídos ao senso do Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas (IBGE) de 1940, em referência aos municípios de Cachoeira, São Félix e Maragogipe, constataram 76,88% da população como solteira. Os dados ficam mais nítidos a medida que os três municípios juntos somavam 105.047 pessoas com idade superior ou equivalente a 15 anos, sendo que 80.762 encontravam-se fora do matrimônio.⁹¹

⁹⁰ Neste período tornou-se comum à prática de “uniões livre”, principalmente entre a população mais pobre. Passaram a representar um modelo distinto à realidade dos casamentos instituídos pelo estado e pelo cristianismo. O que o sociólogo brasileiro Luiz de Aguiar Costa Pinto definiu como “uniões conjugais extralegais”. Ver melhor em: PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. p. 128.

⁹¹ Cf. SILVA, Elizabete Rodrigues. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo**. Salvador: [s.n.], 2011. Apud IBGE. Censo, 1940. XX vol. 1958. P. 95-105.

Ainda sobre as configurações das relações conjugais no recôncavo no mesmo período, o memorialista muritibano (CASTRO, 1941, p. 36), também faria menção a este universo em sua obra “Muritiba: sua história e seus fatos 1559-1941. Digressões - Notas à Bahia”.⁹²

Castro afirma que na cidade serrana a população flutuava entre 37.000 a 40.000 pessoas, sendo que apenas 156 casamentos haviam sido computados naquele ano, o que por si revelou o baixo número de núpcias.

Aos 31 anos de idade, Ana Patrícia Souza começou a trabalhar na fábrica de charutos Dannemann, sendo admitida em 20 de fevereiro de 1911. No entanto, torna-se possível que mesmo antes disto, possa ter vindo a desenvolver atividades vinculadas à produção do fumo. Perspectiva que se atribui em virtude da sua idade e da dinâmica proporcionada nesta atividade. Desenvolveu a função de charuteira, atividade de maior prestígio entre as mulheres, ao passo que passou a integrar o seguimento responsável pela confecção do charuto, preenchendo até seu acabamento final.⁹³

Seguramente no momento em que se constituiu a fotografia incorporada a sua ficha de registro, dona Anna Patrícia de Souza já havia completado vinte e quatro anos de trabalho na indústria de fumo. Sendo retratada aos 55 anos de idade, as características empregadas no seu registro apresentam-se bem distinta em comparação a imagem anterior, o gerente da fábrica. Averigua-se nas imagens associadas aos negros uma constante desproporcionalidade que oscilam desde os enquadramentos estabelecidos, perpassado sobre a qualidade destas representações a exemplo das posturas empreendidas, nitidez, claridade, plano de fundo.

Torna-se corriqueiro, mesmo sobre fotografias no formato de 3x4, encontrar espaços vazios nestas imagens, em virtude de uma diagramação que não busca valoriza os indivíduos. Neste caso, a fase superior aparece abusivamente, enfatizando um fundo de forma demasiada. Ainda sobre uma perspectiva feminina, a ausência de qualquer adereço, a exemplo de colares ou brincos o que contribui para uma representação sem um contexto de identidade a estas pessoas. Imagens que reproduziram uma concepção que buscou classificar o negro enquanto

⁹² CASTRO, Anfilóbio. **Muritiba: Sua história e seus fatos 1559-1941. Digressões - Notas à Bahia.** Bahia: Tipografia Naval, 1941. p. 36.

⁹³ O processo de confecção dos charutos nas fábricas no Recôncavo da Bahia foi descrito em detalhes por Zweig. “Percorrendo essas salas, podemos assistir à evolução inteira de um charuto”. (...) Após a primeira escolha, feita por mulheres, sentadas entre montões de folhas de fumo, são retirados os talos. Só depois, começa o enrolamento das folhas para formarem os charutos. Outro grupo de operárias corta com facas os charutos de acordo com uma medida. Mas por enquanto os charutos estão nus, falta-lhes ainda a capa, que lhes vai dar forma e sabor. Revestido afinal o charuto da capa, outra operária tem que fazer a ponta, outros dedos morenos colocam-lhe a cinta e ainda outros colam o selo. Só então são os charutos envolvidos em celofane e colocados nas caixas, que recebem uma marca feita a fogo.” ZWEIG, Stefan. **Brasil, País do Futuro.** Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 08 maio 2017. p. 116.

inferiorizado, visível apenas sobre a condição de trabalhador braçal. Sendo retratado sob os signos da subserviência aos brancos, tratado e entendido como classe inferior.

O juízo aplicado sobre estas fotografias deixa evidente que estes sujeitos foram submetidos às regras da composição dos seus idealizadores. (DEL PRIORE, 1998) historiadora dedicada aos estudos do campo do trabalho e gênero, fornecem a tônica do universo feminino frente sua atuação na produção fumageira no Recôncavo da Bahia, “exploradas não por falta de presença, mas exatamente em função desta presença”⁹⁴. Estiveram imersas sob uma organização que foi desenvolvida sobre os princípios de uma econômica capitalista e patriarcal, que buscou a toda forma atribuir a ideia de inferioridade das mulheres frente aos homens.

Mesmo representando a maioria no quadro de funcionários e ocupando funções vitais entre aqueles que tinham no fumo seu meio de sustento, a importância e relevância das mulheres nunca foi reconhecida por seus empregadores. Esta discussão tornou-se o principal centro de estudo e debates realizado pela historiadora Elizabete Rodrigues da Silva, discutindo a lógica implícita ao universo destas mulheres. Neste prisma, desenvolve o argumento que independente da importância que as trabalhadoras fumageiras desempenhassem em seus ofícios, ainda continuariam sendo entendidas como menos importantes, inclusive frente a homens que ocupavam baixas funções.

Neste ponto, aproxima-se do pensamento desenvolvido por Saffioti a partir da compreensão que o patriarcado não é apenas um fenômeno de dominação, mas é também inerente ao campo de exploração.⁹⁵ Neste plano, entende-se para além de uma abrangência weberiana tradicional e doméstica, potencializando a difusão do seu caráter político. Sob tal perspectiva é possível avançar no campo de debate ao classificar o patriarcado e o capitalismo como lados de uma mesma moeda, sendo assim passíveis de serem analisados de forma conjunta.

Em reflexão dedicada a exploração do negro e o advento da abolição nos Estados Unidos, a professora e filósofa Angela Davis desenvolve o argumento que a liberdade que motivou estes sujeitos a pegarem em armas, lutarem e por muitas vezes morrerem esteve associado a exploradores capitalistas, em oposição a exploradores rurais escravocratas. De

⁹⁴ DEL PRIORI, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio In: **Seminário de História e Historiografia das Mulheres**. Salvador: ÁPEB, 30 de novembro de 1998.

⁹⁵ SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

modo que os chicotes foram substituídos por péssimas condições de trabalho e salários abusivos.⁹⁶

No Recôncavo da Bahia encontra-se racionalidade semelhante quando antigos escravocratas e os “novos senhores”/patrões nas fábricas e armazéns de fumo tem a mesma classe social, cor e gênero. Quando associamos estas ideias ao universo do trabalho feminino na indústria fumageira, encontra-se três importantes categorias: cor, raça e gênero.

Ao buscar compreender as relações (SAFFIOTI, 2011, p. 193) estabelecidas entre as trabalhadoras do fumo e a atividade fumageira em seu seio familiar, percebe-se nitidamente o fato da dominação apontado por Weber.⁹⁷ Com efeito, estas relações foram estabelecidas sobre o signo de um sistema mais amplo, onde a opressão passou também a incorporar os elementos de exploração, tornando-se ainda mais nítidos quando estas mulheres rompem as portas de seus lares e direcionam-se aos armazéns e fábricas de charutos.

Como bem evidenciou (ENGELS, 1987, p. 48), torna-se necessário que se busque compreender as construções sociais dentro das instituições, a fim de perceber como elas reproduzem seus valores.⁹⁸ Observa-se então, o desenvolvimento de uma visão subalterna infligida às mulheres e aos espaços onde estiveram submetidas numa lógica capitalista, que visou apenas o lucro por meio do abuso de mão de obra barata.

Entre as primeiras décadas do século XX, havia se constituído no Recôncavo fumageiro um cenário de prosperidade. Tal entusiasmo explicava-se pela crescente produção, gerando aumento consideravelmente das cifras. No entanto, tal sentimento não foi compartilhado entre aqueles que proporcionavam tal animação, ou seja, as trabalhadoras e trabalhadores. Refletia sobre estes um ambiente imerso na lógica de exploração. Para as mulheres, tal conotação ainda teve um peso maior, uma vez que tinham seus salários ainda menores quando comparados aos homens.

A frágil condição econômica imposta às mulheres deste seguimento social tornou-se um dos principais instrumentos motivadores para seu deslocamento entre o lar e as fábricas. Como líderes da maioria dos seus respectivos núcleos familiares, tiveram na produção do fumo o meio adquirido para sustento de seus filhos e de si mesmas. Contudo, suas aspirações não se limitavam apenas a suas necessidades básicas. Assim, galgavam de fato a esperança de um protagonismo, que se faria através de uma ascensão social e econômica, possibilitando a

⁹⁶ DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução: Plataforma Gueto. Disponível em: <http://biblioteca-feminista.blogspot.com.br/2016/04/angela-davis-mulher-raca-e-classe.html> Acesso em: 26 out. 2017.

⁹⁷SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2011. p. 193.

⁹⁸ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

real concretização de uma vida melhor. Este enredo também, se faz presente o pensamento de (SILVA,2001,p136) que fornecem tons mais nítidos a esta relação:

Na luta pela sobrevivência, essas mulheres ao transformarem-se em charuteiras da fábrica, também conquistaram cotidianamente, em suas tensas relações, as posições e os espaços que vislumbravam como valores que estavam além da sobrevivência material, que transitavam, por exemplo, entre vestir-se melhor e o reconhecimento profissional como construção gradativa e sutil de cidadania.⁹⁹

Em passagem pela Bahia em 1940, estive no Recôncavo o escritor e jornalista austríaco Stefan Zweig. Em sua estadia, visitou as fábricas de charutos em Cachoeira e São Félix, e posteriormente descreveu processo que compunham as etapas de produção, ressaltando o universo das trabalhadoras e o ambiente que se revelou distinto ao seu conceito europeu de fábrica.¹⁰⁰

Mas, “fábricas” é no caso uma palavra hiperbólica. Eu receava encontrar só possantes máquinas de aço que recebessem numa das suas extremidades as folhas de fumo dispostas em camadas e fornecessem pela outra os charutos prontos, encapados, com cinta e talvez mesmo já arrumados nas caixas. Fábricas como essas sempre me dão a impressão de estar vendo grandes autômatos e não um verdadeiro processo de transformação. Mas nada disso existe nas fábricas de Cachoeira. No Brasil, o fabrico de charutos também não é mecanizado. Todo charuto nesse país é feito à mão, ou melhor, na feitura de cada um trabalham quarenta ou oitenta mãos hábeis.

Filho de um industrial e imerso numa família de banqueiros, o caráter artesanal da produção dos charutos surpreendeu Stefan Zweig. Conceber uma fábrica que tinha a maioria dos seus empregados do gênero feminino, aliado a uma forma artesã de produção, de fato não era o que esperava encontrar devido às características atribuídas aos charutos de alto padrão, que se tornaram reconhecidos mundialmente. Certamente o viajante não se tornou um entre poucos que desconheciam o importante papel vinculado às talentosas mãos de mulheres do Recôncavo.

Apesar do caráter artesanal da confecção dos charutos de alta qualidade, seriam necessárias duas horas para a confecção de um único exemplar. A produção chegou a impressionante casa dos 200 milhões de unidade anuais, com a formação do chamado “parque industrial do fumo no recôncavo”.¹⁰¹ Este número absurdo revela o tamanho da exploração com aqueles que trabalhavam ou estiveram imersos ao ciclo do fumo. As fábricas estavam

⁹⁹ SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. Salvador: [s.n.], 2001. p. 136.

¹⁰⁰ ZWEIG, Stefan. **Brasil, País do Futuro**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 08 maio 2017. p. 116.

¹⁰¹ CÉSAR, Elieser. **O Império do Tabaco**. Salvador: Correio da Bahia, 2000.

centralizadas sobre uma política de divisão social, sendo cada etapa da produção do charuto desenvolvido em sua plenitude por mulheres. A distribuição das funções foi instituída sobre os princípios capitalistas, visando apenas a manutenção e a qualidade da produtividade em larga escala.

Este processo foi descrito com detalhes por (ZWEIG, 2001, p. 116) ao observar as etapas de produção:

Centenas de moças morenas acham-se sentadas nas salas da fábrica uma ao lado da outra e cada grupo delas exerce uma atividade diferente. Percorrendo essas salas, podemos assistir à evolução inteira dum charuto. Na primeira sala vemos o fumo como chega da plantação, em grandes folhas já secas, que exalam um cheiro forte, penetrante. Após a primeira escolha, feita por mulheres, sentadas entre montões de folhas de fumo, são retirados os talos. Só depois, começa o enrolamento das folhas para formarem os charutos. Outro grupo de operárias corta com facas os charutos de acordo com uma medida. Mas por enquanto os charutos estão nus, falta-lhes ainda a capa, que lhes vai dar forma e sabor. Revestido afinal o charuto da capa, outra operária tem que fazer a ponta, outros dedos morenos colocam-lhe a cinta e ainda outros colam o selo (no Brasil tudo é selado a não ser a criança recém-nascida). Só então são os charutos envolvidos em celofane e colocados nas caixas, que recebem uma marca feita a fogo.

Sobre seus olhos, não figuram apenas o processo de produção do tabaco, mas o plano e as condições impostas sobre estas mulheres em suas longas jornadas de trabalho, em espaços que se revelam insalubres. Aqui o uso da expressão “morena” enfatiza muito bem as condições vinculadas a sua classe social e a cor destas mulheres, aqui associadas ao signo e discurso da mestiçagem. As condições que estiveram submetidas variavam seguindo o princípio vinculado às funções que desenvolviam, revelando sobre este fato a construção de hierarquias não apenas sobre o gênero, mas também sobre as funções e especialidades delas no campo da produção.

Os trabalhos desenvolvidos entre as mais jovens ou inexperientes costumavam ser mais duros em comparação as operárias que apresentavam maior experiência e que desenvolviam funções mais especializadas e acumuladas ao longo dos anos. Neste plano, tal conotação influenciou diretamente sobre os espaços em que desenvolviam suas atribuições, tendo os armazéns as situações mais adversas de trabalho. Nestes locais, desenvolviam as etapas da

¹⁰² ZWEIG, Stefan. **Brasil, País do Futuro.** Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 08/maio/2017. p. 116.

produção em condições desumanas, sentadas sobre o chão durante todo o dia, sob a rígida e constante vigilância dos seus mestres¹⁰³.

Os armazéns foram espaços onde se desenvolviam as etapas mais pesadas, rudimentares, o lado árduo do processo. Para as mulheres, a perspectiva ao ocupar estes recintos tornava-se uma faca de dois gumes. Se por um lado tinha no trabalho um importante meio para sustentar a si e seus dependentes, as brutais condições que lhe eram impostas, sentadas sem encosto para as costas em bancos de madeira pesavam sobre seus corpos durante a jornada de trabalho.

As fábricas representavam a fase mais importante do processo na medida que incluíam os funcionários mais especializados e por consequência, ampliava-se a configuração das divisões de trabalho pautadas no gênero. Entre o campo feminino evidenciou-se o que (SILVA, 2011, p. 143) denominou como “charuteiras de primeiro e segundo escalões”¹⁰⁴. Atribuição usada para estabelecer as funcionárias, tomando como ponto de parâmetro suas habilidades na confecção dos charutos que demandavam maiores especificações, o que por consequência os tornavam mais caros e lucrativos¹⁰⁵.

Entre as mulheres, este meio revelou-se como espaço de privilégio, à medida que tinham adquirido prestígio social e econômico em função das atividades que desenvolviam, mas principalmente sobre os lucros que possibilitavam aos seus patrões. Sobre este prisma, verifica-se que a ascensão deste grupo é condicionada a estrutura de um poder patriarcal, uma vez que mesmo que estas mulheres fossem a engrenagem mais importante desta máquina, ainda estavam em posição de submissão em relação aos homens.

2.4 A representação do poder: fotografia e os códigos de disciplinamento na indústria fumageira

Buscando compreender a dicotomia de gênero em um campo mais nítido aos olhos, a imagem possibilita avançar de forma significativa no debate. Ao passo que constrói uma linha tênue de diálogo com os respectivos papéis desempenhados por homens e mulheres nas

¹⁰³ Atribuição de mestre vinculava-se a uma posição de destaque entre os trabalhadores, sendo uma atividade que tinha por finalidade exercer um melhor controle da produção. Até o período estudado, esta foi uma função desenvolvida apenas por homens, e tornou-se um forte instrumento de coesão nestes espaços.

¹⁰⁴ SILVA, Elizabete R. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres:** um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo da Bahia. Salvador: [s.n.], 2011. p. 143.

¹⁰⁵ As fábricas produziam uma diversidade de charutos e cigarrilhas, que se diferenciavam pela qualidade atribuída ao produto final. Desde os trabalhos iniciados nos armazéns, através da escolha das folhas, até as mãos da charuteira que dão acabamento final a produção, está imersa uma classificação. Aspectos como: a escolha da folha, o peso, o ponto de combustão, tamanho estão entre os fatores que determinavam um produto de alta e baixa qualidade.

fábricas de fumo, ajuda a despontar aspectos para além das relações trabalhistas, compondo a atmosfera destes ambientes e os revelando importantes aspectos da trama histórica.

Figura 11 - Charuteiras no interior de fábrica



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A fotografia acima faz referência a uma das fábricas da Dannemann, que funcionou da Rua João Severino da Luz Neto, no município de São Félix. O registro remete-se ao ano de 1940, e ilustra o contexto no qual as charuteiras desenvolviam suas atividades. Estes eram espaços caracterizados pela disciplina, onde foi estabelecido um rígido sistema de vigilância e controle de produção, ao passo que a relação tempo e espaço foram pensadas de maneira a proporcionar os maiores ganhos em produtividade, e como consequência extrair o máximo possível das operárias.¹⁰⁶

Os locais onde estas mulheres se assentavam, obedeciam um severo aparelhamento, alocando a produção de acordo com o nível dos charutos produzidos. Este aspecto favorecia a construção de hierarquias mesmo entre as mulheres, uma vez que tais papéis definiam alas onde eram confeccionados produtos com maior qualidade e outras em condições inferiores. Revela-se sobre estes fatos a utilização de um forte caráter ideológico que se atribuía as funções e espaços, possibilitando inclusive distintos meios de disciplinamento.

Ao observar a imagem, é possível ter uma boa ideia sobre a forma que se instituía o desenvolvimento do trabalho das charuteiras. Dispostas sobre grandes mesas, que eram

¹⁰⁶ SILVA, Elizabete Rodrigues. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres**: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo da Bahia. Salvador: [s.n.], 2011. p. 170.

ocupadas de ambos os lados, tendo em cada uma delas cinco ou mais operárias, oferecia a cada uma um espaço individualizado, com divisórias laterais com cerca de 80 centímetros de largura, onde ficavam seus instrumentos e desenvolviam seus trabalhos. Esta estrutura visou ocupar o máximo possível do espaço disponível nos salões e ao mesmo tempo dificultar a comunicação entre as trabalhadoras, o que implicaria em queda da produtividade.¹⁰⁷

Disposta sobre bancos de madeira desconfortáveis, sem encostos para as costas e com um reduzido espaço para se locomover em ambientes quentes, as inúmeras repetições exercidas por cada uma delas em meio a jornadas de trabalho, revelou-se como algo realmente danoso à saúde. As palavras de (ZWEIG, 2001, p. 116) revelam o sentimento descrito ao ver o trabalho destas operárias:

Quase me envergonho de pôr um charuto na boca desde que fiquei sabendo quando trabalho exige a feitura de um deles. E, quando vi as centenas de dorsos curvados de tantas raparigas, com sentimento de culpa percebi quantos dorsos eu curvara assim.

É possível identificar na fotografia a presença do universo masculino circulando em meio às charuteiras, embora não estejam atribuídos a confecção de charutos. As posições ocupadas por estes homens neste registro revelam suas respectivas atribuições neste contexto. A margem esquerda e entre as trabalhadoras e no centro ao fundo, a expressão de quem fiscalizava a linha de produção, circulando entre os corredores. Os chamados mestres ou chefes de seção eram os principais instrumentos de controle e disciplina neste espaço. A margem esquerda, em condições menos favoráveis, a presença de cinco homens, que provavelmente realizavam funções secundárias, a exemplo da reposição das caixas as quais eram depositados os charutos.

Em recente estudo dedicado à atividade fabril desenvolvida por mulheres na indústria Dannemann, o historiador Carlos Augusto descreve os mecanismos de dominação e controle exercidos sobre as mulheres tomando como referência o gênero:

Essa divisão sexual do trabalho resultou na subordinação das mulheres ao trabalho da execução sob o mando dos homens, encontrados na concepção e controle da produção. O olhar dos mestres e a disciplina fabril constituíram os elementos mais significativos do processo de controle do patronato sobre as atividades das fumageiras. Na manufatura cuja produção é orientada pela habilidade das fumageiras no labor direto com as folhas de fumo, certamente, esse modelo de

¹⁰⁷ Arquivo Público de São Félix. Correspondências Internas da Dannemann. (1920-1952).

¹⁰⁸ ZWEIG, Stefan. **Brasil, País do Futuro**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 08 maio 2017. p. 116.

produção não foi regido pelo tempo das máquinas. Os mestres foram a materialização direta da separação entre quem concebe e quem executa as atividades produtivas, entre tudo aquilo que era planejado e tudo o que era feito nas seções e nas bancas de charutos. Esse papel da vigilância, entretanto, não só visou o controle da produção capitalista, mas resultou em opressões específicas às mulheres. Além da exploração diária da sua força de trabalho, elas tiveram seus corpos objetificados, alvos do assédio dos mestres.¹⁰⁹

A disciplina aplicada neste ambiente torna-se reflexo eternizado na imagem, ao passo que vislumbra-se uma rígida disposição sobre o espaço, onde os corpos tornam-se extensão desta lógica, de forma a desenvolver a criação de um modelo comum a todas as trabalhadoras. Lógica imersa no pensamento de (FOUCAULT, 1979, p. 106), ao entender que os indivíduos apresentam-se submetidos a construção de um padrão classificatório e combinatório.¹¹⁰ Nas fábricas de charuto tornam-se nítidos o processo de individualização do espaço e daqueles que nele estão. O condicionamento instituído entre os gêneros torna-se outro fato evidenciado sobre as reações de poder, à medida que homens encontram-se em pé e mulheres sentadas.

Este foi certamente um dos aspectos explorados pelo fotógrafo na constituição desta imagem, onde não realiza apenas uma distinção hierárquica entre os gêneros, mas também entre seus pares. A construção do registro aproveita a luz que se propaga da margem esquerda para a direita, de forma que todo o enredo da trama fotográfica é disposta sobre este preceito. O ângulo escolhido deveria valorizar a representação da estrutura hierárquica presente nas fábricas, ao passo que condiciona os indivíduos sob este princípio. Aqui fica evidenciado o papel de proeminência do mestre da seção, homem em destaque disposto entre as mulheres.

Por fim, as relações de poder concebidas nestas fotografias fornecem pontos consistentes para análise, à medida que constroem as representações de espaços periféricos na imagem. Sobre o plano de fundo, deslocados à margem direita, a presença de homens que ocupam funções secundárias frente à ordem de poder vigente. Estes são representados sob o signo da imponência em comparação ao anterior, sendo disposta ao fundo, em um espaço alheio a produção. Este foi mais um aspecto avaliado na composição, ao passo que buscou estabelecer hierarquias de gênero, ressaltando a estrutura de poder entre homens.

Vale enfatizar aqui, que tal qual um pintor renascentista ao escolher a tela e cores que irão compor seu quadro, o fotógrafo também é quem irá delimitar a combinação dos

¹⁰⁹ AUGUSTO, Santos Carlos Braga Neri. **Mulheres no Trabalho**: Controle, lutas e resistências na Cia. De Charutos Dannemann (1919-1948). In: VIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 8, 2016, Feira de Santana **Anais**. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477879113_ARQUIVO_TextoCompleto-ANPUH-MulheresnoTrabalho.pdf Acesso em: 23 nov. 2017. p. 3.

¹¹⁰FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 106.

instrumentos na elaboração de seu objeto. Porém, o trabalho de ambos não representará apenas a visão dos seus idealizadores, mas um código de conduta, com valores e sinais definidos por seus respectivos contratantes. Esta perspectiva teve por finalidade a propagação de ideologias através da imagem, ao buscar eternizar um modelo sob uma atmosfera que não apresentaria contradições.

Desta forma, estes registros também podem ser entendidos como fortes instrumentos do patriarcado, ao passo que tinham por objetivo alcançar os princípios capitalistas expresso sob os pilares da dominação e exploração, fato não apenas restrito às imagens, mas vivenciado nestes espaços. Sua organização reflete difusão de valores hierárquicos, ao passo que busca diferenciar os indivíduos por gênero, cor e classe social. Todavia, o elemento humano surge até entre as mais hierárquicas das construções sociais, revelando pequenas expressões do inusitado, despontando aspectos não esperados.

Certamente a presença do fotógrafo em meio à linha de produção não era algo esperado ou representava um aspecto cotidiano nas fábricas de charutos. Apesar da popularização da imagem no século XX no Brasil, no Recôncavo da Bahia ela ainda apresentava-se como um instrumento da modernidade vinculado à elite. Assim, mesmo emparelhadas entre as mesas e sob uma disciplina que lhes obrigavam a prender os cabelos e infligiam constante vigilância em seus encaixos, torna-se possível perceber as expressões destas mulheres no instante em que se eterniza a imagem.

Na margem inferior direita a já conhecida charuteira Anna Patrícia de Souza, apresentando um olhar fixo para frente. Ao observar a profundidade e enquadramento aplicado ao registro, certamente sua aparição não foi objeto de preocupação do fotógrafo, ao passo que torna-se a única de sua mesa a ser retratada. Perspectiva que diferencia-se da seção seguinte, ao notar-se olhares curiosos, possivelmente devido a aparelhagem utilizada na composição. É possível também notar que o fotógrafo buscou se estabelecer em proporção mais alta em referência às operárias, a fim de compor uma amplitude maior ao registro, onde também a localização destas neste espaço viria a representar o primeiro plano da imagem.

Apesar das atividades fumageira no Recôncavo da Bahia terem apresentado uma vinculação mais abrangente dentre o gênero feminino, estas também foram atividades desenvolvida por homens, sobretudo os negros. Desempenhavam funções tanto em armazéns quanto nas fábricas, em ofícios que geralmente obedeciam a ordem braçal, embora também desenvolvessem atividades mais específicas. Mesmo que estes trabalhadores não estivessem envolvidos diretamente na confecção de charutos e cigarrilhas, as folhas de fumo passavam por suas mãos em etapas anteriores. Se a divisão entre os gêneros funcionou como um

instrumento utilizado para submeter as mulheres frente aos homens, a dicotomia entre brancos e negros instituiu outra entre o gênero masculino, ao passo que as funções e remunerações vinculadas aos cargos mais importantes eram ocupadas por homens brancos.

Buscando ter uma compreensão maior sobre as funções e espaços em que estes trabalhadores estiveram imersos, a imagem nos possibilita avançar no debate, quando aqui despontasse não apenas o desenvolvimento de suas atividades, mas a representação sob um código de valores ao olhar de uma elite branca.

Figura 12 - Negros e a dinâmica de trabalho da fábrica de charutos



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A imagem de autoria anônima evidência a dinâmica da fábrica de charutos Dannemann, na Avenida Salvador Pinto em São Félix, na década de 1930.¹¹¹ Sobre o plano, revela a disposição dos corpos de homens negros e o enquadramento do maquinário buscando representar a dinâmica fabril e mostrando seus diversos estágios de produção. Sobre a composição desta lógica, os carregadores ganham um tom de destaque em relação aos demais retratados, posicionando-se a frente dos demais. Com efeito, esta atribuição não reflete uma

¹¹¹ O processo de digitalização destas imagens foi realizado pelo autor deste trabalho, junto ao projeto de mapeamento do arquivo público de São Félix em pesquisa vinculada ao PIBIC, em 2013. Contudo, parcela significativa dos arquivos fotográficos encontrados e utilizados aqui são reproduções dos originais, onde as dimensões primárias não foram conservadas. Um fator que justifica este fato foi a intensa perda de documentos em Cachoeira e São Félix devido as constantes enchentes do rio Paraguaçu, que até a década de 1980 invadia ambas as cidades, causando enormes danos. Assim, a qualidade de algumas imagens foi parcialmente comprometida.

função privilegiada ou de destaque na produção, mas aqui se apresenta como o primeiro estágio de produção, ressaltando a chegada das folhas de fumo neste espaço. Neste ponto, reflete-se a intencionalidade do fotógrafo ao induzir o observador sobre tal construção.

O destacamento do fumo é representado como a segunda etapa desta constituição. O processo manual é realizado por um círculo de trabalhadores sentados no chão, onde realizam a separação das folhas dispostas ao centro. Evidencia-se mais uma vez a construção de valores atribuídos a imagem, ao passo que este é o setor que incorpora o maior número de trabalhadores, mas também é o que menos se vê na imagem. O fato de ser o único grupo que desenvolve funções juntos ao chão que pode ser observado na composição, à medida que também aparecem dois carregadores e entre operários dos maquinários, todos estes em pé.

Os trabalhadores disposto sobre as máquinas ocupam o espaço central da imagem e expressa a ideia de produção fabril. A imponência destas estruturas, que facilmente ultrapassavam dos três metros de altura, busca causar um efeito sobre quem observa a imagem, numa ideia atribuída à profunda disposição destes instrumentos, de forma a compor a maior parte do cenário.

Mesmo sendo a fotografia um registro que torna-se estático no tempo, a representação desta imagem sugere movimento. O carregamento do fumo que acabara de chegar ao espaço, a organização das folhas sendo realizadas ao fundo, as máquinas em atividade. Ideias que buscam anunciar uma circularidade e movimento expresso nas fábricas. Esta é a tônica desta imagem, o registro do ambiente de produção, que retrata a dinâmica do trabalho de considerável número de empregados, mas que não se veem em nenhum plano. Mesmo quando um em frente ao outro, caso dos carregadores, sendo representados com a cabeça baixa e outro com a cabeça elevada.

Todavia o fator humano sobre o desconhecido, instintivamente propõe certa curiosidade sobre o novo, o que a resultaria em olhares curiosos incidindo diretamente sobre a câmera. Corroborando com a imagem anterior, onde encontra-se também tal evidência, esta fotografia apresenta outro emprego da disciplina no desenvolvimento do trabalho. No entanto, não percebe-se a presença de indivíduos fiscalizando o desenvolver das atividades, nem tão pouco o mesmo rigor presente entre as mulheres que tinham até os cabelos presos, estando vários homens desenvolvendo seus trabalhos até sem camisa.

Neste ponto, percebemos diferentes formas atribuídas no emprego dos chamados “códigos de disciplinamento” entre os gêneros nos registros fotográficos, sobretudo entre os negros. Estes são aspectos que irão nortear as especificidades impostas dentro de cada gênero sob um viés iconológico. Perspectiva que define homens e mulheres não apenas como

indivíduos que desenvolviam funções diferentes, mas que especialmente deveriam ser representados de formas distintas frente ao olhar da elite.

Seguindo estes pensamentos, a indústria fumageira desenvolveu um conceito que buscou vincular a imagem do gênero feminino em duas abordagens distintas, que inicialmente mostram-se antagônicas. Contudo, sob um olhar mais apurado, manifestam-se como faces de uma mesma moeda, ao passo que ambas empreendem a mesma ideia, a exploração. A primeira delas sob um viés mais genérico, atribuindo-as como sexo frágil, submissa ao homem, dispostas sob um signo de obediência. Conceito que deriva da lógica implícita ao patriarcado, objeto já analisado aqui, a exemplo das linhas de produção dos charutos.

Uma segunda perspectiva emerge quando encontramos a associação entre a imagem destas mulheres e o objeto de seu trabalho, o charuto. Este foi um campo empreendido entre as principais indústrias fumageira no Recôncavo da Bahia. As principais marcas deste gênero como Dannemann, Stender & Cia, Suerdieck, Pook & Cia, Rodenburg, Jezler & Hoening, R. Gaeschlin, Costa & Ferreira buscaram associar o trabalho empreendido por estas mulheres como sinônimo de qualidade.

A propagação desta ideia difundiu-se pelo país, mas principalmente no exterior, destino da maior parte da produção, que era exportada para Europa. Neste sentido, as litografias que bem anteriormente já serviam como veículo de divulgação e propagação de ideias através das imagens, foram inseridas na indústria fumageira tornando-se instrumentos desta propaganda, como também servindo como postais e estampando os rótulos de caixas de cigarrilhas e charutos.¹¹²

Buscando estabelecer os moldes desta relação, tomemos o exemplo do postal intitulado *A bella africana*, empreendido por Stender & Cia¹¹³.

¹¹² Entre os séculos XIX e XX, as litografias foram a solução encontrada como propagadoras da modernidade. O baixo custo, aliado a uma alta circulação, foram fatores que levaram a propagar-se rapidamente entre rótulos, cartazes, jornais, mapas. No entanto sua circulação já era conhecida desde fins do século XVII, sendo posteriormente em madeira, tecido e plástico.

Figura 13 - Mulher negra em litografia da indústria charuteira



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A feição que classifica a mulher negra como gênero forte, coalhada em atributos, dona de olhar e composturas imponentes, não reflete a visão da elite branca, nem muito menos realidade estabelecida sobre a população negra no Recôncavo da Bahia entre as primeiras décadas do século XX. Neste ponto, as constituições destes valores revelam-se invertidas, a exemplo do reflexo de um espelho, fato que se justifica sob uma máscara que condiciona tal representação em face de uma lógica de mercado. Se por um lado a conotação bela africana, que induz e ilustra a figura de uma mulher negra, composta por uma série de adornos e adereços fomentando a ideia de prestígio.

Tendo em vista que para os admiradores de bons charutos, principalmente entre os europeus, a imagem do produto era tão importante quanto sua qualidade, logo a associação destas trabalhadoras como africanas, também constituía aos seus olhos um atributo positivo, face que em meio a esta lógica atribuía aos charutos um status diferenciado. Logo, a conotação africana quando agregada ao adjetivo bela, faz menção a sua capacidade em produzir “belos” charutos de qualidade. Em suma, criar uma imagem que supostamente valoriza a mulher, a relacionando sutilmente com a escravidão, a fim de compor uma lógica que atribui valor não ao indivíduo, mas ao produto. O que permite associar sua imagem ao

empreendido produzido pela marca do fabricante, exposta do lado esquerdo da figura ou ainda em sua mão direita em um charuto.

O campo iconográfico nos ajuda a refletir um pouco mais sobre a constituição desta imagem. Ao passo que não menciona o autor nem ao menos datas, podemos supor que esta litografia data de um período entre as duas primeiras décadas do século XX. Uma vez que em 1922, a marca Stender & Cia fundiu-se com a Dannemann, prevalecendo a nomenclatura desta última. Na margem inferior o endereço da fábrica, que dialoga com o plano de fundo, retratando o ambiente em que se produziam os charutos. Aqui nota-se a visão rústica e exótica empreendida sob a perspectiva de uma atmosfera tropical com bastante verde, coqueiros e habitações simples.

Perspectivas que revelam o poder e capacidade das imagens na propagação de ideologias e valores no tempo e espaço. Construções que por vezes desvendam múltiplos significados a serem decifrados. Aspectos que evidenciam uma complexa trilha a ser percorrida e desbravada pelo historiador. Neste aspecto, estas imagens estão carregadas de uma subjetividade que se reflete na percepção do olhar estrangeiro sobre as mulheres negras. Elementos como a cor, indumentária, utensílios como o pano da Costa e turbantes, ornamentos e joias fazem parte da construção deste imaginário.

Sobre esta questão, Isis Freitas pondera que estas características fazem parte de uma memória construída socialmente sobre as mulheres negras da Bahia. Visão confluyente à imagem que percorreu o mundo como propaganda exótica, difundida por relatos de viajantes estrangeiros que aqui estiveram, através do campo literário e posteriormente na música, a exemplo da Bossa Nova.¹¹⁴

Neste bojo, forja-se uma estreita relação entre a sexualidade feminina e estes registros. De modo que as imagens não foram as únicas formas desenvolvidas que abarcaram uma conotação erótica sobre as mulheres negras. Os rótulos e os próprios charutos em muitos casos, adjetivavam esta relação. Estes eventos revelam aspectos culturais do universo masculino frente ao desejo do corpo feminino, conjugando ao prazer do tabaco. A indústria fumageira buscou explorar a construção deste público ao associar nomes femininos a tipos de charutos e cigarrilhas.¹¹⁵

¹¹⁴ Cf. GOMES, Tiago de Melo e SEIGEL, Micol. “**Sabina das Laranjas**: gênero, raça e nação na trajetória de um símbolo popular, 1889-1930”. In: *Revista Brasileira de História*. V. 22, n. 43, 2002, p. 171-193.

¹¹⁵ Para além da associação ao corpo feminino, outras formas de vinculações foram utilizadas pela indústria fumageira a exemplo de charutos que homenageavam nações, cidades onde se originavam os proprietários a exemplo de *Brenma*, *Bremenses*, *Hahseaticos*, personalidades como *O Príncipe de Bismarck* (1897). Todos produzidos pela Dannemann.

Tabela 5 - Charutos com nomenclatura feminina

Nomenclatura	Marca	Ano
Bella diva	Dannemann	1892
A bella cubana	Dannemann	1903
Mulata	Suerdieck	1911
Negrinha	Araujo & Cia	1901
Prima Donna	Suerdieck	1911

Fonte: Arquivo do Estado da Bahia, Livros de Marcas e Registros, 1888-1924. In: BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de fumo na Bahia 1870-1930**. p. 32-34.

Em estudo dedicado a representação de mulheres negras na Bahia em cartões postais, Isis Freitas Santos analisa duas coleções produzidas pelo fotógrafo alemão Rodolpho Lindemann em Salvador, entre o fim do século XIX e início do século XX.¹¹⁶ Entre as representações das crioulas encontramos uma série de semelhanças com a litografia *Bella negra* mencionada anteriormente, elementos que remontam a construção de um modelo.¹¹⁷

Figura 14 – Representação da crioula



Fonte: MT. Clichê Lindemann, Bahia. Cartão Postal D. Crioula – Bahia. 1881-19[...]

¹¹⁶ SANTOS, Isis Freitas dos. **“Gosta dessa baiana?”** Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920). 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p. 66.

¹¹⁷ MT. Clichê Lindemann, Bahia. Cartão Postal D. Crioula – Bahia. 1881-19[...]. In: Ibidem, 2014.

As imagens apresentam uma série de semelhanças, a exemplo da pose empregada em perfil, posicionamento das mãos, estando à direita na cintura e a esquerda disposta sobre as vestes. O eixo de inclinação dos corpos, ressaltando uma postura ereta e imponente, refletindo um forte olhar. Aqui a mulher negra é entendida sob o signo de crioula, e é apresentada por uma jovem, o que pode vim a indicar que nascera nesta terra. Sua robustez torna-se sinônimo de sua saúde e condição de beleza.¹¹⁸

Suas vestes seguem a construção de uma mesma estética, camisa de tecido branco com bordados e rendas, na cabeça o lenço, em seu tronco o pano da costa e uma saia rodada na parte inferior. Ambas as representações não exibem a parte inferior dos corpos. Sobre sua cabeça um guarda-chuva, quando a ideia de carregar objetos na cabeça ao longo do tempo tornou-se uma das características das mulheres negras.¹¹⁹ Neste sentido, era cena cotidiana, naquele período, encontrar negras com frutas, água, caxinheiras, quitutes, que eram equilibrados e sustentados no molejo dos seus corpos. Deste modo, estas foram características assimiladas pelo olhar de quem as retratavam, criando assim uma série de códigos e símbolos sobre a mulher negra no campo da imagem.

Ao passo que identificamos uma gama de semelhanças, também é possível apontar evidentes diferenças, que refletem o campo de atuação e a intencionalidade destes documentos. A composição de Lindemann foi realizada em estúdio fotográfico, de modo a utilizar um plano de fundo cinza, permitindo ao observador voltar sua atenção para a modelo. Tal prerrogativa denota a ausência de preocupação do fotógrafo com a elaboração de um cenário. Todavia, a escolha de uma tonalidade pouco atrativa não reflete apenas a sua intencionalidade em retratar seu objeto, mas seguem os princípios que valorizavam o manuseio da luz, a relação a tonalidade da pele de quem era retratado, bem como suas vestes, diálogos que eram estabelecidos em grande medida através dos manuais de fotografias.¹²⁰

Já a litografia sobre a Bela Africana apresenta um cenário específico, que ressalta um ambiente ruralizado, retratando um campo com árvores e uma casa rústica ao fundo. Este princípio dialoga com a proposta estabelecida com a representação, e busca constituir a ideia

¹¹⁸ SANTOS, Isis Freitas dos. “**Gosta dessa baiana?**” Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920). 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p. 67.

¹¹⁹ Ibidem, p. 69.

¹²⁰ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **No estúdio do fotógrafo**: representação e auto representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. 2006. Tese (Pós-Graduação em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 39-50.

dos trópicos aos olhos dos europeus. Diferente da fotografia de estúdio realizada com um plano de fundo sem vida na composição de Lindemann, a litografia propõe uma interação contextualizada com plano de fundo que dialoga com a construção da mulher negra com o ambiente onde encontra-se inserida. Esta condição aponta para a especificidade da imagem, ao relacionar o charuto e sua produção à qualidade e ao erotismo da mulher negra do Recôncavo da Bahia.

Outra dimensão importante a ser analisada refere-se ao uso das joias destas mulheres. Símbolos de poder, funcionavam como um forte elemento de distinção social, resistência e porque não, rebeldia a ordem estabelecida. O uso destes ornamentos passou a ser associado como um forte indicador de prosperidade e ascensão. Como bem pontuou Amanda Gatinho Teixeira, essas joias apresentavam características específicas, sendo diferentes das utilizadas pelas senhoras brancas.¹²¹ Assim, o peso, as dimensões e a qualidade do material eram diferentes das peças em comparação mulheres que integravam a elite.

O olhar sobre as indumentárias, joias e ornamentos constituíram aspectos extremamente relevante sobre a construção dos códigos de representações sociais. Deste modo, evidenciavam-se as relações de poder entre pobres e ricos, homens e mulheres e, sobretudo entre brancos e negros. No tocante a esta relação, (BITTENCOURT, 2005, p.25) pontua que¹²²

Sinais exteriores da posição social dos indivíduos como vestuário e joias tinham um importante papel na hierarquização da sociedade brasileira. Neste contexto a indumentária deve ser vista como um importante elemento simbólico ao evidenciar as diferenças existentes entre os grupos sociais, tornando visíveis as hierarquias. Além de definidora de identidades, a moda permitia a visualização sistemática de significados relacionando a valores e padrões de comportamentos.

Ao voltarmos o olhar para a fotografia elaborada por Lindemann, encontramos a presença destes elementos: o uso de pulseiras, contas, brincos. Contudo, a representação realizada através da litografia revela uma modelo muito mais pomposa, e conseqüentemente, cunhada sobre um prestígio maior que se faz através das joias ali representadas. A cor

¹²¹ GATINHO, Amanda Teixeira. Sob os signos do poder: a cultura objetificada das joias de crioulas afro-brasileiras. **Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB)**. Brasília, n. 22, jan.–jul. 2013. p. 13.

¹²² BITTENCOURT, Renata. **Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” a imagem da mulher na arte do século XIX**. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte e da Cultura) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. p. 25.

dourada se sobressai em face da pele negra, através dos braceletes de copo ou punho, pulseiras de placas e presença do colar, culminando com seus brincos.¹²³

As diferenças aqui revelam o campo intencional sobre ambas representações: se na fotografia buscou-se ressaltar a mulher negra através dos olhos do estrangeiro, a litografia segue este mesmo princípio, mas, no entanto, vai além a medida que associa a venda de charutos e o empreendimento charuteiro a estas mulheres e ao cenário no qual estão inseridas. Deste modo, sua representação aparece de forma mais luxuosa, vívida e prazerosa que se materializa sobre o ato de uma mulher negra tragando um charuto.

¹²³ Sobre trabalho referente ao uso de joias por negros entre os séculos XIX e XX, ver: LODY. Raul. **Joias de axé - fios de conta de outros adornos de corpo**: a joalheira afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAPÍTULO 3

APARECENDO NA FOTO: a cidade e os indesejáveis

3 FOTOGRAFIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Para aqueles que atravessaram os penosos anos do cativo, tão importante quanto obtenção da liberdade foi a contínua necessidade em afirmar-se enquanto livres. Os desdobramentos da escravidão haviam criado categorias a fim de suprimir suas identidades, buscando classificá-los enquanto propriedade de outros. Sob o manto da abolição, passaram a ser entendidos como uma massa negra, genérica e inferiorizada.

A instauração da república e as transformações ocorridas entre as primeiras décadas do século XX passaram a garantir uma liberdade míope ao povo negro, ao passo que não representaram expressões de cidadania. Logo, foram assentados à margem de uma sociedade que não apenas lhes negou direitos, mas que a todo custo buscou criar novas instâncias e categorias a fim de subjugar-los sobre uma lógica que ainda não havia sido esquecida.

O campo que constituiu as imagens e representações do negro no pós-abolição, não buscou estabelecer distinções entre aqueles que haviam sido escravizados, libertos ou mesmo não tivessem sido objeto direto de tal instituição. A fotografia revelou-se como eficiente instrumento utilizado na repressão das chamadas “pessoas de cor”. Ao longo do século XX voltaria a criar perfis estereotipados, concebendo imagens em que muitos aspectos irão remontar seu passado como escravizado. Evidencia-se aí uma relação anacrônica, onde prevalece uma identidade visual negra inferiorizada.

Ao analisar tais representações, torna-se necessário considerar como relevantes toda uma gama de informações imersas na trama fotográfica. Assim, emergem novos campos de influências que impactaram na constituição das imagens e revelando a construção de valores reproduzidos pela sociedade que consumiam estes documentos. Fica evidente aqui, a relação orientada pelo olhar destes profissionais, na medida em que estas interpretações passaram a refletir um código moral instituído.¹²⁴

O fotógrafo tornou-se uma ativa ferramenta dentro de uma cultura visual, possibilitando que as imagens dos negros fossem classificadas como inferiorizadas.¹²⁵ Tal perspectiva evidencia-se à medida em que estes registros não eram produzidos e consumidos pelos próprios negros, que certamente não estavam acostumados a aparecer, se ver ou ainda se

¹²⁴ MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36.

¹²⁵ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

reconhecerem através de um padrão construído pela cultura elitista branca.¹²⁶ Estas ideias estavam presentes em seguimentos de uma sociedade positivista e modernista, que se movimentava através do pensamento científicista. Como um abrir de cortinas em um grande teatro, entravam em cena as teorias raciais entre as primeiras décadas do século XX, que não apenas haviam criado argumentos para justificar a escravidão, mas mesmo após seu término ainda influenciaram e caracterizaram os negros como diferentes e exóticos.¹²⁷

A eminência de teorias europeias forjadas ainda no século XVIII, a exemplo do darwinismo social, eugenia, climatologia e arianismo, buscaram classificar as raças humanas partindo de uma suposta superioridade racial dos europeus. No Brasil, seus reflexos inspiraram a produção de obras que tiveram como objetivo reforçar as relações assimétricas entre brancos e negros, de forma a legitimar o cárcere no século XIX. No pós-abolição serviram como fontes, instituindo a propagação de ideias racistas que defendiam a inferioridade do negro sob um novo viés, a mestiçagem.

Buscando estabelecer os impactos destas ideias no Brasil, o antropólogo (MUNANGA, 2008, p. 26-27) traz uma série de reflexões, tendo como objeto a formação das identidades no país¹²⁸, ao passo que realiza profunda análise das obras e o pensamento de intelectuais europeus a fim de estabelecer seu campo de influências sobre as elites brasileiras. Por fim, mostra como as diversas teorias racistas exerceram considerável influência na constituição de uma identidade nacional e seus desdobramentos na formação de uma identidade negra.

Sobre eloquentes discursos, os intitulados filósofos das luzes - como Voltaire - a definiria como uma anomalia humana, afirmando que a união entre homens de duas raças distintas era algo anormal, uma vez que havia diferenças internas e externas. Assim, a mestiçagem foi vinculada como uma transgressão das leis naturais, fenômeno ao qual o branco perderia sua originalidade. Sobre as palavras do médico e filósofo francês Julien Offray, as raças humanas seriam o resultado de uma mestiçagem primitiva que corrompeu o homem branco, misturando seu sangue com sangue de bestas.¹²⁹ Tal lógica concluía que o “homem de cor” era em si um degenerado e a mestiçagem um elemento de contaminação.

¹²⁶ Cf. SANTOS, Arilson Gomes. Aparecendo na foto: Representações do negro na fotografia em Porto Alegre no final do século XIX e início do século XX. **História, imagem e narrativas**. v. 5, ano 3, set. 2007.

¹²⁷ Cf. MENESES, Ulpiano Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56.

¹²⁸ MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 26-27.

Seguindo os mesmos princípios, o teórico do racismo, Gorbieau, afirmava que uma raça torna-se degenerada à medida que perde sua pureza. O branco entendido como forte e bonito, através do processo de mestiçagem perderia seus atributos. Como consequência os mulatos se tornariam frutos inteligentes ou feios, ou ainda fortes, mas débeis, concluindo que a raça ariana era a raça suprema entre os homens.¹³⁰ Os pesos de suas palavras expressavam o sentimento da elite frente à configuração étnica brasileira.

Mas se, em vez de se reproduzir entre si, a população brasileira estivesse em condições de subdividir ainda mais os elementos daninha de sua atual constituição étnica, fortalecendo-se através de alianças de mais valor com as raças europeias, o movimento de destruição observado em suas fileiras se encerraria, dando lugar a uma ação contrária.¹³¹

Ponderando que as ideias foram desenvolvidas pelos intelectuais das luzes, o Brasil inegavelmente sofreria fortes influências destas vertentes, mesmo que de forma tardia. Contudo, estas teorias também desenvolveriam características próprias nos trópicos, alargando-se em propostas originais para “resolver” a problemática negra no país. É dito que a parte dos intelectuais brasileiros no pós-abolição definiram o negro como inferior. Em suas cabeças prevalecia o ideal branco de nação. Para tanto, evidenciava-se a questão da miscigenação e sua indesejável conexão com escravidão, elementos visíveis aos olhos que contrastou com o projeto de nação moderna idealizada pela elite.

Para muitos a teoria do embranquecimento era algo para se confirmar apenas em um futuro distante. Sílvio Romero entendia o fim da escravidão como um grande passo para a eliminação do negro no Brasil, por conta de suas péssimas condições de vida pós-abolição. Seus argumentos foram constituídos à medida que estes não tiveram acesso à educação, sistema de saúde, entre outros direitos básicos. Elementos que certamente reduziram consideravelmente a expectativa de vida desta gente em comparação aos brancos. Princípios que levariam Romero a acreditar em um país de população apenas branca em um intervalo de dois séculos.¹³²

No entanto, a crença no embranquecimento não foi uma unanimidade entre os pensadores brasileiros. O médico Nina Rodrigues, que viveu em Salvador no período da abolição, classificou os negros como degenerados, ao passo que criou categorias para defini-

¹³⁰ Ibidem, p. 44-45.

¹³¹ Cf. RAEDERS, Georges. **O Inimigo Cordial do Brasil**: o conde de Gorbineau no Brasil. [S.l.]: Paz e Terra, 1998.

¹³² MUNANGA, op. cit., p. 52-53.

los.¹³³ Diferentemente de Romero que acreditava no embranquecimento ao longo do tempo, Rodrigues via no Brasil um futuro país de mulatos. Sob este crivo, negro e branco desapareceriam sob os moldes da mestiçagem. Entendia os “indesejáveis” como causadores de desequilíbrio e perturbações à sociedade branca, tendo em vista que ainda não haviam alcançado uma consciência plena, não podendo assim exercer o livre arbítrio. Respaldo sob tais argumentos, Rodrigues iria além, ao ponderar a criação de código penal distinto entre brancos e negros.¹³⁴

Na segunda metade do século XIX a fotografia não foi apenas mais uma forma de representar o mundo, mas o meio para torná-lo visível sobre uma perspectiva real a determinado segmento social.¹³⁵ No pós-abolição a difusão daquelas ideologias estiveram imersas nestes documentos, criando um canal reprodutor de valores e estereótipos. Refletindo sobre a construção da realidade e tradições idealizadas pelas elites, o célebre historiador do século XX, (HOBSBAWM, 1997, p. 09-27), afirmou que as chamadas tradições inventadas, são representações simbólicas que incorporam valores e comportamentos. Logo estabelecem como princípios a imposição de práticas que tendem a se repetir sem alterações ao longo do tempo.¹³⁶

Ao destacar as tradições como fenômenos estáticos, fadados a repetições ao longo tempo, o pensamento difundido por Hobsbawm fornece a tônica imposta pelas elites ao negro no pós-abolição, à medida que buscou compor estratégias a fim de subjugar-los em um estado que lhes negava a prerrogativa de direitos. Proposições que ganham contornos mais nítidos quando associadas às experiências e significados que compuseram as visões de liberdade entre aqueles que vivenciaram tais tempos.¹³⁷

Para muitos que estiveram imersos em uma sociedade que não os reconhecia, a cidadania não representou uma ideia vaga, mas o conjunto de direitos e valores que constituíram um sentido amplo de liberdade, como escolher seus representantes através do voto, ter acesso a saúde e educação. Estes foram tempos em que tradições e costumes

¹³³ CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998. p. 223. apud PAZ, Clilton Silva. *Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao primeiro congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

¹³⁴ A fim de estabelecer categorias para definir o grau da mestiçagem atribuído os indivíduos no Brasil com objetivo de ressaltar aqueles que poderiam ou não conviver em uma sociedade de brancos, Nina Rodrigues estabeleceu três diferentes níveis de evolução: superior, intermediário e inferior. Sendo este último fruto de negro e índio, e o primeiro vinculado à mistura de branco com indígenas.

¹³⁵ DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 27.

¹³⁶ HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 09-23.

¹³⁷ CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 116- 117.

entravam em choque num estado que inventou uma igualdade baseada nas diferenças onde poucos continuavam a explorar muitos.

A importância que São Félix desenvolveu não esteve resumida aos limites territoriais do município. É preciso considerar a composição de toda uma rede comercial que se estendia a nível regional, ao passo que desde meados do século XIX já passa a desenvolver seu caráter mercantil, servindo como um importante entreposto entre negócios desenvolvidos com a capital e os sertões. As dimensões do desenvolvimento foram pontuadas por (MOREIRA, 2002, p. 56) quando comparada a Cachoeira, à medida que ambas desempenhavam funções como concorrentes e complementares¹³⁸, quando ambas estabeleciam relações econômicas com a capital e com diferentes localidades mediadas por suas localizações no Paraguaçu.¹³⁹

3.1 Ascensão urbana e os invisíveis: representação da elite sobre o negro

No Recôncavo da Bahia, desde os tempos colônias havia se concentrado parcela significativa da população negra escravizada em zonas rurais, sobretudo nos engenhos de açúcar. Com o fim do regime escravocrata, parcela significativa desta força de trabalho migrou para os espaços urbanos em busca de novas oportunidades. Deste modo, São Félix se tornou destino para muitos destes trabalhadores, atraídos por seu potencial comercial e crescente produção vinculada às indústrias de fumo. No entanto, outras transformações ocorriam de forma simultânea, a exemplo de sua emancipação da comarca de Cachoeira, na margem oposta do Paraguaçu e a proclamação da República que ocorreria no decorrer das semanas seguintes, em 15 de novembro de 1889.

Tais transformações mudariam drasticamente algumas dentre as realidades constituídas ao longo do tempo e espaço, criando um terreno fértil de propagação de fortes conflitos. Na perspectiva daqueles que emergiram ou estiveram vinculados à escravidão, abria-se um novo contexto de oportunidades, onde buscariam de fato superar a sombra do

¹³⁸ MOREIRA, Virlene. **Entre a Baía e os Sertões**. A dinâmica comercial do Recôncavo da Bahia: São Félix (1857-1889). 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. p. 56.

¹³⁹ Imerso a um contexto em que a malha ferroviária ainda não havia alcançado seu auge, o Paraguaçu tornou-se a principal via de escoamento das relações comerciais estabelecidas entre a cidade do Salvador e os longínquos sertões. Sob a construção de uma via dupla, o porto de São Félix tornou-se um importante ponto estratégico a margem esquerda, de onde as mercadorias eram direcionadas por terra. A margem direita, Cachoeira estabeleceu relações comerciais com a região próxima a Feira de Santa e também a capital. Neste sentido desenvolviam uma concorrência a medidas que transportavam e comercializavam os produtos do recôncavo para a capital, mas ganhavam sentido complementares à medida que se lançavam a outras territorialidades, relações ditadas geograficamente por suas respectivas localidades as margens do rio Paraguaçu.

cárcere presente em seus encaixos. No imaginário das elites locais, a abolição veio por a prova a construção dos privilégios constituídos ao longo dos séculos, ao passo que propagava-se a ideia de uma suposta igualdade entre brancos e negros. No entanto, tais transformações também permitiram que esta nata forjasse novos instrumentos a fim de perpetuar as diferenças e estabelecer a manutenção de antigos privilégios.

Aqueles eram tempos em que o poder municipal funcionou como um forte instrumento de controle político da elite local, ao passo que compuseram a principal força responsável pelo processo emancipatório da intendência em 1889. Dentro deste contexto, industriais e comerciantes ditaram os rumos tomados pela intendência, passando a utilizar a esfera do poder público para exercer seus respectivos interesses. Através de suas fortunas, ampliaram suas redes de prestígio, onde não se demarcou fronteiras entre o público e privado.

Se a emancipação havia permitido certa autonomia a São Félix, a instauração da república veio a consolidar tal tendência, ao passo que possibilitou estabelecer políticas confluentes àqueles que ocupavam as esferas mais altas da sociedade.¹⁴⁰ Já que um número considerável de funcionários públicos se vinculava a esta classe social, os projetos de leis refletiam suas necessidades, suprimindo tantas outras vezes entre as camadas sociais mais baixas. Tal contexto dificultou a participação das classes populares na construção das leis e decretos que passariam a vigorar dentro dos limites do município.

Se por um lado a eminência de tempos republicanos havia possibilitado uma autonomia maior à intendência, também havia gerado contradições, à medida que possibilitou a ampliação do campo de influência da elite. No entanto, princípios estabelecidos com a primeira constituição brasileira não representaram a realidade neste espaço. Políticas de estado como a descentralização política e o fim do voto censitário, não representavam princípios democráticos concretos, à medida que havia se instaurado uma estrutura eleitoral corrupta dificultando o acesso dos “indesejáveis” a cidadania.¹⁴¹

Nos anos posteriores ao processo de emancipação, São Félix constituiu os alicerces nos quais estabeleceria sua dinâmica econômica. Buscou estabelecer controle sobre as práticas comerciais, criando regulamentações que visavam constituir espaços disciplinados que deveriam funcionar sob a tutela municipal. A maior expressão dentro deste contexto foram os lançamentos de pesados impostos sobre as atividades comerciais. A medida tinha

¹⁴⁰ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1975. p. 116-117.

¹⁴¹ SANTANA, Roselia Prado. **Impasses Riquezas e Poder no Recôncavo da Bahia, São Félix**: (1890-1930). 2016. Dissertação (Mestrado) - Cachoeira, 2016. p. 77-78.

por finalidade constituir fonte de arrecadação dos cofres públicos, mas também refletia o interesse de uma classe de comerciantes locais, saciados através do campo político.

Revelou-se a criação de uma eficiente rede de interesses, à medida que parcela significativa dos agentes públicos esteve diretamente ligada aos maiores negociantes da cidade. Em tese dedicada ao estudo dos grandes negociantes frente a configuração e dinâmica comercial empreendida por este centro, (SANTANA, 2016, p. 78) afirma que

as posturas da câmara municipal reforçam a ideia de um espaço público heterogêneo, o qual o poder legislativo buscava regular. Claro, que o disciplinamento exercido pela câmara era limitado, exigindo negociações do poder legislativo com os demais setores e, buscava responder as pressões por mudanças sociais. O certo é que a tentativa de ajustar cidadãos a normas disciplinares não é possível de forma totalmente pacífica e harmoniosa, sem conflitos sociais. Contudo, as posturas nos dão indícios para pensar as vivências cotidianas, a tentativa de controle social, as regras aplicadas a categoria e suas estratégias sociais.¹⁴²

Em um intervalo de três anos após sua emancipação, a cidade já havia criado um código das posturas municipais, sendo instituído em 1893. Suas diretrizes buscavam estabelecer uma série de normativas sobre o viés da disciplina, estabelecendo duras punições em casos de desobediências. Desta forma, comerciantes deveriam abrir suas portas em dias e horários específicos em confluência ao determinado regimento. Ou seja, negar-se frente as fiscalizações promovidas pelo município ou ainda comercializar produtos sem autorização devida, poderiam resultar em altas multas e até dias de prisões.¹⁴³

Apesar da existência de uma elite branca de industriais e de negociantes de alto prestígio político, também detentores dos principais imóveis concentrados nas áreas mais nobres da cidade, a realidade de parcela significativa dos comerciantes locais era distinta deste seletto grupo social, sendo composta de indivíduos das camadas populares, onde muitos eram negros. Não foi cena incomum neste contexto, encontrar pequenos núcleos familiares em estabelecimentos comerciais de pequeno porte, a exemplo de restaurantes, armazéns, barbearias, sapatarias entre outras atividades comerciais, impulsionados pelo crescimento urbano e conseqüentemente da circulação de pessoas. A fotografia abaixo retrata um destes estabelecimentos comerciais fiscalizados pelo poder municipal, onde eram analisadas as condições de higiene, as licenças para desenvolvimento de atividade comercial no município, bem como as autorizações sobre o que poderia ser comercializado. É possível identificar uma

¹⁴² Ibidem, p. 78.

¹⁴³ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Pátria. p. 4, Edição 4, fevereiro, Ano 1893. Caixa 27, Estante,

acentuada disciplina através da disposição dos corpos sobre o enquadramento, tendo na parte central um homem e uma mulher e na margem direita um menino, sendo todos pretos.

Figura 15 - Fiscalização de estabelecimentos comerciais



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Através da análise do ambiente fotografado é possível estabelecer apontamentos sobre os sujeitos retrados, bem como o cenário onde estão inseridos. O estabelecimento disposto num único, mas extenso cômodo. Todavia torna-se necessário a abertura das janelas na margem direita, causando uma demasiada exposição de luz ao primeiro personagem (menino), mas por outro lado, fornecendo condições perfeitas para retratar o objeto principal deste arranjo, no centro da composição da imagem.

O ato de abrir as janelas bem mais do que estabelecer condições favoráveis ao fotógrafo para compor a imagem, a luz também revela aspectos mais nítidos do ambiente retratado. Pendurada na parede ao fundo uma imagem de Santo Antonio, que sugere indícios sobre a religiosidade destas pessoas. À direita um depósito de bebidas protegido por grades, e a existência de três outros balcões paralelos à margem direita sugerem a ideia que este espaço fosse compartilhado com outros comerciantes. As paredes descascadas, a burunga e mercadorias empilhadas na margem esquerda sobre o chão sujo foram aspectos captados pela ação fotográfica.

Ao observar a imagem, observa-se a posição de destaque da vassoura pendurada na viga de madeira, ficando suspensa entre os personagens centrais da imagem, como também o

espanador de poeira atrás da mulher foram atribuições do fotografo na montagem deste cenário, como o controle da luz, o enquadramento estabelecido e a disposição dos corpos em pose.

Figura 16 - Fiscalização a estabelecimentos comerciais



Fonte: Arquivo Público de São Félix

No registro acima é possível ampliar o debate iniciado na fotografia anterior, tendo em vista que as pinturas nas paredes e balcões são semelhantes nas duas imagens. Deste modo, o que se vê aqui é exatamente o que se localizava atrás do fotografo na fotografia anterior e vice-versa. A iluminação que aqui é estabelecida na margem esquerda em oposição a anterior, sugerem que os balcões deste registro funcionam como extensões dos retratados na primeira fotografia, reforçado a ideia deste espaço como ambiente composto por diversos comerciantes.

Ambas as imagens foram concebidas sob as ordens da intendência municipal na década 1920 e retratam o universo de pequenos comerciantes negros frente aos códigos de disciplinares em vigor neste período. A fotografia, neste contexto, tornou-se um dos principais instrumentos a registrar as transformações urbanas nas primeiras décadas do século XX, ao passo que se ampliaram os campos de fiscalização e tributação de impostos no município sobre as atividades comerciais.

A disciplina imposta sobre os indivíduos que estão sempre atrás dos balcões nestas imagens, são apresentadas aqui como códigos que refletiam a tendência vivenciada naqueles dias. As políticas sanitárias, fiscais e administrativas vigorantes através leis municipais haviam chegado a níveis desconhecidos no município até então. Tais políticas, além de

exercerem autoridade sobre as atividades comerciais desenvolvidas na cidade, revelando deste modo, mais uma forma de controle aos indesejáveis. Ao mesmo tempo, permitia ao poder público local aumentar suas receitas através dos diversos impostos cobrados, fossem em atividades para fora de seus limites, a exemplo das atividades portuárias no cais ou sobre a concessão de licenças comerciais.

É possível ter uma ideia sobre o volume das atividades portuárias desenvolvidas na cidade a partir das fotografias, já que são imagens que ajudam a pensar a sua dimensão econômica, bem como os sujeitos inseridos nestas atividades.

Figura 17 - Atividades comerciais no porto, década de 1920



Fonte: Arquivo público de São Félix

Figura 18 - Atividades comerciais no porto, década de 1920



Fonte: Arquivo público de São Félix

O crescimento da malha urbana protagonizada por uma classe trabalhadora emergente em espaços periféricos, aliado ao processo de construção e remodelamento de casarões e sobrados entre as áreas centrais nobres da cidade, haviam gerado grandes cifras ao poder público municipal. Ao passo que o crescente desenvolvimento comercial e industrial elevaria a outro nível os tributos arrecadados no porto da cidade. A fotografia acima revela a dinâmica portuária sobre estruturas em ferro, responsáveis pelo embarque e desembarque de caixotes, barris. Mercadorias que obrigatoriamente passavam nestes espaços em seus traslados para a capital ou os longínquos sertões.

Bem mais do que a lógica econômica inerente a um seleto grupo de negociantes e industriais, estas imagens evidenciam os trabalhadores do porto, braços negros que sustentaram o desenvolvimento econômico evidenciado entre as primeiras décadas do século XX em São Félix. Muitos dos que emergiram do sistema escravista, bem como seus descendentes, encontram a beira do Paraguaçu os meios para seu sustento fossem como pequenos comerciantes em pequenos estabelecimentos comerciais na cidade, carregando e descarregando mercadorias ou ainda a bordo dos saveiros que diariamente partiam para a capital.

No decorrer dos anos seguintes, ampliou-se a rede de encargos municipais, passando a serem taxadas as seguintes atividades: indústria e profissão, imóveis, exportações, tributo sobre a utilização do cais, gado abatido, suíno abatido, bem como licenças municipais.¹⁴⁴

Buscando estabelecer uma relação mais nítida a respeito dos impactos decorridos em virtude dos pesados tributos incididos sobre pequenos comerciantes e classes populares residentes no município, menciona-se uma ação executiva municipal tramitada em 14 de fevereiro de 1910. Neste documento, o tesoureiro da intendência, Francisco Ramos de Oliveira notifica que

o senhor José Moreira de Souza, acha-se arrolado no livro de registro de dívida ativa dos exercícios de 1903 a 1909, para pagamento da importância de dois contos e novecentos e quatro mil reis, pelos seguintes impostos que deixaram de ser pagos no devido tempo, inclusive a multa de 20%.¹⁴⁵

Entre as tributações mencionadas ao comerciante, o imposto sobre indústrias e profissões revelou-se como o mais pesado encargo, correspondendo a cerca de 60% de toda a dívida. Em um intervalo de apenas cinco anos, o débito havia criado um montante de 1:800\$000, valor correspondente a uma pequena fortuna. Se por um lado a intensificação das atividades portuárias representou uma fonte aos cofres públicos, por outro constituiu um grande obstáculo frente aos pequenos comerciantes e todos aqueles que tiravam seus sustentos nos arredores do cais. Tal perspectiva viria a beneficiar os grandes negociantes locais, à medida que disputavam os mesmos espaços em uma relação de concorrência desleal.

Para além das atividades vinculadas a indústria e profissão, José Moreira de Souza respondeu por infrações sobre navegação e materiais rolantes. Este último vinculava-se a utilização de carroças no transporte de mercadorias nas dependências do cais, ambas correspondendo ao período de 1907 a 1909. Sobre estas foi adicionada uma multa de 20%, em virtude das dívidas não terem sido salgadas no tempo determinado pelo poder público.

Seus problemas com a intendência agravaram-se ainda mais no dia seguinte, quando recebeu uma nova ação executiva, quando desta vez os impostos incidiriam sobre sua residência. De acordo com o regimento tributário municipal, os imóveis eram taxados através da décimas urbana, ao passo que elaboravam cifras levando em consideração o valor, localização e o tipo de habitação. A soma da dívida alcançou a importância 216\$000, acrescido de nova multa de 20% referente a falta de pagamentos nos últimos seis anos. Em

¹⁴⁴ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Vanguarda. p. 2, Edição 13 de janeiro, Ano 1927. Caixa 30, Estante 37.

¹⁴⁵ Fórum Municipal de São Félix. Processos Cíveis. Caixa 2, Ano 1910, Estante 10.

confluência com as normas estabelecidas, os devedores deveriam saldar o débito em até 24 horas após a notificação, estando sujeitos a penhora do imóvel.

A composição deste cenário nos possibilita dimensionar a rigidez atribuída às políticas públicas municipais nas primeiras décadas da República. Bem mais do que estabelecer um forte código de conduta sobre o viés da disciplina, estas foram medidas beneficentes às elites locais e serviram como um contraponto às transformações decorrentes ao pós-abolição. Tais medidas tiveram duas funções específicas, garantiam que os “indesejáveis” urbanos não ocupassem imóveis nas áreas centrais da cidade ou buscassem estabelecer concorrência frente às atividades comerciais.

Constatada a continuidade do débito, seis dias após o comerciante ter recebido a notificação, um oficial de justiça foi designado para avaliar e compor um alto de penhora do imóvel. A localização periférica e a descrição da habitação nos ajuda a compreender melhor as condições de vida do comerciante José Moreira de Souza.

Casa de telha, sobre pilares de paredes de tijolos, tendo de frente uma porta e uma janela, dois quartos, sala de jantar e cozinha, edificada em terreno foreiro pertencente aos herdeiros do falecido Aprígio Cunha. De lado com a linha de trem em frente à estrada que vai para o Capivari.¹⁴⁶

Convocado para uma audiência em 12 de março do ano corrente, o comerciante afirma que nunca havia sido notificado sobre o pagamento de impostos vinculados à indústria ou profissão, nem tão pouco sobre o uso de carroças. Deste modo, solicita que a intendência apresente os livros de registros das atividades comerciais referentes ao período abordado, o que lhe foi negado. A respeito das atividades ligadas a navegação, alegou arbitrariedade municipal, assegurando que estas atividades só poderiam ser taxadas se os pontos iniciais e finais se encontrassem dentro dos limites do município, já que uma vez que as embarcações transitam entre a capital, tal tributo se tornaria ilegal. Por fim, afirmou que o imóvel penhorado nunca esteve lançado para pagamento de impostos, além de estar ainda em construção.

Ao analisar os processos cíveis municipais, foi possível notar uma intensidade maior de documentações vinculadas às atividades tributárias entre 1910 e meados dos anos 1920. Este período correspondeu ao ápice das atividades comerciais, da produção industrial fumageira e das diversas reformas urbanas promovidas pelo município. Os jornais publicavam mensalmente balancetes de despesas e receitas, trazendo uma série de informações referentes

¹⁴⁶ Fórum Municipal de São Félix. Processos Cíveis. Caixa 01, Ano 1910, Estante 10.

às transformações evidenciadas pela intendência.¹⁴⁷ De forma semelhante, os lançamentos de impostos – como a décima urbana – nestes tabloides representavam uma vitrine cujo produto era o prestígio. Uma vez que se vinculavam ali os nomes de uma elite proprietária dos imóveis mais nobres, localizados em espaços também nobres da cidade.¹⁴⁸

Não foi possível encontrar documentação referente ao desfecho do conflito vivenciado entre o comerciante José Moreira de Souza e a intendência municipal. No entanto, os meses seguintes vieram a revelar que as desavenças políticas iriam continuar em outro nível. Deste modo, em 12 de agosto do mesmo ano, em carta direcionada ao intendente, o encarregado da obra responsável pela ampliação do porto da cidade Marcolino José dos Santos comunicou:

Sr Coronel intendente desta cidade levo a seu conhecimento que o capataz do porto desta cidade, José Moreira de Souza, procura com ameaças de apreensão das carroças e coerção dos operários turbar a macha dos trabalhadores, peço com urgência providencias a vossa excelência.¹⁴⁹

Evidenciava-se ali não apenas a paralisação referente a construção da parte final do cais, mas das diversas atividades desenvolvidas ao longo do porto. Fato que leva a dimensionar que a propagação deste tumulto poderia estender-se para além dos limites do município, à medida que as atividades portuárias desenvolvidas neste espaço representavam o principal eixo de amarração entre a capital, o recôncavo e diversas localidades do sertão. Bem mais do que inviabilizar o escoamento da produção industrial, tal perspectiva também viria a influenciar na circulação de pessoas em seus trajetos entre estas localidades.

Em virtude da gravidade dos acontecimentos, o município buscou de forma imediata reverter tal quadro. Assim, no mesmo dia, o advogado municipal, José Maria Neves, em carta ao juiz informava:

Levo ao seu conhecimento que o capataz, José Moreira de Souza, procura turbar a macha dos trabalhadores do porto e das obras no terreno em continuação ao cais “Leite Alves” nesta cidade, cuja os trabalhos foram ordenados por esta intendência, pedindo coerção do exercício de suas funções.¹⁵⁰

Apesar da documentação mencionar apenas a figura de José Moreira de Souza como insurgente, seria impossível para ele sozinho paralisar as obras do cais e muito menos as

¹⁴⁷ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Vanguarda. p. 4, 2 abr., Ano 1923, Caixa 26, Estante 37.

¹⁴⁸ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Vanguarda. p. 3, 14 set., Ano 1922, Caixa 26, Estante 37.

¹⁴⁹ Fórum Municipal de São Félix. Processos Cíveis. Caixa 01, Ano 1910, Estante 10.

¹⁵⁰ Fórum Municipal de São Félix. Processos Cíveis. Caixa 01, Ano 1910, Estante 10.

atividades desenvolvidas em todo o porto. Ao consultar o livro de registros municipais referente a este período, constata-se um número significativo de inadimplentes com os tributos municipais.

Tabela 6 - Relação de devedores de impostos da Prefeitura de São Félix (1902-1909)

Nome	Dívidas/ tributo	Ano
Francisco Souza Pinto	Indústria e Profissão	1905- 1906- 1907
José Ribeiro da Silva	Exportação	1903 a 1909
Olegário Teles	Indústria e Profissão	1904 -1905- 1906-1907
Lucilio Castro T. Cia	Indústria e Profissão	1908
João Coribe	Indústria e Profissão	1906- 1907
Arlindo Nobre	Utilização do cais	1904 -1905- 1906
Leopoldo Rocha Pires	Exportação/Décima urbana	1909
Apolinário Silva Serra	Indústria e Profissão	1908
Fernando Costa Coentro	Utilização do cais	1902 a 1909
João Lima	Indústria e Profissão	1905
Antonio Rocha Pires	Décima urbana	1907- 1908
Alexandre Lima	Indústria e Profissão	1909
Antonio Rocha Lima	Utilização do cais	1903-1904-1905
Afonso Fraga	Indústria e Profissão	1903 a 1907
Artur Rocha Pires	Décima urbana	1902 a 1905
José Miranda Eloy	Indústria e Profissão	1905- 1906- 1907
Antonio Miranda Eloy	Indústria e Profissão	1903 a 1907
Henrique Guimarães	Indústria e Profissão	1905- 1906-1907
Carlos Cerqueira	Décima urbana	1903
Veriano Dias Oliveira	Utilização do cais	1908
Márcio Freitas	Décima urbana	1909
Paulino Moraes	Décima urbana	1904 -1905- 1906-1907
Demerval Lima	Utilização do cais	1905
Luisa Sacramento	Décima urbana	1907-1908-1909
Sebastião Sacramento	Indústria e Profissão	1903- 1904

Neste sentido, torna-se evidente a adesão e participação dos diversos seguimentos de trabalhadores neste conflito. Indivíduos que compartilhavam os mesmos anseios, problemas e frustrações, ao passo que tais dificuldades havia se tornado vivência comum entre muitos. Apesar da pluralidade dos diversos ofícios realizados pelos personagens, neste cenário passaram, dentro de alguma medida, a nutrir e desenvolver um sentimento comum que os uniu.

Como bem afirmou o historiador (THOMPSON, 1987, p .09) “a classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se”¹⁵¹. Logo alargou-se entre as relações sociais, tornando-se mais nítida a partir das divergências entre grupos de indivíduos com objetivos distintos. Os conflitos decorrentes no porto da cidade passaram a refletir as divergências políticas, sociais e econômicas presentes neste espaço. Por um lado, a eminência de grandes negociantes, representantes dos interesses de uma elite local, cujo poder e prestígio serviram para sobrepujar uma grande influência sobre a administração pública. No lado oposto, uma classe heterogênea de trabalhadores vinculados às atividades portuárias, ambiente em que tiravam seu sustento, compartilhando uma série de descontentamentos frente as políticas tributárias da intendência.

No prefácio de sua obra *A formação da classe operária inglesa*, (THOMPSON, 1987, p .10) expressa o sentido atribuído à ideia de classe:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.¹⁵²

À medida que ampliava-se o campo tributário instituído pelo município, um número cada vez maior de pessoas passaram a questionar a legitimidade destas cobranças.¹⁵³ Como bem já definia o teórico inglês, a consciência de classe “é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e

¹⁵¹ THOMPSON, Edward. P. **A Formação da Classe Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9.

¹⁵³ *ibidem*, p. 10

¹⁵³ Os conflitos ocorridos entre a intendência municipal e o comerciante de José Moreira de Souza não representaram uma ação isolada, sendo encontrados diversos documentos questionando a ordem dos impostos executados entre as ações executivas promovidas pelo poder municipal. Desta forma, tais questionamentos não estiveram restritos apenas aos comerciantes portuários, estendendo-se a donos de pequenas casas comerciais estabelecidas no município.

formas institucionais”¹⁵⁴. Deste modo, a ideia de classe perpassa sobre o campo das ideias e materializa-se no tempo e espaço através dos sujeitos históricos em suas relações sociais.

As relações desenvolvidas entre José Moreira de Souza e os trabalhadores do porto é evidenciada na sentença enunciada pelo juiz no dia seguinte ao conflito instituído nas dependências do porto.

Tendo o chefe do executivo municipal, como o propósito de continuar os trabalhos iniciados ordena Marcolino Jose Santos que prossiga nas obras dos entulhos do terreno contigindo a parte construída do cais a qual tem denominação Leite Alves, sobre cujo terreno vai ser construída a parte que falta para completar-se o cais desta cidade. Acontece que ontem (dezenove do fluente) para cá, José Moreira de Souza, capataz do porto domiciliado nesta cidade, utilizando-se do prestígio que goza entre os marinheiros de barcos e canoieiros procura intensamente perturbar a boa marcha do serviço aludido, usando de violência e ameaças contra o pessoal encarregado dos trabalhos.¹⁵⁵

Entre as palavras proferidas na sentença do dito comerciante, é mencionada a sua relação de prestígio com os trabalhadores do porto. Todavia, torna-se importante considerar a preeminência de conotações distintas ao conceito da palavra. Deste modo, o prestígio estabelecido por alguns membros da elite desponta como reflexo frente às relações de poder constituídas, uma vez que estes indivíduos atribuem redes de influência que excedem o campo econômico, exercendo influência também no político e social. Assim, as relações de prestígio aludidas a José Moreira de Souza não se encontravam respaldadas diante de uma esfera de poder político ou econômico, nem tão pouco vinculada a questões individuais. Caracterizavam-se pela confluência de interesses de uma coletividade.

Neste sentido, a imagem possibilita avançar sobre novos campos da discussão, provendo informações ao mesmo tempo que fornece uma perspectiva mais nítida sobre a iminência dos conflitos vivenciados naqueles dias. A fotografia abaixo retrata o desenvolvimento dos trabalhos na obra, que constituiu a parte final do porto da cidade. Trata-se de um dos primeiros registros realizados pelo fotógrafo Pilar em São Félix, sendo que suas atividades dão conta de quase meio século em imagens no Recôncavo da Bahia.¹⁵⁶ Tais características qualificaram suas lentes como um entre os principais instrumentos de percepção das transformações destes espaços.

A imagem retrata a obra em um estágio avançado de suas atividades, ao passo que já revelava a estrutura da rampa por onde parte da produção portuária passará a ser embarcada

¹⁵⁴ THOMPSON, op. cit., 1987. p. 10.

¹⁵⁵ Fórum Municipal de São Félix. Processos Cíveis. Caixa 01, Ano 1910, Estante 10.

¹⁵⁶ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série fotografia da intendência. Caixa 09, Estante 12.

para a capital. À direita, tendo a casa comercial João Pimentel Filho ao fundo, trabalhadores elevavam uma alvenaria em pedras, a fim de conter o avanço da maré. Na margem esquerda, outro grupo abria novos espaços sobre os entulhos, sendo todos estes observados por três praças, que garantiam a continuidade das obras. Neste sentido é possível que este registro seja posterior aos tumultos instituídos neste espaço.

Figura 19 - Obra de ampliação do cais da cidade de São Félix



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Torna-se perceptível o desenvolvimento de um enquadramento harmonioso, aliando a uma excelente condição de luz, desdobrando-se sobre uma forma proporcional. Ao observar a imagem, evidencia-se que os trabalhos eram realizados em períodos de mares baixa, não apenas por este ser um momento onde era possível ter acesso a parte do terreno em questão, mas sobretudo por ser o momento que não se atracava embarcações no porto, fato que permitiu um maior controle e fiscalização sobre o decorrer das obras.

Ao longo da imagem é possível identificar dezesseis homens, sendo todos estes negros, trabalhando na obra que veio a constituir a rampa do cais da cidade. Em um período marcado por um forte processo de remodelação do espaço urbano, seus braços tornaram-se os principais protagonistas destas transformações. Parcela considerável entre as cifras utilizadas na promoção de tais mudanças eram advindas de pesados tributos impostos pela intendência municipal. Sendo esta a razão para a eclosão dos conflitos no porto da cidade, à medida que

não apenas o dito capataz do porto ¹⁵⁷, mas toda uma coletividade de trabalhadores que manifestaram seus descontentamentos.

Por fim, em 13 de agosto, dois dias após o início dos tumultos, o juiz havia proibido a circulação de José Moreira de Souza nas mediações das obras, com relação à desordem estabelecida no cais da cidade, e instituiu uma pena em caso de insubordinação, desobediência e transgressão. O valor de 5:000\$000 revelou o peso do imposto através das palavras proferidas, porém não foi possível encontrar documentos que comprovassem o fim ou a continuidade dos conflitos na região portuária da cidade.

O porto era o local mais movimentado da intendência, concentrando grande volume da poluição negra urbana. Homens, mulheres e crianças circulavam cotidianamente nas imediações deste espaço, embarcando ou desembarcando mercadorias, deslocando-se entre os armazéns e fábricas de fumo. Ou ainda, sobre o manto da informalidade, tantos outros desenvolviam ofícios entre as embarcações deslocando-se no trajeto que levava à capital. Mas acima de tudo, constituiu-se como um espaço de fortes disputas e divergências políticas, econômicas e, sobretudo, sociais.

Tais divergências estiveram inerentes não apenas no cais da cidade, mas difundiu-se a todos os espaços da urbe. Mesmo décadas após o fim da escravidão, dentro do campo da imagem o negro ainda continuou sendo visto e reproduzido como inferior.

3.2 Declínio e retração econômica: o negro como imagem da miséria

As primeiras décadas do século XX de fato representariam os anos dourados para São Félix, na perspectiva de uma cidade que havia encontrado seus dias mais prósperos, alcançando alto desenvolvimento econômico através de suas indústrias e atividades comerciais. As imagens deste período buscaram ressaltar o potencial alcançado por este centro em um intervalo tão curto de tempo. Tal progresso esteve vinculado sobre as ideias de uma classe dominante, que buscou ao mesmo tempo materializar tais imagens em confluência a suas ideologias. Deste modo, torna-se necessário analisar o campo no qual insere-se os negros nestes registros, evidenciando as circunstâncias nas quais ganham visibilidade.

A representação deste segmento social em diversos contextos foi consolidada apenas sobre um papel de subserviência, ressaltando sua condição de trabalhador, pobre, sem instrução e entendido como inferior. Tal problemática fica em evidência através da forma

¹⁵⁷ Referência utilizada nos autos da documentação para classificar o comerciante José Moreira de Souza, em virtude do prestígio e suposta liderança frente aos trabalhadores do porto da cidade.

como negros e brancos buscaram representar o outro e a si mesmos, tornando reflexos dos espaços que ocuparam na sociedade em seguimentos específicos. Logo a disparidade política e econômica exerceu significativa expressão na configuração de um campo que vinculou a imagem do negro a elementos negativos.

A fotografia abaixo remete-se a década de 1930, sendo esta uma entre as cenas registradas pelo fotógrafo Pilar, onde aqui retratou a forma como as carnes eram transportadas do abatedouro para o mercado municipal. Esta foi uma dentre tantas outras ocupações de ordem braçal desenvolvida por homens negros, ofícios que demandavam grandes esforços físicos e baixíssimas remunerações. Através dos balanços de receitas municipais publicados nas edições de jornais como A Vanguarda, de 26 de dezembro de 1931, pode ser confirmado que era gasto mais com a alimentação dos animais destas carroças, do que com os salários pagos a estes trabalhadores.¹⁵⁸

Figura 20 - Trabalhador urbano negro



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Ao observar a incidência de luz e disposição das sombras expressas na imagem, conclui-se que o registro foi elaborado próximo ao meio dia, momento que eram concluídas estas atividades nestes serviços que geralmente começavam ainda durante a madrugada. Dentro de um campo iconográfico, a disposição de elementos como o enquadramento, posição da mão esquerda que segura o arreio do animal, o foco que estende-se por toda

¹⁵⁸ Arquivo Público Municipal de São Félix. Acervo Histórico. Estante 37, Caixa 30.

imagem e sobretudo a localização do trabalhador, evidenciam a constituição de uma composição em pose. Apontamentos que além de estabelecer condições técnicas em seus arranjos, lhe atribuírem sentido.

Para (BARTS, 1984, p. 131), a pose associa-se a fotografia como um mecanismo de estratégia, sendo fator que sobrepuja uma série de elementos inerente a imagem. Deste modo, conclui que

a pose é por si mesma uma proposição de sentido na medida em que se opta pelo destaque de um ou de outro aspecto do sujeito fotografado. Além disto, a pose é composta pelo jogo de luzes e formas que constituem a fotografia aspectos que revelam uma linha de sentido em detrimento de outra.¹⁵⁹

Bem mais que os pés descalços sobre as pedras quentes, a fotografia constitui uma trama que se expande por uma série de atributos que irão refletir no sentido dado ao negro na imagem. Sem expressão, sem vida, ou ainda como um mero detalhe a ser escondido, sua posição remete-se a um segundo plano, tendo menos relevância do que o animal que sustenta a carroça no primeiro. Permeia sobre seu corpo uma nítida tentativa de invisibilização, que não incide estrategicamente apenas sobre seus pés. A composição de um rosto sem expressão escondido sob a sombra, representação de um ser vazio e sem ambições, vontades, anseios ou qualidades.

Entre as décadas que antecederam a abolição, o meio mais fácil para se identificar a condição de um homem negro estava nos seus pés. E isto pelo fato de um escravizado não ter direito a usar qualquer espécie de calçado, sendo que quando a liberdade era alcançada, estava entre as primeiras prioridades adquirir um par de sapatos. Entre famílias ricas nos grandes centros, o hábito de vestir seus escravos como nobres representava seu status de riqueza, contudo mantendo-os descalços para afirmar sua condição como inferior.

Segundo (HIRSZMAN, 2011) em dissertação dedicada a produção do fotógrafo Christiano Junior, conhecido por retratar homens e mulheres negros no século XIX, não era incomum encontrar homens com sapatos pendurados nos pescoços em fins do século XIX¹⁶⁰, fato atribuído as constantes deformações ocorridas nos pés, após anos descalços enquanto escravizados. Neste sentido, torna-se nítida a estreita ligação entre a escravidão e sua confluência no campo da representação inerente as imagens, ideias que ainda se perpetuara

¹⁵⁹BARTHES, Roland. *A Câmera Clara*: nota sobre a fotografia. São Paulo: Nova Fronteira, 1984. p. 131.

¹⁶⁰HIRSZMAN, Maria Lafayette Aurelino. *Entre o Tipo e o Sujeito*: Os retratos de escravos de Christiano Jr. 2011. Dissertação (Mestrado) - São Paulo, 2011.

por outros tempos, ecoando no pós-abolição. Deste modo, identificamos fragmentos destas perspectivas no Recôncavo da Bahia até meados do século XX.

Após reunir volume expressivo de fotografias a partir da abolição no Recôncavo da Bahia estas imagens ajudam a dimensionar os impactos causados pelas fortes transformações decorrentes no tempo e espaço. Sob uma predominância urbana, as imagens relacionadas às duas primeiras décadas destacam transformações arquitetônicas através do registro das obras públicas, em construções de praças, pavimentação das ruas, criação de estradas, remodelamento de edificações.

No decorrer da década de 1930, a cidade procurou sustentar o ideal de progresso e desenvolvimento que a havia caracterizado entre os anos anteriores. Neste sentido, as políticas adotadas pelo município buscaram criar uma imagem de prestígio e continuidade de uma prosperidade que logo revelaria sua verdadeira face. Em confluência a estas ideias, o balanço da intendência de 1937 menciona um empréstimo feito por esta na Caixa Econômica Federal da Bahia, no valor de 300:000\$000, destinados a pagamento de dívidas e a reconstrução do edifício da prefeitura.¹⁶¹

No decorrer do ano seguinte foram realizadas diversas obras, entre elas as muralhas laterais¹⁶² e calçamento da rodovia que ligava a cidade a Muritiba, que já representava um aspecto estratégico do município, ao passo que buscava ampliar o eixo de ligação com outras localidades. Além disso, também houve a construção de uma fonte pública com capacidade de 30.000 litros de água potável na estrada da rodagem, reconstrução e higienização dos açougues e a construção de um posto policial no distrito de Matatauba.¹⁶³

Todavia, os rumos tomados, até mesmo entre as elites, emanaram intensos protestos e conflitos. Neste sentido, evidenciava os interesses de um seguimento vinculados a negociantes que desenvolviam sólidas ligações comerciais com outras localidades. A dimensão do poder econômico estabelecido por estes homens perpetuava-se no campo de influência sobre as políticas desenvolvidas na cidade ao que costumou-se entender como prestígio político. Ainda na década anterior, já circulava junto a jornais locais uma extensa nota de protesto contra os desmandos dos poderosos na cidade.

Nós Sanfelistas abaixo assinados, residentes nesta cidade de São Félix protestamos contra a construção da estrada de rodagem de S. Félix à Muritiba pelo fato de nosso município atravessa uma crise de finanças... o protesto tem as seguintes razões:

¹⁶¹ Arquivo Público de São Félix. Grupo: Secretaria da Prefeitura. Série: correspondências. Fl. 38, Estante 1.

¹⁶² Entende-se como muralhas laterais a estrutura em pedra construída ao longo da rodovia, com função de servirem como encostas sobre trechos específicos, a fim de evitar deslizamento de terra.

¹⁶³ Arquivo Público de São Félix. Grupo: Secretaria da Prefeitura. Série: correspondências. Fl. 39, Estante 1.

nosso município tem servido apenas para engordar comelões e enricar aparecidos esmoleiros que vem para está terra, a prova disto é a prova disto é a dívida que atrapalha impedindo o progresso material desta urbe... E onde está o conselho municipal de S. Félix que não ouve os comentários e não percebe que, se isso for levado a efeito, S. Félix virá a sofrer muitos desgostos futuramente. Ah! O conselho municipal de S. Félix ainda não foi ouvido e nem cheirado. Com a oligarquia acabou-se a soberania popular. E os representantes do povo ficam tolhidos dos direitos que o mesmo povo lhe conferira.¹⁶⁴

O documento foi direcionado ao governador do estado da Bahia, ao intendente e aos membros do conselho municipal, sendo publicado em 26 de dezembro de 1926. Foi assinado por 191 homens que ocupavam diferentes classes sociais. Os protestos foram direcionados a uma elite que influenciava diretamente nos recursos do município em função de seus interesses. Todavia, parte considerável das críticas fazia menção às péssimas condições da estrada que liga a cidade ao distrito de Outeiro Redondo.

Em 13 de janeiro do ano seguinte, a primeira página do Jornal A Vanguarda anunciava o início das obras da estrada que ligava o município ao distrito de Outeiro Redondo.¹⁶⁵ Já em 22 de novembro de 1929, o periódico A Defesa noticiava o primeiro automóvel que havia saído de São Félix ao mencionado distrito, na inauguração da estrada de 12 km de extensão.¹⁶⁶ A obra, que teve apoio do conselho municipal e a participação de grandes negociantes em sua inauguração, fornece a tônica utilizada para estes homens se perpetuarem no poder.

Entre os últimos anos da década 1930, já era possível constatar o processo de retração econômica vivenciada pelo município, todavia a administração municipal ainda buscava a todo custo conter as recorrentes quedas que mês após mês diminuía suas receitas. Este momento foi caracterizado por um forte arrocho tributário sobre as atividades comerciais, objetivando assim aumentar a arrecadação de impostos frente às constantes perdas decorrentes da crise do fumo. Neste sentido, em 19 de julho de 1938, o secretário de finanças Antonio Luís encaminhou o ofício de n.º 399 a Companhia de Charutos Dannemann:

Não é permitido o embarque e desembarque de qualquer volume que seja no cais ou estrada de ferro ou até mesmo o carreto de uma para outra casa comercial a não ser carregada por matricula. Todo aquele que for encontrado conduzindo qualquer volume sem a mencionada chapa de matricula será afastado do serviço, sendo punido se reincidir.¹⁶⁷

¹⁶⁴ Arquivo Público de São Félix. Série: Documentos avulsos. Caixa 22, Estante 32.

¹⁶⁵ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Vanguarda. p. 3, 13 jan., Ano 1922, Caixa 30, Estante 37.

¹⁶⁶ Arquivo Público de São Félix. Série: Jornais. A Defesa. p. 1, 22 nov., Ano 1922, Caixa 28, Estante 37.

¹⁶⁷ Arquivo Público de São Félix. Série: Correspondência da intendência. Fl. 58, Livro 03, Estante 36.

Esta não seria a primeira vez em que buscou-se exercer tributação e o controle sobre trabalhadores através de chapas de ferro¹⁶⁸, e de forma semelhante ao período em que chapas e grilhões representam uma imposição, tais políticas de fato não amenizaram os problemas vivenciados nestes espaços. No entanto, já haviam sido encomendadas 480 chapas que alteravam em dimensões entre 2,8 x 7 centímetros, sendo estas destinadas a carregadores, condutores e ajudantes e uma quantidade menor para título de licença com dimensões entre 4 x 7 centímetros.¹⁶⁹

A situação chegaria a níveis alarmantes quando a prefeitura, além de cobrar tributos vinculados com as atividades comerciais desenvolvidas na cidade, passou a estabelecer as cobranças diárias a fim de equilibrar a balança orçamentária municipal. Esta realidade tornou-se fato consumado em 29 de setembro de 1939:

Confirmado o ofício de n 634 de hoje datado, levo a conhecimento de o prefeito municipal em obediência ao preceitua deste digno orçamento deste município, determinou que a partir do dia 1 de outubro próximo, sejam feitos rigorosamente, as arrecadações diárias das taxas de conservação e melhorias do cais. Sobre pretexto algum o embarque ou desembarque de mercadorias deverá ocorrer sem as referidas cobranças.¹⁷⁰

Tais medidas, além buscar sanar parte dos problemas vivenciados pelo município, também se associavam às fortes pressões impostas pelo governo do estado, uma vez que o município gerava grandes somas aos cofres públicos, destinando valores exorbitantes, vinculados à exportação da produção do fumo. No ano seguinte, a produção fumageira do município esteve limitada a 25.000 arrobas, mas a impossibilidade de comercializar com a Alemanha, seu principal consumidor, elevou a retração dos preços.¹⁷¹

Deste modo, apenas entre os meses de junho a agosto, a prefeitura já havia contraído uma dívida com os cofres do estado de 7:910\$300. Incluía-se como fatores nesta conta a falta de chuvas no sertão, o que também veio a afetar as atividades de arrecadações de impostos, como buscou justificar o prefeito Antônio Pimentel de Sá, em carta destinada ao governo do estado.

Na década de 1940 as fotografias irão refletir em grande medida os fortes problemas vivenciados por este centro. Sob um âmbito regional, as constantes cheias do Paraguaçu

¹⁶⁸ REIS. João José. **A Greve Negra de 1857 na Bahia**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25988> Acesso em: 27 jul. 2017.

¹⁶⁹ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série. Correspondência da intendência. Fl. 87, Livro 03, Estante 36.

¹⁷⁰ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série Correspondência da intendência. Fl. 80, Livro 03, Caixa 26, Estante 01.

¹⁷¹ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série Correspondência da intendência. Telegrama, 7 out. 1939. Livro 2, Estante 01.

causavam fortes prejuízos às cidades que se constituíram nas suas margens. Em São Félix, as enchentes alagavam regiões vitais, à medida que parcela significativa dos comerciantes estava instalada em nível semelhante ao rio. O porto era tomado pelas águas durante semanas, impossibilitando o desenvolvimento de qualquer atividade.

De forma semelhante, os armazém e fábricas de fumo estabelecidas nestes espaços eram igualmente afetados, causando grandes prejuízos aos comerciantes e aos trabalhadores que perdiam seus postos de trabalho. Junto com as águas, associava-se uma série de dificuldades urbanas que pesavam de forma mais latente sobre os mais pobres, que muitas vezes ficavam desabrigados, sem meios para se sustentarem e expostos a doenças, que eram intensificadas nestes períodos.

Eventos externos aos limites do município também exerceram forte influência nos rumos vivenciados naqueles anos. Seus efeitos ganharam sentidos reais na economia, impactando diretamente sobre os pequenos operários, mas sem poupar grandes negociantes, o colapso econômico eclodido durante a segunda grande guerra afetou a produção industrial em toda região e que levou boa parte dos comerciantes nesta intendência a fecharem as portas ou abrirem falência. A decadência econômica instaurada e as fortes dificuldades ocasionadas pelas enchentes foram fatores importantes que levaram parcela da população, agora empobrecida, a migrar para outros espaços.

Os tempos de prosperidade vivenciados sobre uma intensa atmosfera progressista, momento em que o comércio e indústria haviam de fato florescido, tornaram-se uma amarga lembrança em contraste com a realidade instituída. Em 1940 a cidade sofreria mais uma vez os impactos de uma das maiores cheias do Paraguauçu. No dia 2 de março daquele ano, o prefeito de São Félix, Antônio Pimentel de Sá, em telegrama direcionado ao interventor federal Landulpho Alves informava

Comunico a vossa excelência, cidade há dois dias ameaçada transbordamento Paraguassú, começou ontem á noite ao ser atingida parte marginal do comercio atacadista sujeito a maiores prejuízos materiais. Desde ontem pela manhã vem se fazendo transferência das mercadorias dos armazéns da parte baixa para pontos, mas elevados. Esta prefeitura vem mantendo contato direto com a população a fim de prover suas necessidades sem grandes embaraços. A população confia no provimento no caso de maior calamidade.¹⁷²

Durante o decorrer da primeira metade do século XX, as enchentes promovidas pelo Paraguauçu revelaram-se como tragédias anunciadas, poucas foram as décadas em que não se

¹⁷²Arquivo Municipal de São Félix. Livros Registros Municipais. Estante 01, Caixa 01, Livro 01, Ano 1933-1942.

tem registro sobre o avanço das águas na cidade. As cheias poderiam ocorrer em espaços curtos de tempo, ou em intervalos maiores entre os anos. Não havia meios para se determinar a dimensão que as águas poderiam alcançar, sendo impossível calcular previamente a extensão dos prejuízos causados.

Para tanto, dois dias após o envio do primeiro telegrama a capital, o nível da água já havia igualado o ponto mais alto alcançado na última cheia, que ocorrera dez anos antes. Neste momento os comerciantes localizados na parte mais baixa da cidade já haviam buscado minimizar os prejuízos deslocando mercadorias para as áreas mais altas. Entre os moradores a notícia da enchente causou grande agitação, à medida que uma parcela significativa da população residia em nível semelhante ao rio.

O fotógrafo muritibano J. Nogueira realizou uma série de fotografias que abordaram diversos aspectos da enchente ocorrida naquele ano. A partir de suas lentes foram registrados momentos que antecederam a cheia, a invasão das águas sobre a cidade e o seu retorno dimensionando os estragos ocasionados. Nesta primeira imagem, retrata a Rua do Dendê, local que concentrou boa parte de trabalhadores vinculados com a produção do fumo na cidade.¹⁷³ Ao observar as habitações que compõe este cenário torna-se perceptível a identificação de um espaço periférico com predominância da população negra. Bem mais do que a cor desta gente, está evidenciada sua condição social.

Figura 21 – Agitação antes da enchente na Rua do Dendê

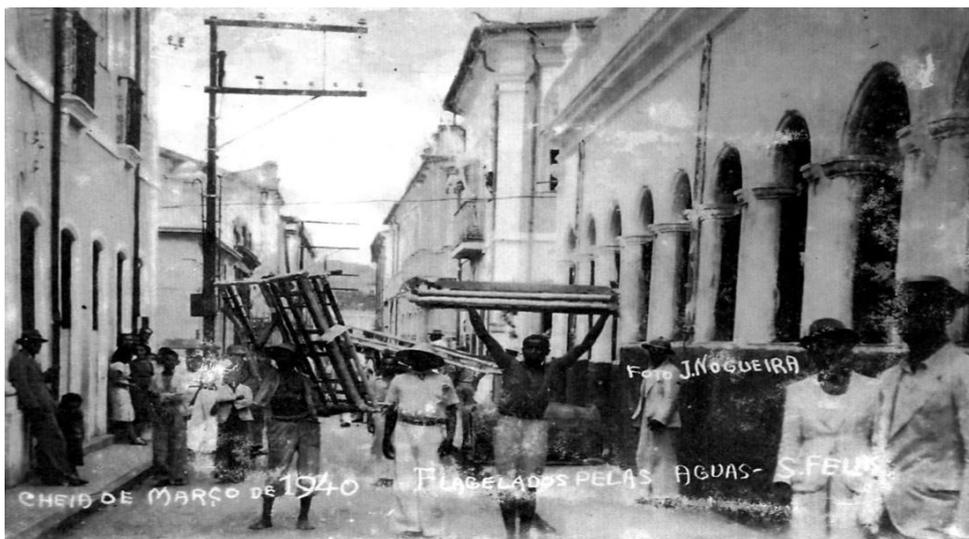


Fonte: Arquivo Público de São Félix

¹⁷³ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série enchentes. Caixa 03 Estante 11.

É bem verdade que entre os mais pobres o impacto causado pelas cheias apresentava seu lado mais brutal, uma vez que perdiam o meio para sua existência e em muitos casos até seus lares. Imersa a este contexto, a fotografia revela homens ao fundo retirando pertences de suas casas para não serem consumidos pelas águas, e a esquerda na sacada das casas, a imagem de mulheres de braços cruzados, impotentes frente a iminente invasão das águas.

Figura 22 – Agitação antes da enchente no centro de São Félix



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A segunda imagem busca retratar o mesmo contexto vivenciado no registro anterior, ao passo que dispõe moradores transportando seus pertences para áreas mais elevadas da cidade.¹⁷⁴ Contudo, o cenário no qual foi constituída a fotografia é distinto, sendo evidente uma pavimentação mais sofisticada, a presença de colunas e grandes fachadas. Tais elementos caracterizam esta como uma área nobre regida por uma elite, neste sentido não se identifica a presença de pessoas sobre as sacadas dos casarões, nem muitos menos a representação desta “distinta” gente na imagem. Teria apenas o negro vivenciado as perdas e retrocessos causados pela cheia do rio?

A enchente havia atingido a cidade de uma forma brutal, parcela significativa de suas ruas agora encontravam-se submersas. Nos arredores da cidade, a população ribeirinha foi obrigada a abandonar seus lares. Na urbe esta perspectiva não seria diferente, ao passo que boa parte do comércio e indústrias estava localizada a margem do rio. Não haveria distinção

¹⁷⁴ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série fotografias: enchentes. Caixa 08, Estante 39.

entre as classes sociais para esta tragédia na medida que bairros operários e casarões encontravam-se sobre o campo de ação das águas.

No entanto, a figura do negro aparece como porta voz da tragédia iminente, que sobre estes acontecimentos revelam-se as construções de representações em primeiro plano, associando a imagem destes indivíduos com as calamidades decorrentes nestes eventos. Neste sentido, seria possível pensar a presença de “flagelados” pelas ruas da cidade, mesmo antes da enchente? A legenda atribuída a imagem também nos fornece elementos para se pensar a composição da fotografia no tempo e espaço, uma vez que tal inscrição torna-se direcionada a partir do que o registro buscou evidenciar.

No dia 7 de março chegava à cidade os primeiros mantimentos enviados pela capital,

Tenho a satisfação de acusar os recebimentos dos primeiros socorros constantes de gêneros alimentícios de primeira necessidade, fazendas, e medicamentos preventivos de possíveis surtos e moléstias consequentes da terrível inundação do Paragua . ¹⁷⁵

No mesmo dia a prefeitura municipal, por telegrama, informava que os recursos foram armazenados na Escola Primária Air  Fagundes, localidade onde muitas famílias foram abrigadas. A esta altura as principais autoridades do município já organizavam uma comissão para registro e distribui o de mantimentos para aqueles que haviam perdido suas casas.¹⁷⁶ No decorrer dos dias seguintes, as dificuldades enfrentadas pelo município tornavam-se maiores mediante a iminência de surtos de doenças, a falta de alimentos e água potável para os desabrigados. Com o transcorrer das semanas, o Paragua  começava a retornar ao seu nível normal, emergindo um mar de lama e destrui o deixado pelas águas, sendo possível calcular a dimensão dos estragos. A então maior enchente da qual se tinha notícia havia destruido mais de 200 casas nas áreas mais baixas do município, desabrigando centenas de pessoas.

¹⁷⁵ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série correspondências, Telegrama. Livro 01, Estante 01, Ano 1933- 1942.

¹⁷⁶ A comissão formada para distribui o dos recursos contava com as principais autoridades locais como prefeito, padre, delegado de polícia, oficial de justiça.

Figura 23 – Doação de mantimentos a desabrigados da enchente



Fonte: Arquivo Público de São Félix

A fotografia retrata a distribuição de mantimentos realizada pelas autoridades municipais aos moradores que foram vítimas da força das águas, proporcionando realizar uma análise do referente contexto, dentro do campo das representações¹⁷⁷, através de uma fotografia em pose, ou seja, pensada em seus mínimos detalhes onde os indivíduos representados encontram-se localizados em pontos estratégicos em confluência ao pensamento estabelecido pelo fotógrafo. Desde modo, o enquadramento estabelecido considera aspectos técnicos, a exemplo da luz que entra pelo fundo e por janelas laterais. No entanto, é sobre a representação dos personagens que incide toda uma construção neste cenário.

Na direita e em segundo plano, uma mulher negra, vestida em branco, descalça, é a única pessoa posicionada de frente para a câmera. Ao seu lado uma mulher branca, calçada, posicionada de forma lateral que entrega os mantimentos. Este parece ser o sentido atribuído à imagem, quando retrata a entrega de donativos a pessoas afetadas pela enchente. Todavia o olhar do fotógrafo é aludido para sua esquerda onde encontra-se o oficial de justiça em primeiro plano e em pose. Quando analisado o enquadramento estabelecido, observa-se um demasiado espaço a esquerda e a falta dele a direita.

¹⁷⁷ Arquivo Público Municipal de São Félix. Série fotografias: enchentes. Caixa 08, Estante 39.

Não é de se estranhar que os personagens implícitos nesta imagem direcionam seus olhares para a doação, aqui representada em segundo plano. Já no primeiro plano torna-se explícita a relações de poder, representada na imponência do oficial de justiça responsável pela distribuição destes recursos. Por fim, sobre o terceiro plano, a figura de um homem branco sentado, realizando o controle sobre a entrada de pessoas e de forma mais destacada, duas mulheres. A primeira delas negra, descalça, vestida de branco e posicionada de forma oposta a segunda, que encontra-se calçada e disposta a uma pilha de mantimentos.

A suposta relação de objetividade e transparência entre os fatos e a fotografia fortaleceu e difundiu inúmeros preconceitos e estereótipos sobre o negro e suas representações. A partir destes documentos pode-se refletir sobre como a elite branca entendia o universo negro durante as primeiras décadas do século XX. Indivíduos sem instrução ou “capacidades intelectuais”, eram flagelados que circulavam pelas ruas da cidade, sendo também sinônimo de miséria.

Deste modo, a fotografia voltaria a criar feições estereotipadas do negro, imagens que em muitos aspectos irão remontar seu passado como escravizado em uma sociedade que ainda reproduz e cria sua imagem enquanto objeto de preconceitos e segregações. Evidencia-se uma relação anacrônica, na qual forja-se a formulação de uma identidade visual negra pejorativa constituída sobre perfis que remetam a um passado onde foram explorados.

CONCLUSÃO

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, desenvolveu-se no Recôncavo da Bahia a formação e expansão da economia fumageira. A região chegou a representar o principal eixo produtivo do gênero no Brasil, tendo em São Félix sua maior expressão. Este cenário foi composto por grandes marcas a exemplo da Dannemann, que havia começado sua produção em pequena escala, mas que ao longo dos anos formaria um complexo industrial do fumo, com mais de quatro mil funcionários.

Parcela significativa desta força de trabalho foi composta por mulheres negras, onde o maior volume das atividades desenvolvida nas fábricas e armazéns foi realizado por pessoas de cor. Tal especificidade gerou no Recôncavo da Bahia a formação de uma classe trabalhadora, operaria e negra. Este cenário contrastou com o fluxo de migrações europeias ocorrida nos grandes centros do Sudeste no pós-abolição, onde os brancos passaram a desenvolver as atividades fabris.

Aqui o sentido aplicado às migrações esteve ligado, sobretudo, a busca e reconhecimento de direitos de uma gente que até então apenas conheceu deveres. A possibilidade de reconstruir suas vidas, constituir famílias, escolher a atividade que fossem desenvolver, ter acesso a direitos políticos e sociais, ter assegurado o direito de ir e vim. As migrações, para aqueles que escolheram a cidade, representavam acima de qualquer outra coisa, o distanciamento da escravidão ao tempo que a cidade, dentro de alguma medida, possibilitou sua representação como indivíduo e não mais apenas como propriedade.

Assim, apesar do evento da abolição e posteriormente a iminência da república, que não garantiram o acesso a estes direitos, as fábricas também foram espaços onde continuaram a ser explorados. Através das fichas de registros de empregados, conclui-se que esta balança sempre esteve mais pesada para as mulheres, que mesmo desenvolvendo as atividades mais importantes dentro desta economia, também eram as que registravam menores salários.

A dicotomia do gênero não esteve reduzida apenas ao campo econômico, mas sobretudo, a formação das hierarquias desenvolvidas nestes espaços. É neste sentido que as fotografias permitem avançar na discussão possibilitando dimensionar o campo das representações do poder, através dos códigos de disciplinamento empregados nestas imagens. Bem mais do que ilustrar, permitem visualizar o sistema de vigilância e controle presentes nestes ambientes, onde a imagem torna-se um reflexo desta lógica. Dentro desta esfera as

mulheres negras ainda teriam seus corpos relacionados ao prazer proporcionado ao fumo, onde esta associação apontou para a especificidade da imagem, ao relacionar o charuto à qualidade e o erotismo da mulher negra com a produção de charutos no Recôncavo da Bahia.

Fora das fábricas, a cidade vivenciava ares de crescimento entre as primeiras décadas do século XX, onde a recém-emancipada São Félix buscava, através da modernidade, constituir-se como um centro urbano. Abria-se aí a possibilidade de diversas frentes de trabalho para aqueles que migraram para a urbe, sendo ocupadas, sobretudo, por negros. Iniciava-se o processo de remodelamento da cidade, através do alargamento e pavimentação das ruas principais, a construções de praças, sobrados. Associado a este processo constituiu-se um considerável comércio que crescia ano após ano.

A construção deste cenário não alterou a situação da população negra neste espaço, ao passo que ainda exercia uma liberdade sem expressão de cidadania. Deste modo, as políticas públicas instituídas buscaram dificultar o acesso e a permanência destes indesejáveis em espaços da cidade. Este panorama levaria a malha urbana a crescer, criando e incorporando novos bairros em regiões periféricas onde essa população esteve concentrada.

A pesada carga de tributos e licenças comerciais instituídas constituíram-se como instrumento desta tendência, deste modo, criou-se mecanismos que buscavam favorecer a uma elite branca que se concentrava nas áreas centrais da cidade e a uma elite de negociantes. No porto da cidade estes conflitos ganharam maiores proporções à medida que estas taxas em muitos momentos dificultaram as atividades comerciais, fato que veio a desencadear inúmeros conflitos. As fotografias deste contexto buscaram ressaltar a construção destes valores, ao passo que instituíam através de um código de disciplina as normativas instituídas pelo município.

O processo de expansão de São Félix esteve ligado à indústria fumageira estabelecida no município, dela parcela significativa dos recursos que tornaram-se responsáveis pelas transformações ocorridas neste centro. Não foi sem razão que o primeiro intendente do município, foi o alemão Gerhard Dannemann, o mais importante produtor de fumo da cidade. Dannemann foi um dentre os principais articuladores políticos responsáveis pelo processo de emancipação da cidade, que desde então passou a girar entorno da economia fumageira.

Se no decorrer das duas primeiras décadas do século XX a produção viveu seu melhor momento, a cidade foi abalada com crise do fumo desde os anos 1930, sendo uma realidade constituída na década de 1940. Neste momento, instaura-se um processo de retração econômica, o que leva parcela significativa das atividades da cidade entrarem em colapso e falência. As imagens deste momento revelam o negro como principal expoente destes eventos

a exemplo das cheias ocorridas no Paraguaçu. Deste modo, associa-se as pessoas negras como ponto central das dificuldades vivenciadas neste contexto.

Ao longo deste texto buscou-se enfatizar a presença de uma força trabalhadora negra no pós-abolição do Recôncavo da Bahia, evidenciando suas lutas e trajetórias marcadas pela busca da cidadania frente a uma sociedade excludente e racista, quando eram os principais braços e pernas que sustentaram as transformações vivenciadas nestes dias.

ANEXOS

Anexo A – Atividades portuárias do cais de São Félix

Figura 1 - Porto de São Félix primeira década do Século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 – Porto de São Félix primeira década do Século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Porto de São Félix primeira década do Século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Porto de São Félix, primeira década do Século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Porto de São Félix, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 6 - Porto de São Félix, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 7 - Porto de São Félix, terceira década do século XX



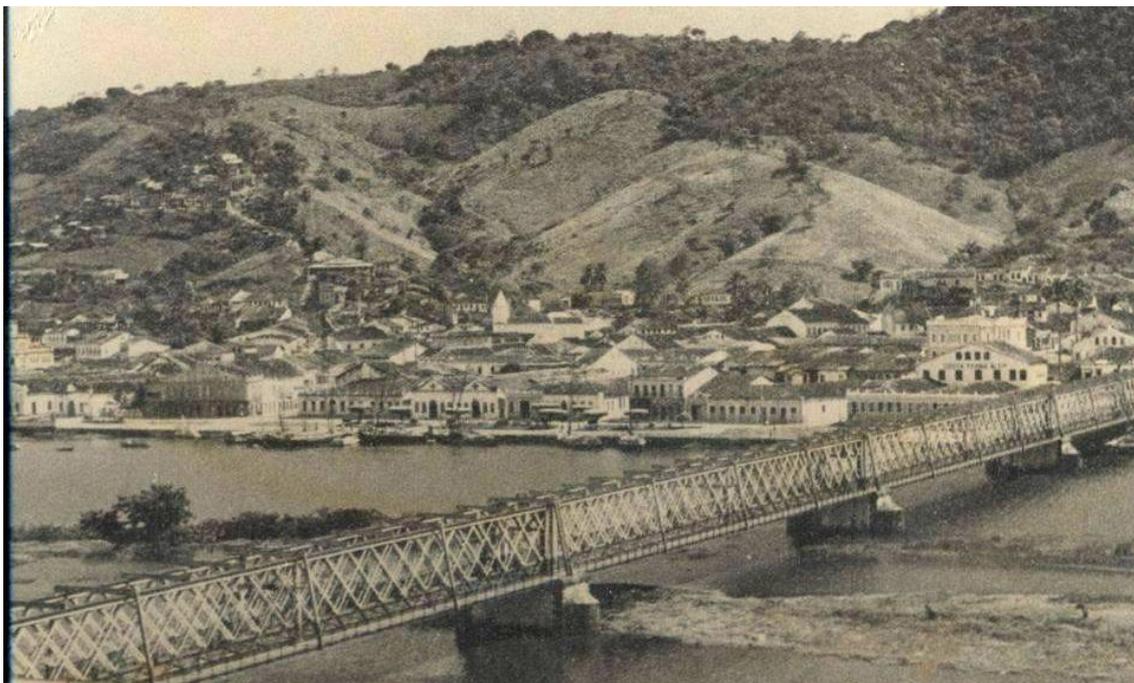
Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 8 - Porto de São Félix, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 9 - Porto de São Félix, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

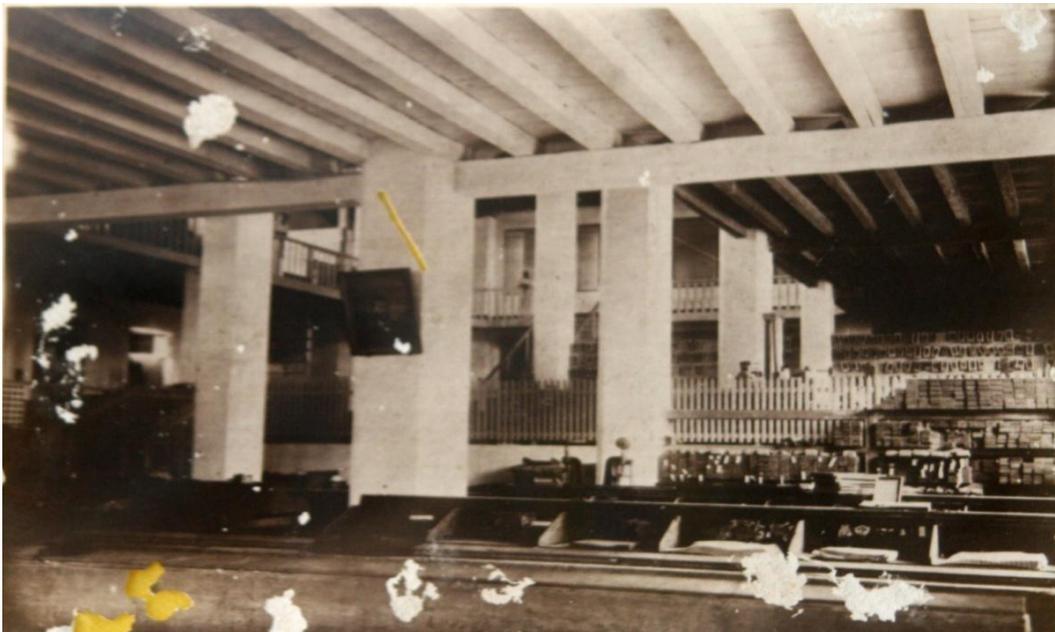
Anexo B – Fábricas e Armazéns da indústria Charuteira

Figura 1 - Encaixadeiras de fumo, década de trinta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Fábrica de charuto, espaço das charuteiras segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

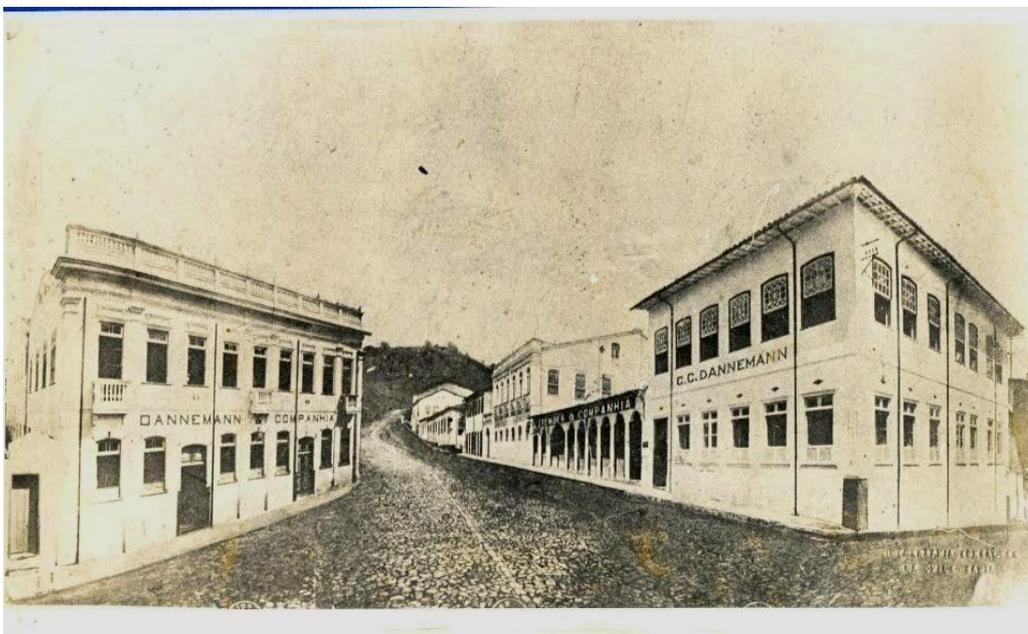
Figura 3 - Armazéns, fardos de fumo, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Anexo C – Edificações da charutaria Dannemann

Figura 1 - Fábricas de fumo, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Imóveis da Dannemann, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Fábricas de fumo, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Loja Dannemann em Salvador, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Fábrica e armazém, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Imóveis da Dannemann, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Fábrica da Dannemann, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 6 - Imóvel da Dannemann, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 7 - Imóvel da Dannemann, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 8 - Imóvel da Dannemann, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 9 - Fábrica da Dannemann, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Anexo D – Trabalhadores negros

Figura 1 - Pavimentação da Praça Jose Ramos, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Pavimentação Ladeira da Misericórdia, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Obras na Avendia J.J Seabra, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - trabalhadores, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Pavimentação, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 6 - Operarios da barragem da Jerry O`Connell, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 7 - Pavimentação, primeira década do século XX



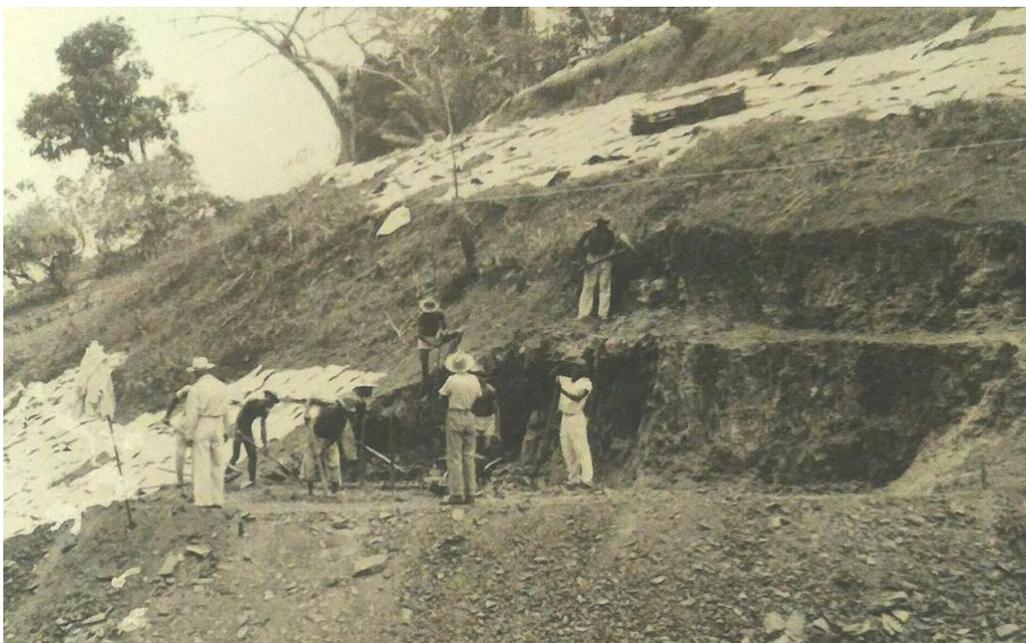
Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 8 - Obras no cais da cidade, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 9 - Obras em encostas, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 10 - Construção de ponte, segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 11 - Abertura de estradas ,segunda década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Anexo E – Enchentes do Rio Paraguaçu

Figura 1 - Enchente na Rua Do Dendê, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Enchente porto da cidade, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Enchente terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Enchente porto da cidade, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Enchente Praça Inácio Tosta, quarta década do século XX



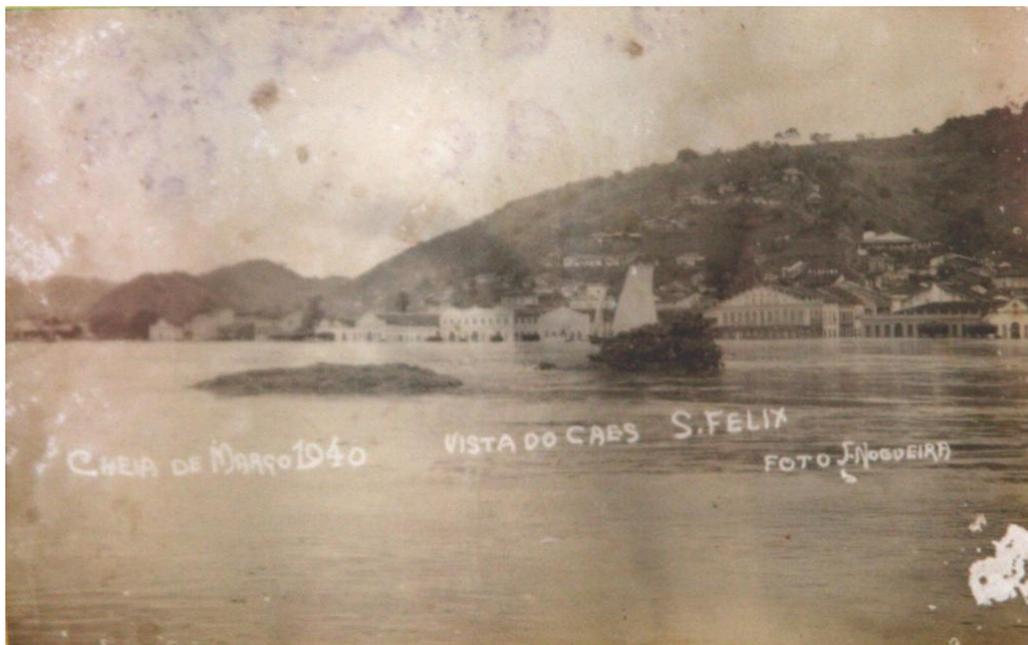
Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 6 - Enchente porto da cidade, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 7 - Enchente porto da cidade, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 8 - Enchente porto da cidade, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 9 - Enchente Praça Inácio Tosta, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 10 - Enchente Barragem Jerry O`Connell, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 11 - Enchente Praça Inácio Tosta, quarta década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 12 - Enchente porto da cidade, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 13 - Enchente, visão panorâmica da cidade, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 14 - Enchente, Praça Rui Barbosa, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 15 - Enchente, desabrigados década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 16 - Enchente, casas destruídas década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 17 - Enchente, casas destruídas década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 18 - Comissão formada por autoridades municipais para arrecadação de donativos para atingidos pela enchente, década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 19 - Atendimento a população atingida pela enchente, década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 20 - Moradores atingidos pela enchente, década de quarenta do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Anexo F – Urbanização e Remodelamento

Figura 1 - Pavimentação da estrada que liga a cidade a Muritiba, segunda década século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Restauração da Praça Rui Barbosa, segunda década século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Restauração da Praça Inácio Tosta, terceira década século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Obra de alargamento da Rua J.J Seabra, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 5 - Faixada da Prefeitura municipal após reforma, terceira década do século XX



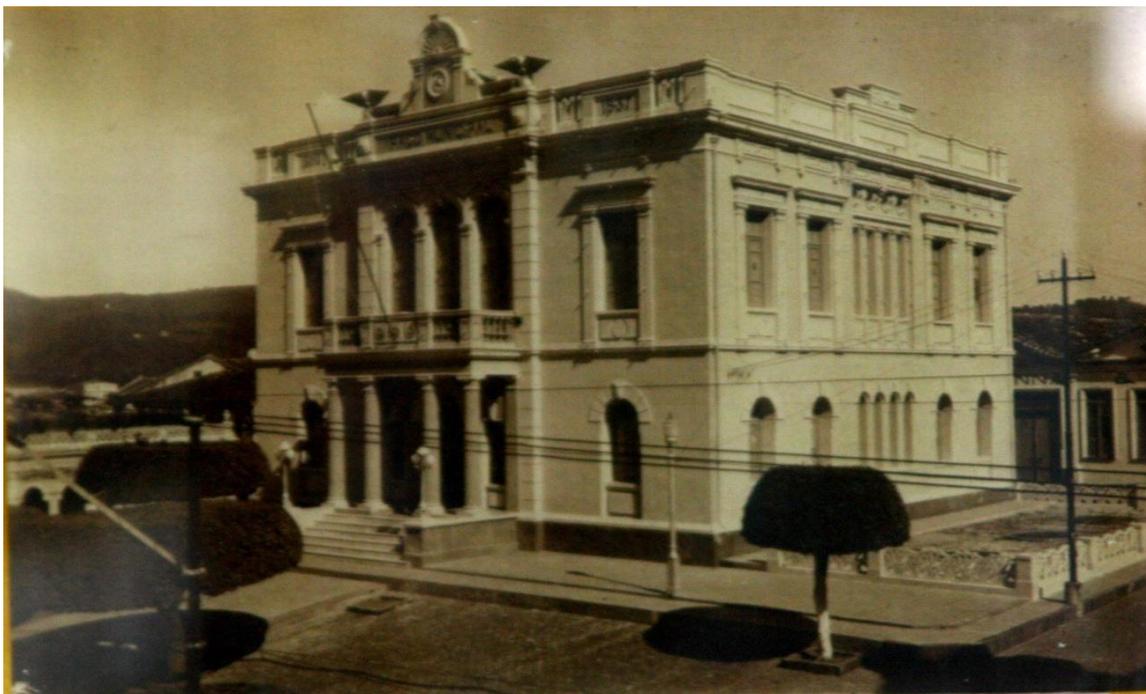
Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 6 - Inauguração da Prefeitura municipal após reforma, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 7 - Faixada da Prefeitura municipal após reforma, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 8 - Interior da Prefeitura municipal após reforma, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 9 - Funcionários Prefeitura municipal, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 10 - Funcionários Prefeitura municipal, terceira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

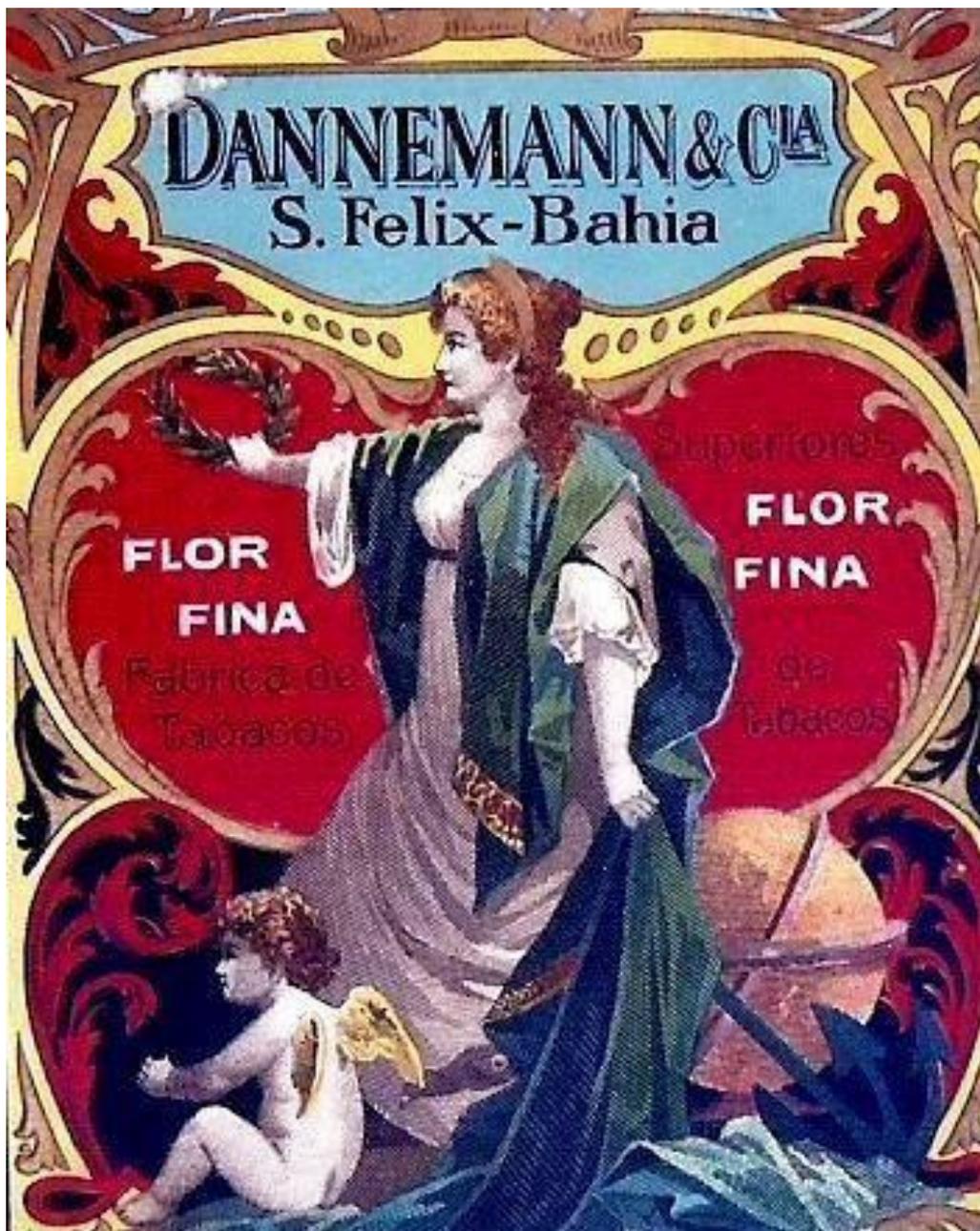
Anexo G – Litografias da indústria fumageira

Figura 1 - Litografias da indústria fumageira, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 2 - Litografias da indústria fumageira, primeira década do século XX



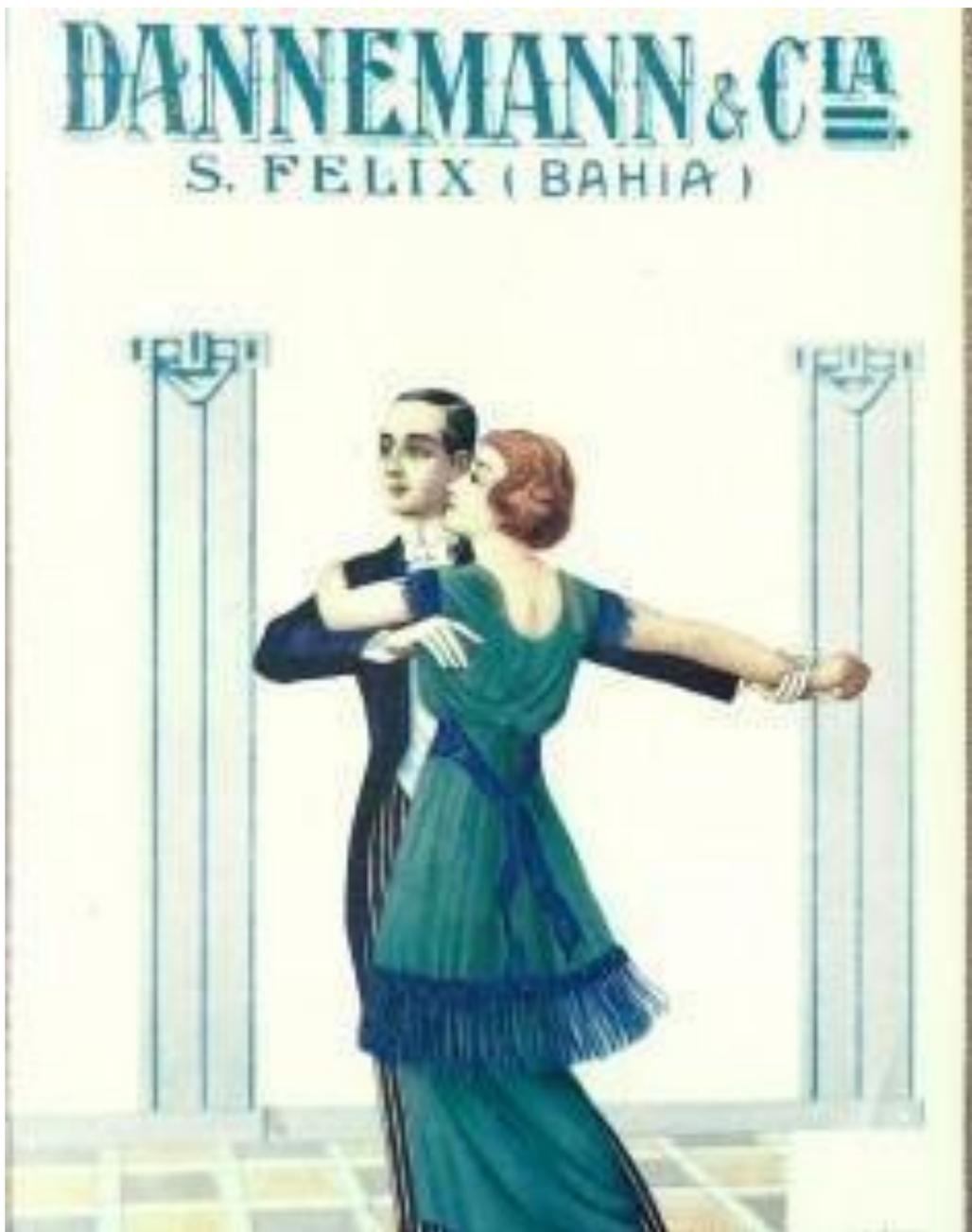
Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 3 - Litografias da indústria fumageira, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Figura 4 - Litografias da indústria fumageira, primeira década do século XX



Fonte: Arquivo Público de São Félix

Anexo H – Listagem das fontes do Arquivo Público de São Félix (APMSF)

Tabela 1 - Jornais

Documento	Localização	Data/Ano
A Ordem	Estante 37/Caixa	13/05/1922
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	29/11/1925
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	14/09/1922
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	02/04/1923
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	22/11/1925
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	13/01/1927
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	01/04/1925
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	02/04/1925
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	05/03/1925
A Vanguarda	Estante 37/Caixa 30	25/12/1925
A Pátria	Estante 37/Caixa 24	04/02/1893
A Defesa	Estante 37/Caixa 28	22/11/1929
A Defesa	Estante 37/Caixa 28	26/07/1929
O Norte	Estante 37/Caixa 25	Não foi possível identificar
O Paraguassú	Estante 37/Caixa 26	Dezembro 1910
O Paraguassú	Estante 37/Caixa 26	Outubro 1909

Tabela 2 – Correspondências

Documento	Localização	Data/Ano
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	16/07/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	23/07/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	11/11/1923
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	25/11/1923

Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	17/02/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	26/02/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	29/02/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	18/03/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/03/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	02/04/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	04/06/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	11/07/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	13/07/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	03/08/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	05/08/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	07/08/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	14/08/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	15/08/1924
Cartas internas da Dannemann	Estante 45, Caixa 01	30/08/1924

Tabela 3 – Livros de registros municipais

Documento	Localização	Data/Ano
Correspondências da intendência	Estante 01	1933-1942
Telegramas	Estante 01	1933-1942
Circulares	Estante 01	1933-1942
Atas da câmara municipal	Estante 01	1915-1919
Atas da câmara municipal	Estante 01	1923-1925

Tabela 4 – Fotografias

Documento/ Série	Localização	Data/Ano	N de fotografias
Atividades portuárias	Estante 39 /Caixa 03	Diversos	11
Cartões de Visita	Estante 39 /Caixa 03	Diversos	01
Dannemann	Estante 39 /Caixa 07	Diversos	24

Enchente		Estante 08	1930	02
Enchente		Estante 08	1940	20
Fábricas e armazéns		Estante 39 /Caixa 07	Diversos	06
Fichaderegistro empregados	de	Estante 45/Caixa 03	Diversos	04
Fiscalização estabelecimentos comerciais	de	Estante 39/Caixa 09	Diversos	04
Reforma do Prédio da prefeitura		Estante 39/Caixa 12	Diversos	09
Urbanização e remodelamento		Estante 39/Caixa 24	Diversos	30
Trabalhadores		Estante 39/Caixa 12	Diversos	23

Tabela 5 - Litografias

Documento/ Série	Localização	Data/Ano	N de fotografias
Indústria fumageira	Estante 39/Caixa 03	Diversos	09

Tabela 6 – Ações executivas municipais

Documento/ Nome	Localização	Data/Ano
Manoel Eduardo	Estante 39/livro 01	1910
Júlio Alves de Castro	Estante 39/livro 01	1910
Luís Francisco Assis	Estante 39/livro 01	1910
Antonio Gentil Tourinho	Estante 39/livro 01	1910
Domiciliano José Brandão	Estante 39/livro 01	1910
Rosalvo Oscar Teles	Estante 39/livro 01	1910
Braulino José Santos	Estante 39/livro 01	1910
Alfredo Borges Barros	Estante 39/livro 01	1910
Julio Machado Perreira	Estante 39/livro 01	1910
José Marinho Pinto	Estante 39/livro 01	1910

Tabela 7 – Relatórios do conselho municipal

Documento/ Nome	Localização	Ano
Relatório do conselho municipal	Estante 18/Caixa 02	1905
Relatório do conselho municipal	Estante 18/Caixa 02	1906
Relatório do conselho municipal	Estante 18/Caixa 02	1907
Relatório do conselho municipal	Estante 18/Caixa 02	1910
Relatório do conselho municipal	Estante 18/Caixa 02	19011

Anexo I - Listagem das fontes do Arquivo do Fórum Municipal de São Félix (AFSF)

Tabela 1 - Processos Cíveis

Documento/ Nome	Localização	Data/Ano
José Moreira de Souza	Estante 10/Caixa 02	16/02/1910
José Moreira de Souza	Estante 10/Caixa 02	12/08/1910
Tibério Augusto Pereira	Estante 10/Caixa 02	07/02/1908
José Francisco Menezes	Estante 10/Caixa 02	10/08/1906

Tabela 2 - Jornais

Documento	Localização	Data/Ano
A Vanguarda	Ano 1907/Caixa 01	28/02/1927
A Vanguarda	Ano 1907/Caixa 01	24/03/1926
A Ordem	Ano 1907/Caixa 01	18/09/1918
O Paraguassú	Ano 1907/Caixa 01	23/01/1908
O Paraguassú	Ano 1933/Caixa 01	30/06/1898

Anexo J - Listagem das fontes da Casa da Cultura de São Félix (CCS)

Tabela 1 - Fotografias

Documento/ Série	Localização	Data/Ano	N de fotografias
Atividades portuárias	-----	Diversos	06
Urbanização e remodelamento	-----	Diversos	06

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O Jogo das Diferenças: Raça Cultura e Cidadania Negra** (1880- 1900). Campinas: [s.n.], 2004.

ALMEIDA, Lucilia Neves. Memória, História e Sujeitos - Substrato da Identidade. **Revista História Oral**. São Paulo, n. 3, p. 109-116, 2000.

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil – Império**. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

ALVES, José Ramos de Almeida. Palestra proferida no Rotary Clube Cachoeira. São Félix, 9 de abril de 1952. **Correio de São Félix**. n. 876, 26 abr. 1952.

ARANTES, Erika Bastos. **O Porto Negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX**. Campinas: São Paulo, 2005.

BARCELAR, Jeferson. **A Hierarquia das Raças: Cor, Trabalho e Riqueza Após a Abolição em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BARICKMAN, B. J. **O Contra Ponto Baiano: Açúcar, Fumo, Mandioca e Escravidão no Recôncavo. 1780-1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota Sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e exportação do fumo na Bahia: 1870-1930**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Variedades de História Cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Pescadores e Baleeiros: a atividade da pesca da baleia nas últimas décadas dos oitocentos, Itaparica: 1860-1888. **Afro-Ásia**. Salvador, v. 33, p. 133-168, 2005.

CASTRO, Anfilóbio. **Muritiba**: sua história e seus fados 1559 - 1941. Digressões - Notas à Bahia. Bahia: Tipografia Naval, 1941.

CÉSAR, Elieser. **O império do tabaco**. Correio da Bahia. Salvador: jornal diário, 2000.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTAPINTO, L. A. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In: DEL PRIORI, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: **Seminário de História e Historiografia das Mulheres**. Salvador: ÁPEB, 30 de novembro de 1998.

DILL, Aidê Campello. **História e Fotografia**: Fragmentos do Passado. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

FONER, Eric. O Significado da Liberdade. **Revista Brasileira de História**. n. 9, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAGA FILHO, Walter. Depois da Liberdade: Tensão e Conflito no Pós- Abolição, Bahia 1888-1889. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos (Org.). **História Regional e Local**: Discussões e Práticas. Salvador: Quarteto, 2010.

_____. **Moleques, Mendigos e Vadios do Século XIX**. [S.l.]: HUCITEC; EDUFBA, 1996.

_____. **Encruzilhadas da Liberdade**: História de Escravos e Libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora Unicamp, 2006.

FREHSE, F. Cartões postais paulistanos da virada do século XX: problematizando a São Paulo 'moderna'. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 13, 2000. p. 127-154

FREUND, Gisèle. **La Fotografia Como Documento Social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.

GRINBERG, Keila. **O Fiador dos Brasileiros**: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio P. Rebouças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama da fotografia**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é Fotografia**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, Lenira da Costa. **A Lei do Ventre Livre e os caminhos da Liberdade em Pernambuco: 1871-1888**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MAIA, Iacy. **Os treze de maio: polícia e libertos na Bahia pós-abolição**. (1888-1889). Salvador: UFBA, 2002.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografias e as Dimensões Visuais do Privado e do Público na Trajetória de Imigrantes Libaneses no Rio de Janeiro (1900-1950)**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: Balanço Provisório, Propostas Cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003. p. 11-36.

MILTON, Santos. A Rede Urbana no Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

MONTEIRO, Charles. História, Fotografia e Cidade: Reflexões Teórico-Metodológica Sobre o Campo de Pesquisa. **Métis**. v. 5, 2006. p. 11-23.

MUAZE, M. A. F. **As Memórias da Viscondessa: Família e Poder no Brasil Império**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. v. 1.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

NAGIB, Lúcia. A imagem do negro. **Revista Imagens**. Etnias e Minorias. São Paulo: Editora da Unicamp, abr. 1995.

OLSZEWSKI FILHA, Sofia. **A Fotografia e o Negro na Cidade de Salvador: 1840-1914**. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagem**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

REIS, João José. De Olho no Canto: trabalho de rua na Bahia nas vésperas da abolição. **Revista Afro-Ásia**. Salvador, n. 24, 2000.

ROBERT Conrad. **Os Últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1888**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FERREIRA, Beatriz Rodrigues. Memória e esquecimento: a utilização da fotografia na pesquisa e a narratização da paisagem urbana a partir e suas casas em ruínas. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL, 4., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SANTANA, Geferson. **Clandestinidade, trabalho fabril e cotidiano no mundo fumageiro do Recôncavo da Bahia**. Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/lehrb/category/materiais-lehrb/divulgacao-historica-lehrb/>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SANTOS, Edmar Ferreira, **O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

SILVA, Elizabete R. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. Salvador: [s.n.], 2001.

_____. **Trabalho invisível e relações de gênero**. Disponível em: https://www.academia.edu/5545697/TRABALHO_INVISÍVEL_E_RELACÕES_DE_GÊNERO_-_MUNDOS_DO_TRABALHO. Acesso em: 18 jun. 2017.

_____. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano**. Salvador: EDUFBA, 2011.

WANNER, Celeste Maria. **Paisagens Sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

XAVIER, Luciana de Brito Brianti. **Políticas públicas de apoio ao empoderamento das charuteiras do Recôncavo da Bahia: um olhar de afirmação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2013.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 08 maio 2017.

